

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

D

Dã (Lugar), Dã (Pessoa), Dã-Jaã, Dã, Tribo de, Dabasete, Daberate, Dafne, Dagom, Dalfão, Dalila, Dalmácia, Dalmanuta, Daluia, Dâmaris, Damasco, Daná, Dança, Daniel (Pessoa), Daniel, Adições a, Daniel, Livro de, Danita, Dara, Darda, Darcom, Dardo, Dardo, Dárico, Dario, Datã, Datação por Carbono, Datema, Davi, Davi, Cidade de, Davi, Raiz de, Davi, Torre de, Deavitas, Debir (Lugar), Debir (Pessoa), Débora, Decálogo, Decápolis, Decretos de Deus, Dedã (Lugar), Dedã (Pessoa), Dedicção, Festa da, Dedo (Medida), Deformidade, Degraus, Canção dos, Delaías, Demas, Demétrio, Demofonte, Demônio, Denário, Dente-de-leão, Derbe, Descanso, Descida ao inferno, Desejo, Deserto, Deserto de Sim, Deserto de Sim, Desfavorecida, Sem compaixão, Dessau, Destino, Deuel, Deus como Pai, Deus, Ser E Atributos De, Deuses e deusas, Deuses gêmeos, Deutero-Isaías, Deuteronômio, Livro de, Di-Zaabe, Dia, Dia da Expição, Dia da Expição, Dia de Cristo, Dia do Senhor, Diabo, O, Diácono, Diaconisa*, Diadema, Diamante, Diana, Diáspora dos judeus, Dibla, Diblaim, Dibom, Dibom-Gade, Dibri, Dicla, Didaquê (Ensino), Dídimos, Didracma, Difate, Dileã, Dilúvio, o, Dilúvio, O, Dimas, Dimna, Dimom, Dimona, Diná, Diná, Dinaítas, Dinheiro, Diocleciano, Dion, Dionísio, Dioscorinto, Dióscuros, Diótrefes, Direito Civil e Justiça, Direito de nascimento, Direito penal e punição, Disã, Discernimento de espíritos, Disciplina, Discípulo, Discípulo amado, Disenteria, Disom, Dispersão dos judeus, Distribuição da terra, Dives, Dívida, Divindades e religião cananeia, Divisão da terra, Divórcio, Divórcio*, Certificado De, Dízimo, Dizimar, Dodai, Dodanim, Dodavá, Dodava, Dodô, Dodo, Doegue, Doença, Doença, Doença da pele, Doença dos intestinos, Dofca, Domiciano, Doninha, Dons Espirituais, Dor, Dorcas, Dormir, Dositeu, Dotã, Dote, Doutor da Lei, Doutor da Lei, Doze, os, Dracma, Dragão, Dromedário, Drusila, Dumá (Lugar), Dumá (Pessoa), Durá, Planície de, Dureza De Coração**

Dã (Lugar)

1. Uma cidade fenícia, inicialmente chamada Laís ou Lesém ([Js 18.7;19.47](#)). A tribo de Dã conquistou este lugar quando se mudou para o norte. A cidade estava localizada a um dia de viagem de Sidom. Estava em um vale perto de Bete-Reobe (v. [28](#)). Ficava na base sul do Monte Hermom. Dã era o ponto mais ao norte do antigo reino de Israel. As pessoas frequentemente usavam Dã como ponto de referência ao descrever toda a terra de Israel com a frase "de Dã a Berseba" (cp. [Jz 20.1](#); [2Sm 3.10](#)).

A cidade de Dã estava em uma localização estratégica, protegendo uma rota comercial principal que conectava Damasco a Tiro. Isso fazia de Dã um centro importante para negócios e comércio. O Nahr el-Leddán era uma das principais fontes do Rio Jordão, surgindo na área. Isso tornava o Vale de Huleh, abaixo de Dã, muito verde e fértil, mesmo nos verões quentes. Devido a essa terra

fértil, a área ao redor de Dã produzia muitas colheitas, como grãos e vegetais. A terra também fornecia bastante alimento para ovelhas, cabras e gado.

No início da Idade do Ferro, [Juizes 18.7](#) indica que Dã era uma cidade próspera. Mas, em meados do século XI a.C., alguém a destruiu. É provável que isso tenha sido resultado da ocupação pelos danitas. Jeroboão I tornou-se rei do reino separado do norte de Israel. Naquela época, Dã era um dos dois santuários onde os israelitas adoravam os bezerros de ouro. Arqueólogos encontraram o lugar alto em Tell el-Qadi (outro nome para Tell Dã). Este lugar alto era uma plataforma quadrada feita de pedra, medindo cerca de 18,6 por 6,1 metros. No entanto, nenhum vestígio da estátua do bezerro de ouro foi encontrado.

A adoração de Baal em Dã continuou mesmo depois que Jeú tentou removê-la ([2Rs 10.28-31](#)). Mais tarde, durante o reinado de Ben-Hadade, os sírios tomaram o controle de Dã (cp. com o v. [32](#)). Quando os sírios estavam ocupados defendendo sua fronteira oriental de ataques assírios durante o tempo de Jeroboão II (793-753 a.C.), Israel conseguiu retomar Dã.

No entanto, Dã não permaneceu sob controle israelita por muito tempo. As pessoas que viviam em Dã foram forçadas a se mudar para a Assíria. Isso ocorreu porque Tiglate-Pileser III deportou os habitantes de lá ([2Rs 17.6](#)). (Tiglate-Pileser III foi rei da Assíria de 745 a 727 a.C..)

No entanto, as pessoas continuaram a viver no local (cp. [Jeremias 4.15](#); [8.16](#)). O lugar alto, ou acrópole, na extremidade norte da cidade, continuou a ser usado para fins religiosos.

Esta área religiosa foi ampliada tanto na época grega quanto na romana. Uma estátua de Afrodite (uma deusa romana) desse período foi encontrada lá. Nos tempos do Novo Testamento, a cidade de Cesareia, que ficava a apenas alguns quilômetros de distância, tornou-se mais importante do que Dã. Segundo o historiador judeu Josefo, o general romano Tito reprimiu uma revolta em Dã em 67 d.C. ([Guerra 4.1](#)).

Veja também Dã (Pessoa); Dã, Tribo de.

2. A palavra "Dã" na ARC em [Ezequiel 27.19](#) é uma tradução de uma palavra hebraica obscura "Vedan". Na NTLH, essa mesma palavra é traduzida como "vinho", que era um produto de Uzal.

Veja também Uzal (local).

Dã (Pessoa)

Quinto filho do patriarca judeu Jacó. A mãe de Dã era Bila, serva da esposa de Jacó, Raquel ([Gn 30.1-6](#)). Os descendentes de Dã se estabeleceram em Israel com vista para a Planície de Hula, em território originalmente atribuído a Naftali, irmão (de pai e mãe) de Dã ([Gn 30.7-8](#); [35.25](#); [Js 19.32-48](#)). Os dois irmãos são mencionados juntos em várias referências (e.g. [Êx 1.4](#)).

O nome de Dã foi dado a ele não por Bila, mas por Raquel, que considerava a criança como sua. Raquel havia sido estéril por muito tempo — uma vergonha para as mulheres nas culturas antigas — e ela estava com ciúmes da outra esposa de Jacó, Lia, que já lhe havia dado quatro filhos. Raquel via o nascimento do filho de Bila como uma forma de evitar sua vergonha e como a vindicação de Deus de seu status como esposa. O nome Dã ("ele julgou") significava que Deus a havia julgado e a havia vindicado através do nascimento da criança ([Gn 30.6](#)).

Evidentemente, Dã teve apenas um filho para continuar sua linhagem, Husim ([Gn 46.23](#); "Suão", [Nm 26.42-43](#)). Na bênção patriarcal de Jacó, foi prometido a Dã o papel de "juiz" entre seu povo, mas também foi mencionado como alguém furtivo e perigoso, como uma serpente ([Gn 49.16-17](#)). Como essa bênção se manifestou na vida de seus descendentes é desconhecido. A pequena quantidade de informações dadas sobre o próprio Dã reflete a insignificância de sua tribo em tempos posteriores.

Veja também Dã (Lugar); Dã, Tribo de.

Dã-Jaã

Um lugar que marcou a fronteira norte do reino do Rei Davi ([2Sm 24.6](#)). Foi aqui que Joabe parou quando estava contando o povo para o censo de Davi.

Alguns estudiosos acreditam que esse nome pode ser um erro de cópia, já que não se conhece nenhuma cidade com um nome semelhante que tenha existido naquela área. Outros acreditam que significa "Dã na floresta" e está simplesmente se referindo à cidade de Dã. Ainda outros acham que pode ser uma cidade dentro do território de Dã, possivelmente chamada Jaã, mas todos os vestígios dessa cidade desapareceram com o tempo.

DÃ, Tribo de

O início da Tribo de Dã

Uma tribo israelita, nomeada em homenagem ao quinto filho de Jacó, Dã, e descendente de seu único filho conhecido, Husim (também referido como "Suão" em [Nm 26.42,43](#)). Nos seus primeiros anos, a tribo de Dã não se destacou significativamente nas narrativas bíblicas, embora alguns danitas notáveis tenham sido mencionados durante o período no deserto:

- Aoliabe, um artesão habilidoso envolvido na construção do tabernáculo ([Êx 31.6](#); [35.34](#); [38.23](#));
- Um homem cuja mãe se casou com um egípcio e que blasfemou (falou desrespeitosamente sobre) Deus ([Lv 24.11](#));
- Aiezer, príncipe líder de Dã, durante o Êxodo do Egito ([Nm 1.12](#)).

No primeiro censo no deserto, a tribo de Dã era a segunda maior, com 62.700 guerreiros ([Nm 1.38.39](#)). Eles foram instruídos a acampar no lado norte do acampamento dos israelitas, junto com Aser e Naftali ([Nm 2.25-31](#)). Eles também estavam na retaguarda durante a marcha ([Nm 2.31](#); [10.25](#)). No segundo censo, pouco antes de entrarem na terra prometida, a tribo havia crescido para 64.400 guerreiros, mantendo sua posição como a segunda maior tribo ([Nm 26.42.43](#)).

A Tribo de Dã se move para o norte

A tribo não é destacada durante as narrativas de conquista (histórias sobre a tomada da terra, [Dt 2.16-3.29](#); [Js 1-24](#); [Jz 1](#)). Dã é listada entre as tribos que lembraram Israel das maldições da aliança (avisos sobre quebrar o acordo de Deus) no Monte Ebal ([Dt 27.13](#); compare [Js 8.30-33](#)). A tribo é chamada de "filhote de leão" na bênção de Moisés ([Dt 33.22](#)). Alguns acreditam que a referência a "Basã" nessa bênção sugeria a mudança de Dã para o norte, onde eventualmente se estabeleceram.

Uma das referências mais significativas à tribo de Dã é o relato de sua mudança para o norte ([Js 19.40-48](#); [Jz 18](#)). Os danitas receberam um território entre Judá e Efraim que fazia fronteira com a costa do Mediterrâneo ([Js 19.40-46](#); [Jz 5.17](#)), mas não conseguiram permanecer nesta terra, exceto pelo vale em Zorá e Estaol ([Jz 13.25](#); [18.2](#)). Como resultado, um grupo de danitas desanimados marchou para o norte e capturou Laís, localizada cerca de 40 quilômetros (25 milhas) ao norte do Mar da Galileia e logo abaixo do norte de Israel. Laís foi renomeada Dã naquela época ([Jz 18.27-29](#)). Seu território ao norte levou à expressão "de Dã a Berseba" ([Jz 20.1](#); [2Sm 3.10](#)) como definição das fronteiras norte e sul de Israel.

A Tribo de Dã se afastando de Deus

Enquanto o assentamento norte de Dã se tornou importante, a parte sul da tribo continuou por um

tempo, como mostrado pelas ações de Sansão, um danita ([Jz 13-16](#)). Com o tempo, no entanto, os danitas do sul parecem ter se fundido na tribo de Judá, pois não há mais referências históricas à tribo danita do sul no Antigo Testamento. No entanto, os danitas são mencionados durante o reinado do Rei Davi como construindo um grande e leal exército ([1Cr 12.35](#); [27.22](#)).

Os danitas estavam entre as tribos que não forçaram os cananeus a deixar seu território ([Js 13.4.5](#); compare [Jz 1.34.35](#)). Josué teve que encorajá-los a assumir a tarefa durante a assembleia em Siló ([Js 18.1-4](#); [19.40-48](#)). Eventualmente, os danitas abandonaram seu território ao sul e se mudaram para o norte, onde a conquista era mais fácil. Sua desobediência foi ainda mais demonstrada ao estabelecerem uma "imagem de escultura" e um sacerdócio rival, mesmo que seu sacerdote fosse um levita ([Jz 18.30-31](#)). Eles permaneceram idólatras, e após a divisão de Israel, o rei Jeroboão do reino do norte de Israel escolheu a cidade de Dã como um dos locais para os santuários de ídolos, onde ele colocou bezerros de ouro ([1Rs 12.28-29](#)). Os crimes da tribo, juntamente com os das outras tribos do norte, continuaram ([2Rs 10.29](#)) até sua eventual captura pelos assírios ([2Rs 17.1-23](#)).

Apesar de terem se afastado de Deus anteriormente, o nome da tribo de Dã é mencionado na visão de Ezequiel sobre a terra restaurada idealizada e Jerusalém ([Ez 48.1-2.32](#)). No Novo Testamento, o apóstolo João não incluiu a tribo em uma lista das tribos de Israel ([Apocalipse 7.4-8](#)).

Veja também ISRAEL, História de; Dã (pessoa); Dã (lugar).

Dabasete

Designação para a corcova de um camelo ([Js 30.6](#)). O nome também se refere a uma cidade ("colina da corcova do camelo") situada na fronteira oeste da terra atribuída à tribo de Zebulom como herança ([Js 19.11](#)).

Daberate

Cidade no território de Issacar dada à família levita de Gérson ([Js 21.28](#); [1Cr 6.72](#)). Estava localizada a oeste do Monte Tabor, na fronteira entre Issacar e

Zebulom, e foi identificada com a moderna Deburiyeh.

Veja também Cidades Levíticas.

Dafne

Um belo bosque e santuário de Apolo localizado perto de Antioquia na Síria. O governante grego Seleuco I viveu aqui e construiu uma enorme estátua de Apolo, além de um templo. Aqui, criminosos e refugiados políticos podiam buscar asilo, pois era ilegal prender alguém dentro de Dafne. Em [2 Macabeus 4.33](#), o sumo sacerdote Onias, que tinha sido fiel a Yahweh ao repreender corajosamente o Rei Menelau, se escondeu aqui. No entanto, ele foi levado para fora por meio de uma trapaça e assassinado.

Dagom

Divindade adorada em todo o mundo mesopotâmico. No AT, Dagom é o deus principal dos filisteus ([Jz 16.23](#); [1Sm 5.2-7](#); [1Cr 10.10](#)). Santuários para Dagom foram encontrados nos territórios de Israel ([Bete-Dagom, Js 15.41](#); [19.27](#)).

Veja Deuses e religião cananeias.

Dalfão

O filho de Hamã foi morto pelos judeus após o complot contra Mordecai ([Et 9.7](#)).

Dalila

Dalila era uma mulher que se tornou amante de Sansão e o traiu para seus inimigos filisteus ([Jz 16](#)). Nessa época (por volta de 1070 a.C.), os filisteus controlavam o sul de Israel. Deus escolheu Sansão para começar a libertar Israel desse controle. Como Sansão era tão bem-sucedido contra eles, os cinco governantes filisteus ofereceram a Dalila uma grande quantia de dinheiro para ajudá-los a capturá-lo, descobrindo o segredo de sua grande força.

Dalila era do Vale de Soreque, localizado no canto sudeste do território de Dã, a apenas alguns quilômetros da casa de Sansão em Zorá. Está claro em [Juízes 14.1](#) que Dalila era uma filisteia. No

entanto, ela aceitou uma grande recompensa (5.500 peças de prata), o que sugere que foi motivada por dinheiro em vez de lealdade ao seu povo. A maneira como interagiu livremente com os homens sugere que ela pode ter sido uma prostituta.

Dalila tentou três vezes descobrir o segredo de Sansão sem sucesso. Na quarta tentativa, ela finalmente enganou Sansão para que ele lhe contasse a verdade. Sua força vinha de Deus. Seu cabelo comprido mostrava que ele estava sob um voto de nazireu ([Nm 6.1-8](#)). Isso significava que ele se havia separado para um serviço especial a Deus ([Jz 13.5](#)). Seu cabelo nunca deveria ser cortado. Dalila fez Sansão adormecer, cortou seu cabelo e o entregou aos seus inimigos enquanto ele ainda não estava ciente do que estava acontecendo.

Veja também Sansão.

Dalmácia

Dalmácia era uma região montanhosa na costa leste do Mar Adriático, em frente à Itália. Os dálmatas eram uma tribo ilíria (grega) ou um grupo de tribos que se uniram. Eles vieram da área ao redor da cidade de Delmion (ou Delminium). Seus ataques a navios no mar causaram muitos problemas aos romanos até que o Imperador Otaviano (também conhecido como César Augusto) os controlou em 33 a.C.

Na época do apóstolo Paulo, Dalmácia era o nome de uma província romana. Sua fronteira sul era a Macedônia, mas sua fronteira norte é incerta. O Novo Testamento faz uma referência a esta província. Em [2Tm 4.10](#), Tito é mencionado como tendo viajado para lá. Não nos é dito por que ele foi. Pode ser que Paulo tenha organizado algumas igrejas lá. Também é possível que Tito tenha ido para ensinar sobre o Cristianismo em uma nova área.

Dalmanuta

Área no lado oeste do Mar da Galileia, perto do extremo sul da planície de Genesaré. Sua localização exata é incerta. Jesus e seus discípulos ficaram lá brevemente após o incidente da alimentação dos 4.000 ([Mc 8.10](#)). Os fariseus vieram a ele buscando um sinal do céu para testá-lo. Após sua resposta de que nenhum sinal seria dado a esta geração (v. [12](#)), ele partiu de lá.

A palavra “Dalmanuta” está presente nos melhores manuscritos, embora outras fontes registrem Magadã ou Magdala. A passagem paralela em [Mateus 15.39](#) cita Magadã. Por causa disso, o nome exato e a localização têm sido difíceis de identificar. Provavelmente os vários nomes são usados para designar o mesmo local ou pelo menos dois lugares na mesma área.

Veja também Magadã; Magdala.

Daluia

Outra grafia de Quileabe, o segundo filho do rei Davi, presente na LXX.

Veja Quileabe.

Dâmaris

Uma mulher que se tornou seguidora de Jesus na cidade de Atenas após ouvir Paulo ensinar lá ([At 17.34](#)). Como Lucas a menciona pelo nome na Bíblia, ela pode ter sido uma pessoa importante em Atenas (veja [At 13.50](#); [17.12](#)).

Damasco

Cidade oásis síria protegida por montanhas em três lados e situada em rotas comerciais a cerca de 250 quilômetros a nordeste de Jerusalém. O nome Damasco também pode se referir à área circundante e ao estado sírio do sul. Embora próxima ao deserto, o distrito é rico em amêndoas, damascos, algodão, linho, grãos, cânhamo, azeitonas, pistaches, romãs, tabaco, vinhedos e nozes. Essas culturas crescem bem porque a terra é irrigada por dois rios: o Nahr Barada, “o Fresco” (bíblico Abana), que corre das montanhas do noroeste através de um desfiladeiro profundo até a cidade; e o Nahr el-A waj, “o Torto” (bíblico Farfar), que flui de oeste para leste. Juntos, os dois rios irrigam 644 quilômetros quadrados de terra. Sua beleza e importância nos tempos bíblicos são transmitidas pelas palavras altivas de Naamã, um residente da área, que quase se recusou a lavar sua lepra no Jordão, como Eliseu havia prescrito, porque era um rio tão pobre em comparação com o Abana e o Farfar ([2Rs 5](#)).

Das várias rotas comerciais que convergiam na área, uma levava a Tiro e descia pela costa do Mediterrâneo, outra ia para Megido e

eventualmente para Mênfis e Egito, e uma terceira para o Golfo de Ácaba.

A primeira menção bíblica de Damasco ([Gn 14.15](#)) refere-se à cidade em conexão com o ataque bem-sucedido de Abraão à confederação de reis que sequestraram Ló e sua família. A Bíblia não menciona a cidade novamente até o tempo de Davi (c. 1000 a.C.).

Israel ocupava uma posição estratégica ao longo das rotas comerciais entre a Mesopotâmia e o Egito. Embora no tempo de Josué e dos juízes Israel estivesse em conflito com seus vizinhos imediatos, os amorreus, moabitas, filisteus, amonitas e midianitas, havia relativamente pouca oposição da Síria.

Na época de Saul, Zobá, um reino arameu ao norte de Damasco, ameaçava os israelitas. Damasco possivelmente estava em aliança com Zobá nesse período, e os israelitas travaram uma ação defensiva ([1Sm 14.47](#)). Davi posteriormente derrotou Hadadezer de Zobá e ganhou controle sobre o sul da Síria e Damasco, onde guarneceu suas tropas. As forças de Davi sob o comando de Joabe continuaram a ter sucesso, e tributo foi enviado de Damasco para Israel. Um dos oficiais de Hadadezer, Rezom, desertou e formou um grupo guerrilheiro na área de Damasco. Posteriormente, no reinado de Salomão, ele até mesmo erodiu o controle econômico dos israelitas na região e se estabeleceu como rei em Damasco por volta de 940 a.C. ([1Rs 11.23–25](#)).

Durante o reinado de Ben-Hadade I, por volta de 883–843 a.C., soldados de Damasco sitiaram Samaria e enviaram termos razoáveis a Acabe, que foram aceitos rapidamente. Damasco estava no auge de seu poder quando Ben-Hadade realizava campanhas bem-sucedidas contra os assírios. Nessa época, quando Jeorão, filho de Acabe, era rei de Israel, Naamã, o leproso, um capitão sírio, foi curado pelo profeta Eliseu ao aceitar humildemente a cura prescrita.

A estratégia de superar o reino matando o rei tinha sido bem-sucedida para Ben-Hadade em sua luta com Acabe, e ele continuou a seguir a mesma política. Pouco depois, em um esforço adicional para subjugar Samaria, ele enviou esquadrões de assassinato para matar Jeorão ou o profeta Eliseu. O Senhor preservou as vidas dos perseguidos, e o sírio atacou sem sucesso. Vários anos depois, Eliseu, que havia ganhado o respeito dos sírios, entrou em Damasco corajosamente e anunciou que a doença de Ben-Hadade não era fatal, mas que sua

morte era iminente. Ben-Hadade foi então assassinado por Hazael, que o sucedeu. Embora Damasco tenha sido derrotada de forma contundente pela Assíria por volta de 838 a.C., Hazael se recuperou rapidamente, e por volta de 830 a.C. outras previsões de Eliseu foram cumpridas. As tropas damascenas então controlaram grandes áreas do território palestino, e o tesouro do templo foi usado para subornar os sírios e salvar Jerusalém ([2Rs 12.17-18](#)).

Planejando continuar a sujeição de Israel, Ben-Hadade II se viu tendo que lidar, em vez disso, com ataques retomados da Assíria. Em 803 a.C., Damasco tornou-se tributária da Assíria, mas as forças do norte não conseguiram manter a área. Após uma nova campanha em que a Assíria novamente se mostrou dominante, uma Damasco enfraquecida foi incapaz de sufocar uma rebelião israelita em 795 a.C. Na época de Jeroboão II, os damascenos foram forçados a pagar tributo a Samaria ([2Rs 14.28](#)).

Por volta de 738 a.C., os sírios, liderados por seu novo líder Rezim, uniram forças com Peca, rei de Israel, para subjugar Judá. Muitas terras foram capturadas, embora o cerco a Jerusalém tenha sido malsucedido ([2Rs 16.5-6](#); [2Cr 28.5](#)). Neste momento de aparente sucesso para Damasco, a ruína da cidade foi predita por Isaías ([Is 8.4](#); [17.1](#)), Amós ([Am 1.3-5](#)) e Jeremias ([Jr 49.23-27](#)). Rejeitando Deus, Acaz de Judá buscou proteção em uma aliança com os assírios, a quem subornou com o tesouro do templo. O rei assírio Tiglate-Pileser III ("Pul") concordou e marchou contra a confederação siro-israelita. Após derrotar Israel, ele atacou Damasco, saqueou a cidade, deportou a população e a substituiu por estrangeiros de outras terras capturadas. Damasco deixou de ser uma cidade-estado independente.

Devido à sua localização estratégica, Damasco manteve-se importante, e os assírios usaram a cidade como capital provincial. Seus registros mencionam a cidade em 727, 720 e 694 a.C., e também nos dias de Assurbanípal (669-663 a.C.). A dominação mundial assíria sucumbiu à de Neo-Babilônia, que foi posteriormente substituída pela de Medo-Pérsia. Durante o período de controle persa, Damasco foi um notável centro administrativo. Sob o regime de Alexandre, o Grande, a importância de Damasco foi diminuída pelo aumento da significância comercial de Antioquia.

Durante os tempos intertestamentais, Damasco passou de um governante para outro. Após a morte

de Alexandre, a cidade foi controlada pelos Ptolomeus do Egito e pelos Selêucidas da Babilônia. Pouco antes de 100 a.C., a Síria foi dividida, com Damasco se tornando a capital da Coele-Síria. Seus reis não-sírios enfrentavam constantemente problemas internos com a economia e externos com os partas, hasmoneus e nabateus, que sob Aretas controlaram Damasco de 84 a 72 a.C. Subsequentemente, a autoridade passou para os hasmoneus, descendentes dos Macabeus, e depois para os idumeus (os Herodes). A área foi submetida ao domínio romano após a derrota da Síria pelos romanos em 65 a.C.

Pouco depois da morte de Cristo, os nabateus recuperaram o controle da área, governando Damasco a partir de Petra através de um etnarca. Estava sob o controle de um nomeado árabe, provavelmente Aretas IV, quando Saulo de Tarso buscou autoridade judaica para purgar Damasco de seus cristãos ([2Cor 11.32](#)). O relato de Lucas em [Atos 9](#), corroborado pela própria confissão de Paulo ([At 22.5-21](#); [26.11-23](#)), narra a visão de Saulo, sua cegueira e subsequente conversão na estrada para Damasco. Isso pode ter ocorrido perto do local onde soldados sírios foram cegados ao planejar assassinar Eliseu ([2Rs 6.18-23](#)). Depois que a visão de Saulo foi restaurada em uma casa na rua chamada "Direita", ele pregou o cristianismo. Aparentemente, o tumulto no bairro judeu em relação à sua pregação foi tão grande que o etnarca estava disposto a tolerar o assassinato de Saulo por judeus ortodoxos. [Atos 9.23-25](#) descreve sua fuga para Jerusalém. Damasco não é mencionado posteriormente na história bíblica.

Veja também Síria, Sírios.

Daná

Cidade localizada na região montanhosa de Judá, entre Socó e Quiriate-Sana (Debir) ([Is 15.49](#)).

Dança

Forma de expressão artística incorporada na adoração de Israel, usada especialmente durante tempos de celebração.

Veja Música.

Daniel (Pessoa)

3. O segundo filho de Davi, o primeiro com sua esposa Abigail ([1Cr 3.1](#)). Ele também é chamado de Quileabe ([2Sm 3.3](#)).

Veja também Quileabe.

4. Um sacerdote que veio da linhagem de Itamar. Após o retorno do povo judeu do exílio (quando foram forçados a viver na Babilônia), Daniel assinou um acordo especial (aliança) com Esdras e Neemias. Nesta aliança, eles prometeram ser fiéis a Deus ([Ed 8.2](#); [Ne 10.6](#)).
5. Um estadista e profeta judeu na corte babilônica. Como profeta, Daniel recebeu visões de Deus. Sua carreira é narrada no livro de Daniel, que conta sua história. Não sabemos nada sobre a vida inicial de Daniel, seus pais ou família. No entanto, ele provavelmente veio de uma família judaica importante ([Dn 1.3](#)).

Daniel pode ter nascido durante o período das reformas religiosas do Rei Josias (por volta de 621 a.C.). Se for o caso, ele teria cerca de 16 anos quando o Rei Nabucodonosor levou Daniel, junto com Hananias, Misael e Azarias, de Jerusalém para Babilônia. O rei babilônico pode ter levado esses jovens para garantir que a família real em Judá cooperasse com Babilônia.

Os babilônios deram a Daniel um novo nome, Beltessazar (que significa "que Bel [deus] proteja sua vida"). Ele foi treinado para o serviço na corte e rapidamente se destacou por sua inteligência e fidelidade ao seu Deus. Após três anos de treinamento, ele iniciou uma carreira na corte que durou quase 70 anos ([Dn 1.21](#)).

Daniel mal havia terminado seu treinamento quando foi solicitado a interpretar um dos sonhos de Nabucodonosor. No sonho, uma grande imagem caiu e se transformou em pó ao ser atingida por uma pedra. Deus revelou o significado a Daniel, que o explicou ao rei. Nabucodonosor agradeceu a Daniel e ofereceu-lhe o cargo de governador da Babilônia. Daniel pediu que a honra fosse dada a seus três companheiros (Sadraque, Misaque e Abednego), que também foram forçados a viver na Babilônia.

Perto do fim da vida de Nabucodonosor, Daniel foi capaz de interpretar um segundo sonho ([Dn 4](#)). Esse sonho previu que o rei em breve viveria como um animal selvagem por um tempo, incapaz de governar. Daniel instou o rei a se arrepender, mas ele não o fez ([4.27](#)). Como resultado, ele ficou louco por um período de tempo.

O rei Nabucodonosor morreu em 562 a.C.. Após isso, Daniel não era mais tão importante na corte real. Ele pode ter ocupado uma posição inferior. Por vários anos, ele ficou fora da vista do público. Durante esse tempo, Deus deu a Daniel visões especiais em 555 e 553 a.C., durante o primeiro e terceiro anos em que um homem chamado Belsazar estava governando Babilônia ([Dn 7-8](#)).

Foi somente em 539 a.C. que Daniel fez outra aparição pública. Durante um banquete oferecido por Belsazar, o rei desrespeitou vasos sagrados (copos e tigelas) que haviam sido roubados do Templo de Jerusalém. Uma mão apareceu sozinha e escreveu palavras estranhas na parede do palácio: "Mene, Mene, Tequel, Parsim". Ninguém sabia o que essas palavras significavam. O rei chamou Daniel para explicar a mensagem. Daniel disse a ele que Deus estava avisando que o reino da Babilônia em breve terminaria. Naquela mesma noite, isso se concretizou. O exército persa atacou a cidade, e Belsazar foi morto ([5.30](#)).

Depois disso, um novo governante chamado Dario, o Medo, assumiu o controle. Ele escolheu Daniel como um dos três principais líderes para ajudar a administrar o reino ([6.2](#)). Daniel fez seu trabalho tão bem que outros oficiais ficaram muito ciumentos. Eles queriam se livrar dele, mas não conseguiram encontrar nada de errado com seu trabalho.

Esses oficiais elaboraram um plano. Eles convenceram o Rei Dario a criar uma nova lei que dizia que as pessoas só podiam orar ao rei. A punição por violar a lei era ser jogado em uma cova de leões. Daniel sabia dessa lei, mas continuou a orar a Deus três vezes ao dia, como sempre fazia. Quando os oficiais pegaram Daniel orando, eles o levaram ao rei. Embora o rei não quisesse punir Daniel, ele teve que seguir sua própria lei. Daniel foi jogado na cova dos leões. No entanto, Deus protegeu Daniel, e os leões não o machucaram de forma alguma. No dia seguinte, quando o rei encontrou Daniel vivo e ileso, ele restaurou Daniel à sua alta posição (vv. [17-28](#)).

A última parte do livro de Daniel descreve várias visões que ele recebeu sobre eventos futuros. As

visões tratavam de quatro bestas (cap. 7), reinos futuros (cap. 8), a vinda do líder escolhido por Deus, o Messias (cap. 9), e Síria e Egito (caps. 11-12). O profeta Ezequiel referiu-se à grande sabedoria de Daniel ([Ez 28.3](#)). Ele também o comparou em retidão com Noé e Jó ([14.14,20](#)).

Veja também Daniel, Livro de; Diáspora dos Judeus; Profeta, Profetisa.

Daniel, Adições a

Um livro que faz parte das obras deuterocanônicas (livros que apenas algumas tradições cristãs consideram como Escritura). Consiste em três seções adicionais ao livro de Daniel. Este material adicional é encontrado apenas na tradução grega do livro de Daniel do Antigo Testamento. Não foi incluído nas cópias antigas em hebraico-aramaico de Daniel.

A primeira adição é "Oração de Azarias e o cântico dos três jovens", que foi colocada entre [Daniel 3.23](#) e [3.24](#). Esses 68 versículos descrevem o que ocorreu com Hananias, Azarias e Misael na fornalha ardente.

A segunda adição é "Susana e os anciãos", uma história sobre uma mulher que Daniel salvou de uma execução injusta. A localização desta história no texto varia. Na Septuaginta e na Vulgata Latina (duas traduções antigas da Bíblia), ela segue [Daniel 12](#). As versões em latim antigo, copta e árabe a colocam antes do capítulo 1. Isso se deve à aparente juventude de Daniel dentro da história.

A terceira adição é "Bel e o Dragão". É uma história de Daniel enganando sacerdotes pagãos e matando um dragão "sem espada ou porrete". A Igreja Católica Romana inclui as Adições a Daniel em seu cânon (a lista oficial de livros considerados Escritura).

Resumo

- Oração de Azarias e o cântico dos três jovens;
- Susana e os anciãos;
- Bel e o Dragão.

Oração de Azarias e o cântico dos três jovens

Este capítulo é uma oração por libertação e um cântico de louvor pelos três jovens judeus lançados na fornalha ardente do rei Nabucodonosor. Esses três jovens e Daniel foram levados à corte do rei

abilônico durante o exílio do reino de Judá ([Dn 1.1-6](#)). Azarias foi renomeado Abed-Nego (v. 7).

Ele e seus dois amigos se recusaram a adorar a estátua de ouro do rei e foram condenados à morte ([Dn 3.1-23](#)). No entanto, eles foram salvos por Deus e "não havia cheiro de fogo neles" (v. 24-27). O rei percebeu que o Deus deles os salvou e ordenou que ninguém jamais desonrasse o Deus deles (v. 28-30).

Como mencionado acima, a Oração e o Cântico são encontrados apenas nas primeiras versões gregas e latinas de Daniel. As adições foram escritas entre o Antigo e o Novo Testamento. Não está claro em que idioma foram escritas. Essas duas seções foram possivelmente escritas em hebraico. No entanto, elas aparecem pela primeira vez na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento do segundo ou terceiro século a.C. Essas seções extras foram colocadas após [Daniel 3.23](#). Assim, Daniel continha 68 versículos extras na Septuaginta entre [Daniel 3.23](#) e [3.24](#). Os primeiros 22 versículos são a Oração de Azarias.

Quando Jerônimo traduziu a Bíblia para o latim no quarto século d.C., ele manteve as adições, mesmo que não estivessem nos textos originais. A Bíblia "Vulgata" de Jerônimo incluía 14 ou 15 livros ou partes de livros que não são considerados Escritura. Esses escritos são conhecidos como os livros apócrifos do Antigo Testamento. Essas seções geralmente não são incluídas nas Bíblias protestantes. Quando Martinho Lutero traduziu a Bíblia para o alemão em 1534 d.C., ele separou essas seções para o final do Antigo Testamento. Ele escreveu que os apócrifos (termo originário da forma plural "Apocrypha" de uma palavra grega que significa "oculto") era "útil e bom para ler", mas não igual ao restante da Bíblia.

A oração de Azarias é um exemplo "útil e bom" de oração. É semelhante à oração de Daniel em [Daniel 9.3-19](#) e também a alguns salmos bíblicos (como os Salmos 31 e 51). Contém confissão, arrependimento e um pedido de ajuda. Azarias admite que o povo de Deus merece justiça "por causa dos nossos pecados", mas pede a Deus que se lembre de sua promessa de abençoar os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó. Ele oferece "um coração contrito e um espírito humilde" como sacrifício e promete a si mesmo e seus companheiros a Deus.

Após a oração de Azarias, "o anjo do Senhor" desce e transforma o interior da fornalha em um ambiente com um vento úmido e sibilante. Os três

jovens louvam a Deus “como se fossem uma só boca”. O cântico deles, assim como o [Salmo 148](#), pede a toda a criação para “bendizer o Senhor”.

Suzana e os anciãos

Na Septuaginta grega e na Vulgata latina, esta história vem após o livro de Daniel. O autor provavelmente era um judeu vivendo na Palestina no primeiro século a.C. No entanto, a história ocorre na Babilônia.

Suzana era filha de Hilquias. Ela era uma mulher muito bonita e casada com Joaquim. Joaquim era um homem rico e respeitado. Ele permitia que os exilados judeus entrassem em seu belo jardim, o que aumentava ainda mais seu prestígio. Os anciãos e juízes se reuniam no jardim. Em algum momento, dois anciãos que haviam sido eleitos como juízes se sentiram atraídos por Suzana. Eles frequentavam o jardim de Joaquim porque eram juízes. Em algumas ocasiões, os dois juízes ficavam observando Suzana. Eles não sabiam que ambos sentiam o mesmo por ela. Um dia, foram forçados a confessar um ao outro seu desejo por Suzana. Eles elaboraram um plano para seduzir Suzana.

Suzana costumava se banhar na piscina do jardim para se refrescar quando estava calor. Um dia, ela foi à piscina com suas duas criadas para se banhar. As três mulheres não sabiam que os dois juízes estavam lá porque estavam escondidos. Quando as duas criadas saíram para buscar sabão e azeite, os juízes se aproximaram de Suzana. Eles confessaram seu desejo por ela e pediram para dormir com ela. Os dois juízes tinham feito um plano. Se Suzana dissesse não, eles mentiriam e diriam que Suzana estava cometendo adultério com um jovem. Suzana acreditava que o adultério era um pecado punível com a morte. Então, ela recusou os juízes, gritou por ajuda e esperou que sua família a protegesse. Os juízes então acusaram falsamente Suzana aos seus servos.

Suzana foi levada ao tribunal. Os homens eram respeitados na comunidade, e ambos testemunharam contra Suzana. Ela não teve chance de um julgamento justo. O tribunal a considerou culpada de adultério e a sentenciou à morte. Mas um homem chamado Daniel interveio. Ele pediu para que o julgamento fosse reaberto, pois queria questionar as testemunhas separadamente. Quando foram ouvidos novamente, os testemunhos dos homens eram diferentes. Um afirmou que tinha visto Suzana com o jovem debaixo de uma árvore de cravo, enquanto o outro disse que os tinha visto juntos debaixo de um carvalho. Com essas

discrepâncias, o tribunal percebeu que os juízes estavam mentindo, e Suzana era inocente. Os dois juízes foram condenados à morte por causa de sua falsidade.

Existem três propósitos para esta história.

6. Isso celebra a piedade e virtude de Suzana. Também condena a corrupção dos juízes, pois eles "não oravam mais a Deus, mas deixavam seus pensamentos se afastarem dele e esqueciam" sua moralidade.
7. Rejeita um método legal onde duas testemunhas poderiam falsamente acusar alguém que seu testemunho poderia ser aceito como verdadeiro. Nabote, Jesus e outros foram acusados por falsas testemunhas e considerados culpados sem que os acusadores fossem questionados.
8. A história apresenta Daniel, um jovem que é mais sábio que os anciãos.

Bel e o Dragão

O livro "Bel e o Dragão" é considerado um livro apócrifo pelas igrejas protestantes (e não está incluído na lista de livros considerados Escritura). No entanto, a Igreja Católica Romana o confirmou como canônico (e o incluiu na lista de livros considerados Escritura) no Concílio de Trento (1545–1563).

O livro contém duas histórias sobre Daniel:

- A história de Bel;
- A história do dragão.

O livro se passa na Babilônia durante o reinado do rei Ciro. Daniel era respeitado pelo rei e vivia como seu companheiro. No entanto, ele continuava a adorar a Deus e a orar. Ciro e os babilônios adoravam Bel, também conhecido como Marduke (Merodaque no Antigo Testamento).

Um dia, o rei ordenou que Daniel adorasse Bel, alegando que ele era um deus poderoso por causa de seu grande apetite. O rei explicou que todos os dias Bel comia 12 alqueires (ou 432 litros) de farinha, 40 ovelhas e 50 galões (ou 189 litros) de vinho. Para os locais, Bel era claramente um deus poderoso. Daniel argumentou que um ídolo é feito de argila e bronze, e não poderia comer a comida. Daniel afirmou que poderia provar isso. O rei ficou

zangado e pediu aos sacerdotes que explicassem o que aconteceu com a comida. Eles responderam que foi comida pelo deus.

No dia seguinte, a comida foi colocada no templo. Sem o conhecimento dos sacerdotes, Daniel fez com que seus servos espalhassem cinzas finas no chão. O templo foi trancado com os anéis de sinete do rei e dos sacerdotes. Na manhã seguinte, os selos não foram quebrados, e todos entraram no templo. O rei viu que a mesa estava vazia e louvou Bel. No entanto, Daniel apontou para pegadas nas cinzas. Os sacerdotes estavam entrando por uma porta secreta e removendo a comida. Ciro ordenou que os 70 sacerdotes e suas famílias fossem mortos e permitiu que Daniel destruísse o templo.

O segundo conto é sobre a adoração de um dragão (possivelmente uma serpente). Os babilônios adoravam um dragão. O rei argumentou com Daniel que ele estava vivo porque todos o tinham visto comer e beber. Daniel recusou o pedido do rei para adorar um ídolo. Daniel até pediu para matar o dragão sem usar espada ou porrete. Isso parecia impossível para o rei, então ele permitiu que Daniel tentasse matar o dragão. Daniel misturou piche, gordura e cabelo, ferveu tudo junto, formou bolos e os deu ao dragão. O dragão explodiu e morreu. Os babilônios ficaram furiosos porque seu deus-dragão havia morrido e confrontaram o rei. Eles acreditavam que ele havia se convertido ao judaísmo. Para evitar a ira deles, o rei entregou Daniel a eles para ser morto.

Todos os dias, dois criminosos eram jogados em uma cova com sete leões. Quando Daniel foi jogado na cova, os leões não tinham sido alimentados. Mas, após seis dias, Daniel ainda estava vivo. Em uma adição posterior ao texto, o Senhor enviou um anjo ao profeta Habacuque e ordenou que ele levasse comida para Daniel. Habacuque argumentou que nunca tinha estado na Babilônia. Então, o anjo o pegou pelos cabelos e o levou até a cova dos leões. Habacuque disse a Daniel que o Senhor havia se lembrado dele e lhe trouxe a comida.

No dia seguinte, o rei chegou para lamentar por Daniel. No entanto, ele encontrou seu amigo vivo. Daniel foi libertado da cova, e seus acusadores foram jogados lá e devorados pelos leões famintos.

Bel e o Dragão existem em grego e siríaco, mas provavelmente foram escritos em hebraico. Não sabemos quem escreveu a história ou quando foi escrita. A história de Bel pode ter sido escrita já no quarto século a.C. A história do dragão foi provavelmente escrita mais tarde por um autor

diferente, por volta de 150–100 a.C., em um período de grande dificuldade religiosa e política para os judeus.

Bel e o Dragão foi escrito para argumentar que adorar ídolos é inútil. Também defende que os seguidores do Senhor precisam manter-se firmes em sua fé, mesmo quando enfrentam perseguições e tempos difíceis. Em ambas as histórias, os deuses babilônicos são desrespeitados. O livro também pode ter servido como um aviso para não confiar em amigos pagãos, que podem trair seus amigos em tempos de dificuldade. Mesmo sendo companheiro do rei, Daniel foi entregue pelo rei a uma multidão quando enfrentou pressão.

Na história de Bel, Daniel confrontou um deus que foi adorado na Babilônia por mais de 2000 anos. Bel é mencionado muitas vezes em inscrições cuneiformes (antigas tábuas de argila). Por exemplo, Nabucodonosor II construiu o templo de Bel para ser um dos melhores zigurates. Este templo era uma torre alta em forma de pirâmide. O autor dessas histórias sabia que o rei persa Xerxes I, que governou de 486 a 464 a.C., destruiu o templo. Xerxes I então levou a imagem dourada do santuário. Na época de Alexandre, o Grande, por volta de 330 a.C., o templo estava em ruínas. O dragão era uma figura bem conhecida na religião do Oriente Próximo e nas lendas sumérias.

Daniel, Livro de

O quarto livro dos Profetas Maiores no AT é caracterizado por simbolismo vívido e reflete eventos históricos heroicos durante o exílio babilônico do povo judeu. Como Daniel não é um livro fácil de entender, sua interpretação requer estudo cuidadoso e reflexão. O próprio Daniel escreveu, ao refletir sobre o significado de uma de suas visões: “Mas continuei muito preocupado com a visão, pois não consegui entendê-la” ([Dn 8.27](#), NTLH).

Na antiga divisão judaica do AT, Daniel faz parte da terceira seção, chamada de Escritos, junto com livros como Salmos, Provérbios e Jó. Ele não foi incluído na segunda seção do AT, chamada de Profetas. Embora partes de seu livro possam ser interpretadas de uma perspectiva profética, Daniel nunca é explicitamente identificado como um profeta. As duas principais divisões do livro são narrativas sobre a vida de Daniel ([1-6](#)) e as visões de Daniel ([7-12](#)).

Resumo

- Autor(a)
- Data
- Língua
- Contexto
- Propósito e ensino teológico
- Conteúdo: Histórias sobre Daniel (1-6)
- Conteúdo: Visões de Daniel (7-12)

Autor

Em relação a ter um autor conhecido, o livro de Daniel é anônimo, assim como muitos livros do mundo antigo. O texto existente apresenta apenas um título, "Daniel", identificando o tema principal do livro: o próprio homem.

Os primeiros seis capítulos do livro contêm informações sobre Daniel escritas na terceira pessoa; começando em [Daniel 7.2](#), no entanto, o livro alega conter palavras escritas por Daniel na primeira pessoa. Embora a visão tradicional dentro do Judaísmo, posteriormente adotada pelo Cristianismo, fosse de que Daniel escreveu todo o livro que leva seu nome, há poucas evidências confirmatórias. As palavras de Jesus sobre coisas "de que falou o profeta Daniel" ([Mt 24.15](#)) não esclarecem quem escreveu o livro inteiro, já que as palavras em questão aparecem na segunda metade do livro de Daniel, explicitamente identificadas como suas palavras. Assim, o problema de quem escreveu a primeira parte permanece.

Independentemente de Daniel ter escrito ou não o livro inteiro, ele é definitivamente o personagem principal. A única fonte de informação sobre ele é o próprio livro. Daniel era um hebreu de Judá, provavelmente de linhagem real, nascido no final do século VII a.C. Quando jovem, ele foi levado de sua terra natal para a Babilônia (no que é hoje o sul do Iraque) por volta de 605 a.C. Lá, após três anos de educação formal em língua e literatura ([Dn 1.4-5](#)), ele se tornou um oficial na casa real. Os primeiros seis capítulos contam incidentes particulares na vida de Daniel, mas não fornecem uma biografia abrangente de sua vida e época.

O nome Daniel significa "Deus é meu juiz". Como residente estrangeiro na Babilônia, ele recebeu outro nome, Beltessazar, que pode ter significado "que Bel (deus) proteja sua vida" na língua babilônica.

Data

A incerteza sobre a autoria do livro de Daniel naturalmente contribui para a incerteza sobre a data de sua escrita. Se Daniel foi o autor de todo o livro, é provável que tenha sido escrito na segunda metade do século VI a.C. Caso ele não tenha sido o autor, uma data posterior é possível. A interpretação conservadora geralmente sustenta que o livro foi escrito no século VI a.C. Uma posição alternativa é que o livro foi escrito por volta de 165 a.C.

Existem evidências que apoiam tanto as datas antigas quanto as mais recentes de Daniel. Aqueles que defendem uma data mais recente e um autor além de Daniel geralmente utilizam dois tipos de argumentos: um histórico e outro linguístico. No entanto, aqueles que defendem uma data mais antiga apresentam contra-argumentos, todos os quais são discutidos abaixo.

Argumento histórico

De acordo com o argumento histórico, o escritor estava totalmente familiarizado com a história do poder imperial do Oriente Próximo do sexto ao segundo século, mas tinha uma compreensão incompleta e incorreta dos detalhes históricos na segunda metade do sexto século, era de Daniel. Esse desequilíbrio no conhecimento sugere uma data tardia para a escrita.

A primeira parte do argumento histórico deve ser aceita por aqueles que mantêm uma visão mais conservadora. O livro de Daniel realmente demonstra um conhecimento notável da história do Oriente Próximo. A questão crítica é se esse conhecimento era um conhecimento humano comum, adquirido após os eventos, ou um conhecimento especial revelado a Daniel antecipadamente. Essa questão é respondida de maneiras diferentes por pessoas diferentes, dependendo de sua visão sobre profecia e outros fatores.

A segunda parte do argumento histórico é tecnicamente mais complexa. O conhecimento do escritor sobre a história no final do século VI a.C. estava realmente incorreto? O problema mais significativo é a identidade de Dario, o Medo ([Dn 5.30-31](#)). O livro de Daniel afirma que Dario, o Medo, conquistou Babilônia e foi sucedido posteriormente por Ciro. Fontes históricas externas não mencionam um Dario na época, mas mostram claramente que foi Ciro quem conquistou Babilônia. Os defensores de uma data tardia

consideram isso uma evidência forte. Aqueles que defendem uma data precoce não têm uma solução simples para o problema. Uma solução proposta é que Dario e Ciro são dois nomes para a mesma pessoa. Uma base para essa hipótese é que [Daniel 6.28](#) pode ser traduzido: “E Daniel continuou a ser uma alta autoridade no governo durante o reinado de Dario e depois durante o reinado de Ciro, da Pérsia”. Uma analogia aparece no uso dos nomes Pul e Tiglate-Pileser em [1 Crônicas 5.26](#). Em resumo, a datação de Daniel com base no conhecimento histórico do escritor é difícil, seja sugerida uma data precoce ou tardia.

Argumento linguístico

Os argumentos linguísticos para a datação de Daniel são complexos, especialmente para quem não está familiarizado com as línguas originais do livro (Hebraico e Aramaico). Os defensores de uma data tardia usam três argumentos relacionados: (1) a língua aramaica do livro é típica do aramaico tardio (segundo século a.C. e posterior); (2) a presença de palavras emprestadas do persa é uma indicação adicional da data tardia do aramaico do livro; e (3) a presença de palavras emprestadas do grego no aramaico mostra que a língua deve ser datada após a conquista do Oriente por Alexandre, o Grande (c. 330 a.C.). Para os defensores de uma data tardia para a composição do livro, o último argumento é o mais convincente. Eles afirmam que seria impossível encontrar palavras emprestadas do grego no aramaico dois séculos antes da época de Alexandre.

Embora os argumentos sejam inicialmente convincentes, em uma análise mais detalhada, eles se tornam menos persuasivos para aqueles que mantêm uma visão conservadora. Cada uma das três partes do argumento foi respondida.

1. O aramaico era amplamente utilizado no Oriente Próximo a partir do século IX a.C., sendo reconhecido como língua oficial na Assíria a partir do século VIII a.C. Noventa por cento das palavras aramaicas em Daniel foram usadas naquela língua mais antiga, tanto nos dialetos aramaico antigo quanto imperial. Os 10 por cento restantes, conhecidos apenas em textos posteriores à luz das evidências atuais, podem indicar uma data tardia, mas também podem ser usos iniciais das palavras em questão.

2. A presença de palavras emprestadas do persa no aramaico pode ter um efeito inesperado. É verdade que o aramaico posterior possui muitas palavras emprestadas do persa (cerca de 19 aparecem em

Daniel), mas é possível oferecer uma explicação alternativa para as palavras persas em Daniel em uma data anterior. A história de Daniel se passa, em parte, no contexto de uma corte controlada pelos persas. Os persas utilizavam o aramaico para o controle administrativo do império, e sua própria língua inevitavelmente influenciou o aramaico. Se alguém considera uma data anterior para o livro de Daniel, então ele estaria sendo escrito precisamente no período em que o persa teria sua maior influência sobre o aramaico.

3. A presença de palavras gregas no aramaico de Daniel (um total de três) não é totalmente convincente. Comerciantes gregos (ou “jônios”) viajaram por várias partes do Oriente Próximo a partir do século VIII a.C. Mercenários gregos lutaram por estados do Oriente Próximo durante e após o século VII a.C. Durante a vida de Daniel, sabe-se que o Rei Nabucodonosor empregou artesãos gregos na cidade de Babilônia. Assim, não é necessário limitar as possibilidades de influência grega na língua aramaica ao período após Alexandre. O conquistador não foi, de forma alguma, o primeiro grego a pisar no Oriente.

Conclusão

Os argumentos históricos e linguísticos sobre a data de Daniel são inconclusivos tanto para uma data de escrita precoce quanto tardia. Em grande parte, datar o livro depende de outros fatores, como autoria, intenção e a medida em que se adota uma interpretação “profética” de partes do livro. Afirmar que Daniel foi o autor é consistente com as evidências atualmente disponíveis. Além disso, as evidências fornecidas por alguns dos materiais de Daniel dos Manuscritos do Mar Morto em Qumran não apoiam uma data tardia para o livro. Todos os manuscritos e fragmentos de Daniel são cópias do segundo século a.C., exigindo, portanto, uma data anterior para o original. Um manuscrito, relacionado paleograficamente ao grande Rolo de Isaías, deve ter vindo originalmente do mesmo período — estimado em vários séculos antes da cópia de Isaías de Qumran. Outros manuscritos de Qumran mostram que nenhum material canônico do AT foi composto após o período persa. Assim, não existe evidência manuscrita para uma data do segundo século a.C. para Daniel.

Língua

Uma das características mais interessantes do livro de Daniel não é imediatamente evidente para um leitor da Bíblia em português. O livro é bilíngue.

[Daniel 1.1–2.4a](#) e [Daniel 8–12](#) estão escritos em hebraico, a língua dos outros livros do Antigo Testamento. A seção do meio ([Dn 2.4b-7.28](#)), no entanto, está escrita em aramaico, uma língua diferente, mas relacionada. Várias explicações foram oferecidas para esse fenômeno. Alguns sugeriram que um livro original em aramaico foi expandido por um escritor hebreu, com acréscimos ao livro original no início e no final. Outros sugerem que uma parte do livro original em hebraico foi perdida, então a seção faltante foi substituída por uma tradução aramaica sobrevivente. Sugestões mais complexas e engenhosas também foram feitas, mas nenhuma foi amplamente aceita.

Outra sugestão é possível. O livro de Daniel (independentemente da data que se prefira) pode simplesmente refletir o caráter bilíngue de seu contexto cultural. (Como exemplo moderno, considere os muitos materiais escritos no Canadá que aparecem tanto em inglês quanto em francês) uma vez que naquele país, ambas as línguas são usadas. Finalmente, pode-se considerar o caráter bilíngue como um dos aspectos misteriosos do livro que tornam sua interpretação difícil.

Contexto

O contexto do livro de Daniel pode ser examinado a partir de duas perspectivas. Pode ser visto sob a perspectiva do exílio babilônico, do qual Daniel fez parte (início do século VI a.C.), ou à luz de eventos históricos futuros (século II a.C.), para os quais as visões na segunda metade do livro parecem apontar.

O cativo babilônico

Embora o próprio Daniel tenha sido exilado por volta de 605 a.C., a fase principal do exílio babilônico começou em 586 a.C., após a derrota do reino de Judá e a destruição de Jerusalém. O relato se estende pelos reinados de Nabucodonosor (mais apropriadamente Nabucadnessar) e Belsazar, culminando nos primeiros anos do rei persa Ciro, que tomou a cidade de Babilônia em 539 a.C. Para os judeus, o exílio foi um período de dificuldades, mas também um tempo de renovado entendimento teológico. Ambos os aspectos estão refletidos no livro de Daniel.

O período Selêucida na Palestina

As visões de Daniel na segunda metade do livro parecem referir-se ao período Selêucida na Palestina, especificamente à época em que os judeus eram governados por Antíoco Epifânio, um

membro da dinastia Selêucida (175–163 a.C.). Se as visões eram antecipações proféticas de eventos futuros ou reflexões da cultura contemporânea, o período Selêucida é crucial para uma compreensão completa do livro.

Sob o governo de Antíoco, os judeus palestinos enfrentaram um período de considerável dificuldade. A antiga fé foi severamente minada, o sumo sacerdócio em Jerusalém foi vendido ao maior lance, e o Templo foi profanado de várias maneiras. Os judeus foram pressionados a adaptar suas vidas e fé à cultura helenística (influenciada pelos gregos). Embora alguns tenham cedido, outros se recusaram e mantiveram firmemente a antiga fé. Uma rebelião contra as medidas opressivas de Antíoco começou em 168 a.C.. Em 164, os rebeldes haviam em grande parte conseguido se livrar das práticas objetáveis. No entanto, o período selêucida foi geralmente uma época ruim para os judeus fiéis, quando todas as forças da história pareciam trabalhar contra a verdadeira fé. Parte da grandeza do livro de Daniel reside em sua compreensão teológica da história, que permitiu que homens e mulheres continuassem vivendo na fé durante um tempo de terrível crise.

Propósito e ensino teológico

A seção das Escrituras do AT chamada de Escritos servia a uma variedade de propósitos. Os Salmos, por exemplo, eram usados principalmente na adoração de Israel. Os Provérbios podem ter feito parte do currículo escolar de Israel. O livro de Jó abordava um problema humano e teológico específico.

O propósito do livro de Daniel não é fácil de determinar, pois é essencialmente uma história, uma biografia parcial de Daniel. Não é estritamente um livro profético, nem é história no sentido moderno. Grande parte dele se concentra em sonhos e suas interpretações.

No entanto, a palavra "história" fornece uma pista para seu propósito. Daniel busca oferecer uma compreensão teológica da história. Os primeiros seis capítulos falam sobre Daniel e seus companheiros, não apenas para satisfazer a curiosidade histórica, mas para ensinar o leitor. A teologia do Antigo Testamento insistia que o Deus de Israel participava da vida e da história humanas. Ler a história bíblica, portanto, é descobrir a participação de Deus nos assuntos humanos e aprender como Deus e os seres humanos se relacionam entre si. Nos capítulos iniciais de

Daniel, lê-se sobre eventos na vida de um homem de fé notável, o tipo de história da qual se pode aprender como viver.

Os últimos seis capítulos concentram-se nos sonhos de Daniel. Embora nem os sonhos nem as interpretações sejam fáceis de entender, é possível ver o tema da história emergindo novamente. A ênfase nos capítulos [7-12](#) não está na história como um registro de eventos passados, mas no significado da história e no futuro do mundo. Na perspectiva bíblica, os movimentos das sociedades humanas no presente e no futuro são tão importantes quanto a história passada. Embora as visões de Daniel sejam dominadas por nações e superpotências, elas têm um tema mais básico: o poder de Deus sobre os seres humanos e as nações. A história muitas vezes parece ser um conglomerado de caos e conflito humano. No entanto, Deus controla a história em última instância e a move em direção a um objetivo. Apesar dos detalhes ambíguos no final do livro, Daniel oferece esperança para as pessoas que vivem em um tempo de crise. Mesmo que o que é dito sobre o “tempo do fim” não possa ser entendido agora ([Dn 12.9](#)), o fim da história está cheio de esperança para aqueles que têm fé em Deus (v. [13](#)). O propósito do livro de Daniel, portanto, tem a ver com o significado da história, tanto o que pode ser aprendido do passado quanto o que pode ser esperado no presente e no futuro.

O livro também apresenta declarações teológicas específicas sobre questões como a fé humana, a salvação divina e a natureza da revelação. Uma questão teológica em Daniel que merece atenção especial é a doutrina da ressurreição.

A clara doutrina da ressurreição seguida de julgamento no NT não é um tema central no AT. Na maior parte, a fé dos hebreus estava fixada nas realidades da vida terrena. A esperança de vida além do túmulo é sugerida em muitos textos, mas permanece implícita. Somente nos escritos posteriores do AT, especialmente os de Ezequiel e Daniel, é que uma doutrina mais explícita de ressurreição se desenvolve.

O ponto focal dessa doutrina no livro de Daniel é [12.2](#): “Muitos dos que já tiveram morrido viverão de novo: uns terão a vida eterna, e outros sofrerão o castigo eterno e a desgraça eterna” (NTLH). A doutrina da ressurreição pessoal fornece uma base para a esperança individual dentro de uma compreensão da história presente e futura. Nações se movem contra nações em aparente turbulência. Acredita-se que Deus está no controle final, mas o

que acontece com todas as pessoas que morrem enquanto a história ainda está em movimento? Os mortos ressuscitarão, diz Daniel, e em seus corpos ressuscitados serão julgados de acordo com suas ações. Alguns serão recompensados com a vida eterna, mas outros serão condenados à vergonha.

Aos leitores do livro de Daniel, a doutrina da ressurreição proporcionava esperança em um mundo que, de outra forma, seria sombrio e sem esperança. Era um lembrete de que as ações na vida terrena são importantes, pois formam a base do julgamento futuro. O mundo tem um horizonte maior de vida além da morte do corpo. Em última análise, haverá justiça, mesmo que raramente se veja justiça na existência presente. Os malfetores podem viver sem nunca serem punidos. No entanto, além da morte do corpo, há um julgamento final caracterizado pela justiça de Deus.

Então, o livro de Daniel trata de história e esperança. A vida deve ser vivida agora; para isso, o livro oferece nos primeiros seis capítulos a visão da experiência de Daniel. A vida é vivida no contexto de guerra e caos internacional; para isso, os capítulos [7-12](#) retratam a soberania de Deus e seus propósitos na história. A vida individual caminha em direção à morte; para isso, o autor fala de ressurreição e julgamento.

Conteúdo: Histórias sobre Daniel ([1-6](#))

Daniel e seus companheiros ([1.1-21](#))

Daniel e seus companheiros — Hananias, Misael e Azarias — foram exilados para a Babilônia cerca de 19 anos antes do principal exílio, após a destruição de Jerusalém. Os quatro jovens saudáveis, escolhidos entre muitos exilados judeus, foram designados pelo comando do Rei Nabucodonosor para um programa especial de treinamento de três anos, com o objetivo de torná-los auxiliares da corte.

Assim que os quatro jovens judeus entraram na alta sociedade da Babilônia, enfrentaram um problema alimentar. O rei lhes ofereceu a melhor comida e vinho das cozinhas reais, mas a dieta de um judeu era restrita pelas leis de Deus (veja [Dt 14](#)). Os quatro pediram uma dieta de vegetais e água, não por serem exigentes ou ingratos, mas para permanecerem fiéis ao seu Deus. A história relata como a situação alimentar foi resolvida e os acompanha durante a educação deles e a nomeação de Daniel como conselheiro real.

O primeiro episódio, portanto, foca em uma questão chave enfrentada por todos os exilados judeus: Como alguém poderia viver em uma terra estrangeira, com comida e costumes diferentes, e ainda assim permanecer fiel a Deus e suas leis? Daniel forneceu um modelo. Ele foi corajoso o suficiente para não se comprometer, mas sábio o suficiente para buscar uma solução aceitável para todos. Sua fidelidade foi recompensada por Deus. Ao final do episódio, Daniel é visto como uma pessoa com sabedoria especial e dons de Deus. O restante de sua vida foi marcado pelo exercício desses dons.

O sonho de Nabucodonosor (2.1-49)

O rei teve um sonho e, embora não conseguisse lembrar seu conteúdo, isso o preocupava. Quando seu grupo de intérpretes profissionais não pôde ajudá-lo, ele ordenou que fossem executados. A ordem do rei incluía Daniel e seus companheiros, cujo treinamento os qualificava como intérpretes. Daniel conseguiu uma suspensão da execução ao se oferecer para interpretar o sonho. Após orar, Daniel recebeu de Deus tanto o conteúdo do sonho quanto sua interpretação, que ele transmitiu ao rei. O grato Nabucodonosor promoveu Daniel e seus companheiros a posições importantes na Babilônia.

Embora o escritor tenha registrado tanto o sonho do rei quanto a interpretação de Daniel, o problema para um leitor moderno é como interpretar essa interpretação. O rei viu em seu sonho uma estátua, com cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze, pernas de ferro e pés de parte ferro e parte barro. A interpretação identificou Nabucodonosor como a cabeça de ouro. Seu reino seria seguido por outros três reinos, cada um representado pelas partes e substâncias da estátua. Nesse ponto, as interpretações modernas começam a divergir.

Uma interpretação comum dos quatro reinos sequenciais é a seguinte: Império Caldeu (ouro), Império Medo-Persa (prata), Grécia (bronze), Roma (ferro e barro). Outros sugerem uma interpretação alternativa: Império Caldeu (ouro), Média (prata), Pérsia (bronze), Grécia (ferro e barro). Focar excessivamente na identificação dos quatro reinos pode resultar em não perceber a característica chave do capítulo. No meio desses reinos humanos, "No tempo desses reis, o Deus do céu fará aparecer um reino que nunca será destruído, nem será conquistado por outro reino. Pelo contrário, esse reino acabará com todos os

outros e durará para sempre" (2.44, NTLH). O sonho do rei babilônico antecipou a vinda de um reino maior, o de Jesus Cristo.

A fornalha ardente (3.1-30)

A história continua, focando nos três amigos de Daniel e usando seus nomes babilônicos — Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. O rei Nabucodonosor construiu uma enorme estátua de ouro, com 27,4 metros de altura. Na cerimônia de dedicação, todos foram obrigados a se curvar e adorar quando uma banda começou a tocar. Os três jovens hebreus, que se recusaram a adorar, foram convocados perante o rei. Sua contínua e firme recusa levou a uma sentença de execução, e eles foram lançados em uma fornalha ardente. Notavelmente, eles não se queimaram, e um quarto ser apareceu com eles na fornalha. Ao saírem ilesos da provação, o rei reconheceu o poder de salvação de Deus e os recompensou.

A história ilustra um dilema dos judeus no exílio. A fidelidade ao primeiro mandamento de Deus, "Não adore outros deuses; adore somente a mim" (Dt 5.7), poderia levar à morte. Os três jovens foram fiéis — não por confiança de que Deus os resgataria, mas independentemente de Ele escolher ou não poupar suas vidas (Dn 3.17-18). Como aconteceu, Deus os livrou; eles foram lançados na fornalha amarrados, mas saíram homens livres. A mensagem era profunda: certamente os judeus deveriam acreditar em um Deus capaz de livrar das chamas da perseguição, mas deveriam acreditar e manter-se firmes mesmo que nenhum livramento pudesse ser visto além da provação.

O segundo sonho e a loucura de Nabucodonosor (4.1-37)

Em duas ocasiões, Nabucodonosor havia confessado fé no Deus vivo: quando Daniel interpretou seu sonho da estátua (2.47) e na libertação dos três companheiros de Daniel da fornalha (3.28). No entanto, a fé do rei era superficial. A história no capítulo 4 relata uma queda de fé que trouxe consequências terríveis. Após oito anos, quando essas consequências haviam seguido seu curso, o rei novamente reconheceu Deus (4.37).

Toda a história é apresentada na forma de uma proclamação, escrita por Nabucodonosor e amplamente divulgada após os eventos terem ocorrido. O rei sonhou com uma árvore alta crescendo em um campo, atingindo alturas cada

vez maiores. Um mensageiro divino ordenou que a árvore fosse cortada, restando apenas um toco e raízes no chão. O toco e as raízes então tomaram a forma de um homem, mas a mente do homem foi substituída pela de um animal. Por sete anos, aquela criatura semihumana comportou-se como uma fera.

Daniel explicou ao rei como o sonho se aplicava a ele. Nabucodonosor era a grande árvore que seria cortada; ele se comportaria como uma fera no campo por sete anos. Um ano após o rei ter sido informado dessa interpretação, o julgamento ocorreu. Durante sete anos, ele se comportou como um animal até que sua sanidade retornou.

A moral da história do rei é que sua loucura não foi um acidente, mas sim um julgamento divino. Sua crença arrogante de que tinha o poder de Deus levou a uma pesada retribuição (4.30). O rei provavelmente foi acometido por uma forma rara e peculiar de doença mental hoje chamada "boantropia". O verdadeiro significado da história está em um nível mais profundo: pensar que se é Deus, tendo poder absoluto e controle sobre a própria vida, é loucura. Esse tipo de loucura só pode ser curado e superado com a realização de que o poder e a autoridade absolutos pertencem somente a Deus.

O banquete de Belsazar (5.1-31)

A cena muda para o reinado de um rei posterior em Babilônia, Belsazar. Filho de Nabonido, ele provavelmente foi corregente com Nabonido (555?-539 a.C.), com autoridade especial na região de Babilônia. O tema de sua história é semelhante ao do capítulo 4. Durante um grande banquete, Belsazar pediu os vasos sagrados capturados do Templo em Jerusalém. Com esses vasos sagrados, os babilônios brindaram aos deuses locais, um ato sacrílego que atraiu o julgamento divino. Esse julgamento veio na forma de palavras escritas na parede por uma mão, que Daniel interpretou para o rei como palavras de condenação (5.26-28). Embora tenha elogiado Daniel pela interpretação, o rei não compreendeu o verdadeiro significado das palavras nem a lição ensinada a Nabucodonosor, seu predecessor (vv. 18-22). Belsazar foi morto naquela mesma noite quando Dario, o Medo, entrou na cidade e a capturou. O tema continua implacavelmente: o orgulho e a arrogância humanos não passam despercebidos pelo Deus da história, que controla e direciona os eventos humanos para o cumprimento de seu propósito.

A cova dos leões (6.1-28)

O tema do capítulo 6 é semelhante ao do capítulo 3, mas com Daniel como a figura central da história. Ele é retratado como alguém que não está disposto a se comprometer, totalmente obediente a Dario enquanto isso fosse possível, mas relutante em desobedecer à lei de Deus. Assim, Daniel desobedeceu conscientemente a um decreto real que proibia a oração a qualquer um que não fosse o próprio rei. Embora estivesse ciente das consequências, Daniel permaneceu fiel a Deus. O resultado imediato, quando seus inimigos o denunciaram, foi uma ordem de execução — Daniel foi jogado aos leões. Ele foi salvo dos leões famintos, e o rei, aliviado de uma terrível situação, puniu os conspiradores.

Uma mensagem dupla emerge da história. Por um lado, o servo de Deus deve ser fiel na oração e adoração, independentemente do resultado; Deus liberta, e nesse caso libertou Daniel do desastre. Por outro lado, o efeito da fidelidade de Daniel foi que o rei, que havia ordenado que seus súditos o adorassem, aprendeu sobre a verdadeira adoração (6.25-27). Os efeitos da fidelidade, como ondulações de uma pedra lançada em uma piscina, se espalham muito além daquele que é fiel.

Conteúdo: Visões de Daniel (7-12)

Com o início do capítulo 7, a sequência cronológica do livro de Daniel muda; a primeira visão de Daniel remonta ao primeiro ano de Belsazar (7.1), mas visões subsequentes ocorrem até o reinado de Ciro, o rei persa (10.1). Os capítulos 7-12 enfatizam o significado da história e a soberania de Deus na história, expressos no simbolismo misterioso dos sonhos. Toda a seção pode ser dividida da seguinte forma: (1) visão dos quatro animais (7.1-28); (2) visão do carneiro e do bode (8.1-27); (3) oração de Daniel (9.1-27); (4) visão dos tempos finais (10.1-12.13).

A primeira visão retoma o tema dos quatro reinos, já visto no sonho de Nabucodonosor (cap. 2). Na segunda visão, o foco é reduzido a dois reinos, Pérsia e Grécia. Grande parte da visão final dos tempos do fim trata de eventos ocorridos durante o reinado de Antíoco Epifânio no segundo século a.C. Todas as visões giram em torno do mesmo tema. Embora os reinos humanos possam exercer seu poder em um mundo caótico, o soberano Deus age através do aparente caos da história em direção a um objetivo final de salvação.

A interpretação primária das visões pode ser percebida em eventos históricos passados, mas uma dimensão messiânica adicional pode ser vista à luz do NT. Essa dimensão é mais evidente no capítulo 7. No contexto dos quatro reinos, um tribunal divino de julgamento é estabelecido, presidido pelo “aquele que sempre existiu” (NTLH) — o Deus todo-poderoso (7.9). Então Daniel vê a chegada de “um como o filho do homem” (7.13, ARC). Embora a frase “filho do homem” tenha sido posteriormente percebida como um título messiânico, tecnicamente não tinha esse significado no livro de Daniel. [Daniel 7.13](#) é uma fonte principal para o título “Filho do Homem”, que Jesus comumente usava para se designar. Seu uso mais significativo desse termo foi em seu julgamento, onde ele associou diretamente seu título com [Daniel 7](#) ([Mt 26.63–64](#)).

Veja também Daniel (Pessoa) #3; Diáspora dos judeus; História de Israel; Profecia; Profeta, profetisa.

Danita

Membro da tribo de Dã ([Js 19.47](#); [1Cr 12.35](#)).

Veja Dã, Tribo de.

Dara, Darda

Filho de Maol ([1Rs 4.31](#)), um judaíta da família de Zerá ([1Cr 2.6](#)). Com Etã, o ezraíta, e Hemã e Calcol, também filhos de Maol, Darda é mencionado como um exemplo proverbial de sabedoria, embora seja superado por Salomão ([1Rs 4.31–32](#)). [1 Crônicas 2.6](#) às vezes dá o nome como Dara, provavelmente um erro de um copista, e inclui um quinto homem, Zinri. O fato de haver dois pais diferentes (Maol e Zerá) mencionados nas duas passagens pode ser explicado considerando Maol como o pai natural e Zerá, o ezraíta, como um antepassado anterior.

Darcom

Antepassado de um grupo de pessoas que retornou a Judá com Zorobabel após o exílio ([Ed 2.56](#); [Ne 7.58](#)).

Dardo

Uma arma afiada e pontiaguda usada como flecha ou lança leve para perfuração.

Veja Armaduras e Armas.

Dardo

Arma leve, curta e parecida com uma lança.

Veja Armaduras e Armas.

Dárico

Moeda de ouro persa.

Veja Moedas.

Dario

Nome de três imperadores na dinastia persa do lendário Rei Aquêmenes. Um Dario aparece nos livros bíblicos de Esdras, Neemias, Ageu e Zacarias como um rei persa, e no livro de Daniel como um Medo que se tornou rei sobre os caldeus ([Dn 9.1](#)).

Dario I (521–486 a.C.)

Também conhecido como Dario Histaspes e Dario, o Grande, Dario I assumiu o trono do Império Persa após a morte de Cambises II. Embora fosse um Aquemênida, ele pertencia a um ramo diferente da família real em relação a Ciro e Cambises, e sua autoridade não foi aceita em todas as províncias. No entanto, após Dario suprimir várias revoltas, seu poder foi firmemente estabelecido, e ele voltou sua atenção para expandir o império. Suas campanhas militares estenderam as fronteiras persas até o rio Danúbio no oeste e até o rio Indo no leste, tornando-o governante do maior império que o mundo conhecia. O conflito greco-persa, que continuou até Alexandre, o Grande, conquistar o império em 330 a.C., começou quando Dario lançou duas invasões à Grécia após conquistar a Trácia e a Macedônia. A primeira expedição foi destruída por uma tempestade no Mar Egeu; a segunda foi derrotada pelos atenienses na famosa batalha de Maratona em 490 a.C.

Um administrador competente, Dario fez muito para promover o comércio. Ele instituiu um sistema uniforme de pesos e medidas. Durante seu reinado, um canal do Rio Nilo ao Mar Vermelho foi

concluído, e uma rota marítima do Rio Indo ao Egito foi explorada.

Durante o reinado de Dario, a arquitetura persa desenvolveu um estilo que perdurou até o fim da dinastia Aquemênida. Dario construiu em Babilônia, Ecbátana e Susã, sua capital. Uma grande estrada real foi construída de Susã até a capital Lídia de Sardes. Seu maior feito arquitetônico foi a fundação de Persépolis, uma nova cidade real para substituir a residência do Imperador em Pasárgada. Dario também permitiu a construção de templos no Egito e em Jerusalém, continuando a política de Ciro de respeitar os costumes religiosos de seus súditos.

Dario I é o Dario, rei da Pérsia, mencionado nos livros de Esdras, Ageu e Zacarias. [Esdras 5-6](#) registram que Zorobabel e Josué, com a ajuda de Ageu e Zacarias, terminaram de reconstruir o Templo durante o reinado de Dario, enquanto Tatenai era governador da província “daquém do rio” (Síria-Palestina). Zorobabel e Josué tinham retornado a Jerusalém sob Ciro II por volta de 538 a.C. ([Ed 2.2](#)). Eles completaram o Templo no sexto ano de Dario ([6.15](#)). Isso deve ter sido no sexto ano de Dario I (516 a.C.), já que o sexto ano de Dario II certamente seria tarde demais. Essa identificação foi confirmada pela descoberta de um documento babilônico, datado de 5 de junho de 502 a.C., que se refere a Tatenai como “o governador de aquém do rio.”

No capítulo [4](#) de Esdras, três governantes persas são mencionados: Dario (vv. [5,24](#)); Assuero (provavelmente Xerxes I, v. [6](#)); e Artaxerxes (provavelmente Artaxerxes I, vv. [7-23](#)). O capítulo é um breve registro da resistência aos esforços judaicos para reconstruir a cidade de Jerusalém e o Templo. O versículo [24](#) afirma que o trabalho no Templo parou até “o segundo ano do reinado de Dario”; no entanto, o Templo foi concluído no sexto ano de Dario I. Obviamente, o trabalho no Templo não poderia ter parado no segundo ano do filho de Artaxerxes, Dario II (421 a.C.), se já tivesse sido concluído em 515 a.C. Portanto, [Esdras 4.24](#) deve ser entendido não como uma continuação cronológica dos primeiros 23 versículos, mas como uma introdução aos próximos dois capítulos, que discutem a construção do Templo.

Dario II (423-404 a.C.)

Também conhecido como Ochus (seu nome verdadeiro) e Dario Nothus (“Dario o bastardo”), Dario II era filho de Artaxerxes I com uma concubina babilônica. Antes de se tornar

Imperador, Ochus era sátrapa (governador) da Hircânia, uma região na costa sudeste do Mar Cáspio. Em 423 a.C., seu meio-irmão, Soguediano (ou Secydianus), matou Xerxes II. Ochus então tomou o trono de Soguediano, a quem ele executou, e adotou o nome Dario II. Seu reinado foi marcado por revoltas e corrupção. Seu próprio irmão de sangue, Arsites, se revoltou logo após Dario tomar o trono, e Dario mandou executá-lo.

Após a formação de uma aliança com Esparta contra Atenas, a Pérsia juntou-se à Guerra do Peloponeso. Várias campanhas militares bem-sucedidas conseguiram recuperar as cidades costeiras gregas da Ásia Menor e enfraquecer o poder ateniense na área do Egeu. Dario II morreu na Babilônia em 404 a.C., o ano em que a Guerra do Peloponeso terminou.

O Dario mencionado apenas uma vez no livro de Neemias provavelmente é Dario II. A passagem afirma que os sacerdotes judeus foram registrados “até o reinado de Dario, o Persa” ([Ne 12.22b](#)); descendentes de Levi foram registrados “até a época de Joanã, filho de Eliasibe” ([Ne 12.23](#)). Um documento aramaico encontrado em Elephantina, Egito, refere-se a Joanã, o sumo sacerdote em Jerusalém. O documento foi escrito em 407 a.C., situando assim Joanã no reinado de Dario II.

Dario, o Medo

Desconhecido em documentos históricos do período dos impérios Babilônico e Persa, este Dario bíblico foi identificado com várias figuras conhecidas. Os esforços mais importantes identificaram Dario, o Medo, como outro nome para Ciro II (“Ciro, o Persa”, [Dn 6.28](#)); para Cambises II, filho de Ciro; ou para Gubaru, que foi governador da Babilônia e da província aquém do rio durante os reinados de Ciro II e Cambises II.

De acordo com o livro de Daniel, “Dario, o Medo, recebeu o reino” quando Belsazar, rei da Babilônia, foi morto ([Dn 5.30-31](#)). Dario tinha cerca de 62 anos de idade (v. [31](#)) e era “filho de Xerxes, do país da Média” ([9.1](#)). Daniel nunca sugeriu que Dario fosse rei da Média ou de todo o Império Persa, apenas do reino Caldeu (Babilônico). O Império Babilônico incluía a Mesopotâmia (Babilônia e Assíria) e a Siro-Palestina (Síria, Fenícia e Palestina). No Império Persa, essa vasta área passou a ser conhecida como a província da Babilônia (Mesopotâmia) e aquém do rio (Siro-Palestina). Daniel também registrou que Dario nomeou governadores no reino. No terceiro ano de

Ciro, o Persa (536 a.C.), o primeiro ano de Dario, o Medo, já havia passado ([Dn 10.1–11.1](#)).

De acordo com a Crônica de Nabonido e o versículo persa Relato de Nabonido (dois documentos cuneiformes do reinado de Nabonido), Nabonido estava em Tema até a invasão de Ciro na Babilônia. Durante sua ausência, ele "confiou a realeza" a seu filho Belsazar. Em 12 de outubro de 539 a.C., Babilônia caiu para Ugbaru, general do exército de Ciro. Ciro entrou em Babilônia em 29 de outubro de 539 a.C. e nomeou uma pessoa chamada Gubaru como governador de Babilônia. Gubaru então nomeou outros governadores sob seu comando. O general Ugbaru morreu em 6 de novembro de 539 a.C.

Claramente, não há lugar para Dario, o Medo, entre os reinados de Nabonido/Belsazar e Ciro II. Assim, Dario, o Medo, deve ser Ciro, um subordinado de Ciro, ou Cambises, príncipe herdeiro sob Ciro. Mas Ciro II é mencionado como uma pessoa separada ([Dn 6.28](#); [10.1–11.1](#)), e parece improvável que o autor nomeasse a mesma figura tanto como "Ciro, o Persa" quanto como "Dario, o Medo". Cambises II não poderia ter 62 anos; além disso, como ele não foi feito rei da Babilônia até se tornar rei do império em 529 a.C., o primeiro ano de Cambises não poderia preceder o terceiro ano de Ciro (536 a.C.).

Dario, o Medo, foi provavelmente um subordinado de Ciro que se tornou governante do "reino dos caldeus" após Belsazar e que poderia ter sido considerado um rei por seus súditos. Assim, o reinado de Dario ([Dn 6.28](#)) deve ser entendido como simultâneo ao de Ciro, não como um reinado anterior. Gubaru foi nomeado governador da Babilônia imediatamente após o reinado de Belsazar, e ele nomeou governadores, assim como Dario, o Medo. Não há registro da idade, nacionalidade ou ascendência de Gubaru. Ele pode muito bem ter sido um medo de 62 anos cujo pai se chamava Assuero. O Assuero do livro de Ester e de [Esdras 4.6](#) deve ser identificado com um rei posterior, provavelmente Xerxes I.

Muitos textos babilônicos registram que Gubaru foi governador da Babilônia e da província aquém do rio por cerca de 14 anos (539–525 a.C.). Os documentos atribuem muito poder a ele. Seu nome é um aviso final para os oficiais que possam desobedecer às leis. Em documentos que mencionam Ciro II ou Cambises II, crimes na Babilônia são declarados como pecados contra Gubaru, não contra Ciro ou Cambises. A província da Babilônia e aquém do rio era a mais rica e populosa do Império Persa, englobando muitas

nações e idiomas. Para um governador poderoso de tal região ser chamado de "rei" por seus súditos parece bastante natural.

O caso de Gubaru é, sem dúvida, circunstancial, mas ainda é a melhor solução para o problema. Até que novas evidências surjam, é razoável supor que Dario, o Medo, "rei sobre o reino dos caldeus", era na verdade Gubaru, o conhecido governador desse reino.

Veja também Medos, Média, Mediano; Pérsia, Persas.

Datã

Um filho de Eliabe e irmão de Abirão da tribo de Rúben. Ele foi um dos líderes de Israel. Juntamente com Corá, Datã se rebelou contra Moisés. Isso aconteceu durante as peregrinações de Israel no deserto ([Nm 16.1–27](#); [26.9](#); [Sl 106.17](#)).

Datação por Carbono

Na arqueologia, um método usado para determinar a idade de objetos orgânicos é a medição do isótopo radioativo carbono-14.

Veja Arqueologia e a Bíblia.

Datema

Uma fortaleza em Basã onde os judeus se refugiaram durante a revolta dos Macabeus ([1Mc 5.9](#)). Aqui, eles se esconderam de Timóteo até que Judas Macabeu os resgatou derrotando o inimigo (v. [29](#)). A localização de Datema não foi identificada por arqueólogos modernos.

Davi

O rei mais importante de Israel. O reino de Davi representou o epítome do poder e influência de Israel durante a história do AT.

Os dois livros no AT dedicados ao reinado de Davi são 2 Samuel e 1 Crônicas. Seus primeiros anos são registrados em 1 Samuel, começando no cap. [16](#). Quase metade dos salmos bíblicos são atribuídos a Davi. Sua importância se estende até o NT, onde ele é identificado como um antepassado de Jesus Cristo e antecessor do rei messiânico.

Resumo

- Primeiros Anos
- Preparação para o Reinado
- Davi como Rei
- O legado duradouro de Davi

Primeiros anos

Família

Davi era o filho mais novo na família de Jessé, parte da tribo de Judá. A família vivia em Belém, cerca de 10 quilômetros ao sul de Jerusalém. Sua bisavó era Rute, da terra de Moabe ([Rt 4.18-22](#)). As genealogias tanto no AT quanto no NT traçam a linhagem de Davi até Judá, filho do patriarca Jacó ([1Cr 2.3-15](#); [Mt 1.3-6](#); [Lc 3.31-33](#)).

Treinamento e talentos

Pouco se sabe sobre o início da vida de Davi. Quando menino, ele tomava conta das ovelhas de seu pai, arriscando sua vida para matar ursos e leões que as assolavam. Mais tarde, Davi reconheceu publicamente o auxílio e a força de Deus para proteger os rebanhos sob sua guarda ([1Sm 17.34-37](#)).

Davi era um músico talentoso. Ele havia desenvolvido sua capacidade como harpista tão bem que, quando um músico foi requisitado na corte real do rei Saul, alguém imediatamente recomendou Davi.

Na família de Jessé, Davi foi considerado como sem importância. Quando Samuel, o profeta publicamente conhecido, visitou a casa de Jessé, todos os filhos mais velhos estavam presentes para conhecê-lo; enquanto Davi estava apascentando as ovelhas. Samuel havia sido instruído por Deus a ungir um rei da família de Jessé, sem saber previamente qual filho ungir. Percebendo um impedimento divino à medida que sete irmãos passavam diante dele, ele fez uma investigação adicional. Quando ele soube que Jessé tinha outro filho, Davi foi imediatamente convocado. Davi foi ungido por Samuel e provido com o Espírito do Senhor ([1Sm 16.1-13](#)). O que quer que Jessé e sua família tenham entendido por essa unção, parece não ter causado nenhuma mudança imediata na vida de Davi. Ele continuou a apascentar as ovelhas.

Preparação para o Reinado

Durante sua juventude, Davi estava disposto a servir aos outros, mesmo que ele tivesse sido ungido rei. Foi sua disposição de levar suprimentos para três de seus irmãos mais velhos no exército que lhe deu sua oportunidade ser conhecido nacionalmente.

Na juventude, Davi era sensível à vontade de Deus. Enquanto cumprimentava seus irmãos no campo de batalha, ele ficou incomodado com o desafio do filisteu Golias aos exércitos de Deus. Embora repreendido por seus irmãos, Davi aceitou o desafio para enfrentar Golias. Ele tinha uma confiança fundamentada de que Deus, que o havia ajudado a combater um leão e um urso, o ajudaria contra um guerreiro campeão. Então, com fé em Deus e usando sua capacidade de atirar pedras, Davi matou Golias ([1Sm 17.12-58](#)).

Fama nacional

Matar Golias fez de Davi um herói para a nação de Israel. Também o trouxe a um relacionamento próximo com a família real de Saul. Mas o sucesso e aclamação nacional trouxeram o ciúme de Saul e, finalmente, resultaram na expulsão de Davi da terra de Israel.

Na corte real

Saul prometeu sua filha mais velha, Merabe, a Davi em casamento, mas então Saul voltou atrás na promessa e ofereceu a Davi outra filha, Mical. O dote de troféus dos filisteus mortos exigidos por Saul foi uma tentativa de provocar a morte de Davi pelos filisteus. Mas novamente Davi foi vitorioso. As mulheres cantaram louvores de suas façanhas, intensificando o ciúme de Saul e colocando a vida de Davi em perigo ([1Sm 18.6-30](#)).

Enquanto isso, Davi e o filho de Saul, Jônatas, desenvolveram uma amizade profunda. Quando eles fizeram uma aliança, Jônatas deu a Davi seu melhor equipamento militar (espada, arco e cinto). Embora Saul tenha tentado virar Jônatas contra Davi, a amizade se aprofundou. Como Saul estava tentando matá-lo, Davi teve que escapar do palácio e viver como um fugitivo.

Após Jônatas ter alertado Davi sobre as intenções contínuas de Saul contra sua vida, Davi dirigiu-se a Ramá para ver o profeta Samuel. Juntos, eles foram para Naiote, perto de Ramá. Após enviar vários grupos de homens atrás de Davi, Saul finalmente foi com eles pessoalmente. Todas as suas tentativas de prender Davi foram frustradas pelo Espírito de

Deus, fazendo com que Saul e seus homens profetizassem a noite inteira com fervor religioso ([1Sm 19](#)).

Reencontrando-se com Jônatas para consultá-lo, Davi percebeu que o ciúme de Saul havia se desenvolvido em ódio. Jônatas, ciente de que Davi seria o futuro rei de Israel, pediu segurança de que seus descendentes receberiam proteção sob o governo de Davi ([1Sm 20](#)).

Vida como um fugitivo

Fugindo de Saul, Davi parou em Nobe. Ao enganar Aimeleque, que estava servindo como sacerdote lá, Davi obteve suprimentos de comida e a espada de Golias (mantida como um troféu). Um edomita chamado Doegue, chefe dos pastores de Saul, viu o que aconteceu em Nobe. Davi continuou sua fuga, refugiando-se temporariamente em Gate com o rei Aquis ([1Sm 21](#)), então encontrando abrigo na caverna de Adulão, localizada a 16,1 quilômetros a sudoeste de Belém. Lá, seus parentes e cerca de 400 homens de combate se juntaram a ele. Davi foi a Mispá, em Moabe, e pediu ao rei de Moabe que permitisse que seus pais ficassem lá por proteção. O próprio Davi permaneceu em uma fortaleza por um tempo. Quando o profeta Gade lhe disse para não permanecer na fortaleza, Davi partiu e retornou à terra de Judá, estabelecendo-se na floresta de Herete ([1Sm 22.1-5](#)).

Saul ficou furioso com a liberdade de movimento de Davi e acusou seu próprio povo de conspiração. Quando Doegue relatou o que ele havia testemunhado em Nobe, Saul matou Aimeleque e 84 outros sacerdotes, então massacrou todos os habitantes de Nobe. Um sacerdote chamado Abiatar escapou para relatar as atrocidades de Saul a Davi, que garantiu a sua proteção ([1Sm 22.6-23](#)).

Os filisteus estavam sempre prontos para tirar proveito de qualquer fraqueza em Israel. A retaliação de Davi após um ataque filisteu em Queila, 19,3 quilômetros a sudoeste de Belém, deu a Saul uma oportunidade de atacar Davi, que escapou para o deserto de Zife, uma área do deserto perto de Hebrom. Davi e Jônatas se encontraram pela última vez naquele deserto. Perseguido pelo exército de Saul, Davi fugiu ainda mais para o sul. Ele estava quase cercado num país desabitado perto de Maom quando Saul teve que deslocar seu exército para enfrentar um ataque filisteu ([1Sm 23](#)).

Em seu próximo local de refúgio, En-Gedi, na costa ocidental do Mar Morto, Davi foi perseguido por

Saul, que veio com 3.000 soldados para procurá-lo. Davi teve uma oportunidade de matar Saul, mas se negou a prejudicar o rei “ungido do Senhor” de Israel. Ao saber da lealdade de Davi, Saul confessou seu pecado ao buscar a vida de Davi ([1Sm 24](#)).

Durante o tempo em que Davi e seus homens estiveram no deserto, perto de Maom, Zife e En-Gedi, trataram bem os pastores de Nabal e protegeram seus rebanhos perto do Carmelo. Mais tarde, Davi enviou mensageiros pedindo a Nabal que demonstrasse generosidade, compartilhando comida e suprimentos durante um dia de festa. O desprezo de Nabal irritou Davi, mas a esposa de Nabal, Abigail, apelou para Davi que não se vingasse. Quando Abigail contou a Nabal, de sua fuga por pouco, ele ficou tão chocado que sofreu um ataque cardíaco. Ele morreu dez dias depois, e Abigail mais tarde se tornou a esposa de Davi ([1Sm 25](#)).

Mais uma vez Saul veio com um exército de 3.000 homens para o Deserto de Zife para encontrar Davi, e Davi novamente passou por uma oportunidade de prejudicar o rei. Finalmente percebendo a tolice de buscar a vida de Davi, Saul abandonou a perseguição ([1Sm 26](#)).

Refúgio em território filisteu

Davi continuou a se sentir inseguro no reino de Saul. Voltando para Gate, no território filisteu, ele foi recebido pelo rei Aquis. Seus seguidores receberam a cidade de Ziclague, onde eles viveram por cerca de 16 meses, atraindo novos recrutas de Judá e do resto de Israel ([1Sm 27](#); [1Cr 12.19-22](#)).

O exército filisteu, marchando até o Vale de Megido para lutar contra o exército de Saul, estava desconfortável com os guerrilheiros de Davi em sua coluna traseira, então os comandantes colocam pressão sobre Aquis para dispensar Davi. Quando ele voltou para Ziclague, Davi descobriu que a cidade havia acabado de ser invadida pelos amalequitas. Ele perseguiu o inimigo, resgatou seu povo e bens, e dividiu os despojos com aqueles que haviam permanecido para trás para guardar os suprimentos ([1Sm 29-30](#)). Enquanto isso, os filisteus derrotaram os israelitas no monte Gilboa, matando Jônatas e dois dos outros filhos de Saul em uma batalha feroz. Saul, gravemente ferido, se matou com sua própria espada (cap. [31](#)).

Davi como Rei

Davi governou Israel por cerca de 40 anos, embora os relatos de seu reinado não contenham

informações suficientes para uma cronologia exata. Ele começou seu governo em Hebrom e reinou sobre o território de Judá por sete ou oito anos. Com a morte do sucessor de Saul, Isbosete, Davi foi reconhecido como rei por todas as tribos e fez de Jerusalém sua capital. Durante a próxima década, ele unificou Israel através da expansão militar e econômica. Então vieram aproximadamente 10 anos de interrupção na família real. Os últimos anos do reinado de Davi parecem ter sido dedicados aos planos para o templo de Jerusalém, construído no reinado de seu filho Salomão.

Os anos em Hebrom

Davi passou por um período de treinamento excepcionalmente rigoroso para sua realeza. Servindo sob Saul, ele ganhou experiência em conquistas militares contra os filisteus. Durante suas andanças no deserto ao sul de Judá, ele ganhou a favor dos donos de terras e criadores de ovelhas, oferecendo-lhes proteção. Ser reconhecido como um fora da lei de Israel o permitiu até mesmo negociar relações diplomáticas com Moabe e a Filístia.

Davi estava na terra dos filisteus quando recebeu a notícia de que Saul e Jônatas haviam sido mortos. Numa bela elegia, ele homenageou tanto seu amigo Jônatas quanto o rei Saul ([2Sm 1](#)).

Com a certeza da orientação de Deus, Davi voltou para sua casa, onde os líderes de Judá o ungiram rei em Hebrom. Ele enviou uma mensagem de elogio aos homens de Jabes por fornecer um sepultamento respeitável para o rei Saul, provavelmente também oferecendo por seu apoio.

A morte de Saul provavelmente trouxe confusão a Israel, já que os filisteus ocupavam grande parte do país. Vários líderes reuniram quaisquer homens de combate que pudessem encontrar, enquanto antigas lealdades tribais se reuniam. A maior parte da tribo de Judá apoiava Davi de maneira firme.

Uma espécie de guerra civil eclodiu entre os seguidores de Davi e os de Saul, com Davi ganhando a lealdade de mais e mais pessoas. O general de Saul, Abner, eventualmente negociou a paz com Davi, que solicitou a restauração de Mical como sua esposa, indicando que ele não tinha animosidade em relação à dinastia de Saul. Com o consentimento do filho de Saul, Isbosete, a quem Abner havia entronizado como rei, Abner foi para Hebrom e prometeu o apoio de Israel a Davi. Mas Abner foi morto por Joabe, um dos capitães de Davi, em uma vingança de família, e logo depois Isbosete foi

assassinado. Davi lamentou publicamente a morte de Abner e teve os dois assassinos de Isbosete mortos. Assim, quando a dinastia de Saul terminou, Davi foi visto pelo povo não tanto como um desafiante, mas como um sucessor lógico. Assim, ele foi reconhecido como rei por todo Israel ([2Sm 2-4](#)).

Consolidação em Jerusalém

Quando os israelitas se voltaram para Davi como rei, os filisteus ficaram alarmados e atacaram ([2Sm 5](#); [1Cr 14.8-17](#)). Davi foi forte o suficiente para derrotá-los e, assim, unificar o povo de Israel.

Em busca de uma localização mais central para sua capital, Davi se voltou para a cidade de Jerusalém, uma fortaleza dos jebuseus. Joabe respondeu ao seu desafio de conquistar a cidade e foi recompensado sendo nomeado general de Davi. Jerusalém se tornou conhecida como a “cidade de Davi” ([1Cr 11.4-9](#)).

Da mesma maneira que ele havia organizado seus primeiros seguidores em um grupo guerrilheiro eficaz ([1Cr 11.1-12.22](#)) em Hebrom, Davi começou a organizar toda a nação ([12.23-40](#)). Uma vez estabelecido em Jerusalém, ele rapidamente ganhou reconhecimento dos fenícios, firmando contrato com seus artesãos para construir um magnífico palácio na nova capital ([14.1-2](#)). Ele também se certificou de que Jerusalém se tornaria o centro religioso de Israel ([2Sm 6](#); [1Cr 13-16](#)). Sua tentativa abortada de mover a arca da aliança por carro de bois (cf. [Nm 4](#)) lembrou ao poderoso rei que ele ainda tinha que fazer as coisas do jeito de Deus para ser bem-sucedido.

Com Jerusalém bem estabelecida como a capital da nação, Davi pretendia construir um templo a Deus. Ele compartilhou seu plano com o profeta Natã, que teve uma resposta positiva imediata. Naquela noite, no entanto, Deus enviou uma mensagem através de Natã de que Davi não deveria construir o templo. O trono de Davi seria estabelecido eternamente, disse o profeta, e ao contrário de Saul, o rei Davi teria um filho para sucedê-lo e perpetuar o reino; esse filho construiria o templo ([2Sm 7](#); [1Cr 17](#)).

Prosperidade e Supremacia

Pouco é registrado sobre a expansão do governo de Davi da área tribal de Judá para um vasto império que se estende do rio Nilo do Egito até regiões do vale do Tigre-Eufrates. Nada na história secular nega a perspectiva bíblica de que Davi tinha o reino

mais poderoso no coração desse “Crescente Fértil” por volta de 1000 a.C.

Provavelmente, os conflitos com os filisteus a oeste foram frequentes até que eles finalmente se submeteram a Davi e lhe pagaram tributo. Nos dias de Saul, os filisteus haviam desfrutado de um monopólio sobre o uso do ferro ([1Sm 13.19-21](#)). O fato de que Davi usou livremente o ferro perto do final de seu reinado ([1Cr 22.3](#)) sugere mudanças econômicas profundas em Israel.

O reino de Davi se expandiu para o sul enquanto ele construía guarnições militares em território edomita. Além de Edom, ele controlava os moabitas e amalequitas, que lhe pagavam tributo em prata e ouro. Para o nordeste, o domínio israelita foi estendido sobre os amonitas e os arameus, dos quais a capital era Damasco. O tratamento de Davi a amigos e inimigos parecia contribuir para a força de seu reino ([2Sm 8-10](#)). Embora ele fosse um estrategista militar brilhante que usou todos os meios e recursos disponíveis para trazer o sucesso de Israel, Davi foi humilde o suficiente para glorificar a Deus ([2Sm 22](#); veja [Sl 18](#)).

Pecado na Família Real

Uma longa seção do livro de 2 Samuel (caps. [11-20](#)) dá um relato notavelmente franco do pecado, crime e rebelião na família de Davi. As próprias imperfeições do rei são claramente retratadas; o próprio rei de Israel não poderia escapar do julgamento de Deus quando ele fez o que era errado.

Embora a poligamia fosse então um símbolo de prestígio do Oriente Próximo, era proibida para um rei de Israel ([Dt 17.17](#)). Davi praticava a poligamia, no entanto; alguns de seus casamentos, sem dúvida, tinham implicações políticas (como seus casamentos com a filha de Saul Mical e com a princesa Maaca de Gesur). Pecados flagrantes de incesto, assassinato e rebelião em sua família trouxeram Davi muito sofrimento e quase lhe custou o trono.

O pecado de adultério de Davi com Bate-Seba, cometido no auge de seu sucesso militar e expansão territorial, o levou ainda mais para o mal: ele planejou uma estratégia para ter o marido de Bate-Seba, Urias, morto na linha de frente da batalha. Davi parece ter excluído Deus de sua consideração nesse segmento de sua vida pessoal. No entanto, quando o profeta Natã confrontou o rei com seus pecados, Davi reconheceu sua culpa. Ele confessou seu pecado e implorou a Deus por

perdão (como no [Sl 32](#) e [51](#)). Deus o perdoou, mas por quase dez anos Davi suportou as consequências de sua falta de autocontrole e seu fracasso em exercer disciplina em sua família. Embora insubstituível na estratégia militar e diplomática, Davi não tinha força de caráter em seus assuntos domésticos. O mal fermentou em sua própria casa; a autoindulgência do pai logo foi refletida no crime de Amnom de incesto, seguido pelo assassinato de seu irmão cometido por Absalão.

Tendo incorrido no desfavor de seu pai, Absalão se refugiou em Gesur com o povo de sua mãe por três anos. Joabe, o general de Davi, foi eventualmente capaz de reconciliar Davi com seu filho alienado. Absalão, no entanto, tendo aproveitado sua posição na família real para ganhar seguidores, foi para Hebrom, encenou uma rebelião surpresa e se proclamou rei em todo Israel. Seu grande número de seguidores representou uma ameaça tão grave que Davi fugiu de Jerusalém. Davi, ainda um mestre estrategista, ganhou tempo por um ardil para organizar suas forças e acabar com a rebelião de seu filho. Absalão foi morto enquanto tentava fugir; sua morte mergulhou Davi na tristeza.

Em seu retorno a Jerusalém, Davi teve que trabalhar para desfazer o dano causado pela revolta de Absalão. Sua própria tribo de Judá, por exemplo, havia apoiado Absalão. Outra rebelião, fomentada por Seba da tribo de Benjamim, tinha que ser suprimida por Joabe antes que a nação pudesse se acalmar.

Os últimos anos de Davi

Embora Davi não tenha sido autorizado a construir o templo em Jerusalém, ele fez extensos preparativos para esse projeto durante os últimos anos de seu reinado. Ele armazenou materiais e organizou o reino para o uso eficiente do trabalho doméstico e estrangeiro. Ele também delineou detalhes para a adoração religiosa na nova estrutura ([1Cr 21-29](#)).

A organização militar e cívica desenvolvida por Davi foi provavelmente padronizada após a prática egípcia. O exército, estritamente controlado por oficiais leais ao rei, tinha também mercenários entre suas fileiras. O rei também nomeou supervisores de confiança sobre fazendas, gado e pomares em várias partes de seu império ([1Cr 27.25-31](#)).

Davi tomou, ou pelo menos começou, um censo de Israel ([2Sm 24](#); [1Cr 21](#)). A incompletude dos relatos

deixa sem resposta tais perguntas como a razão para a punição de Deus. O rei desconsiderou a objeção de Joabe e insistiu que o censo fosse realizado. Uma vez que Davi mais tarde parecia estar ciente de que ele havia pecado ao tomar o censo, pode ser que ele foi motivado pelo orgulho para verificar sua força militar exata (aproximadamente 1,5 milhões de homens). É possível que Deus estivesse julgando o povo pelo suporte às insurreições de Absalão e Seba.

Através do profeta Gade, Davi recebeu uma escolha de punições por seu pecado. Ele optou por uma peste que duraria três dias. Enquanto Davi e os anciãos se arrependeram, eles viram um anjo na eira do jebuseu Ornã (Arauná). Davi ofereceu sacrifício lá e orou por seu povo. Mais tarde, ele comprou a eira, localizada fora da cidade de Jerusalém, concluindo que deveria ser o local para o templo a ser construído por seu filho Salomão ([1Cr 21.28-22.1](#)).

O legado duradouro de Davi

O escritor de Salmos

O livro do AT de Salmos se tornou um dos livros mais populares no antigo Israel, e permaneceu assim entre incontáveis milhões de pessoas ao longo dos séculos. Essas palavras de louvor preparadas por Davi foram destinadas para uso na adoração do templo ([2Cr 29.30](#)). Os 73 salmos atribuídos a Davi geralmente surgiram de seu próprio relacionamento com Deus e com outras pessoas.

Davi provavelmente compilou o Livro I do livro de Salmos ([1-41](#)) e o Livro IV ([90-106](#)), uma vez que a maioria desses salmos foi escrita pelo próprio Davi. Outros salmos de sua autoria ([Sl 51-71](#)) estão no Livro II ([42-72](#)), que foi provavelmente compilado por Salomão. Como esses salmos foram usados para adoração em gerações posteriores, várias pessoas adicionaram outros até o tempo de Esdras.

Os salmos de Davi forneceram grande parte da poesia que foi definida como música para a adoração de Israel. Sua organização dos sacerdotes e levitas e sua provisão de instrumentos para adoração ([2Cr 7.6; 8.14](#)) estabeleceu o padrão que influenciaria as gerações seguintes na vida religiosa de Israel.

Davi nos Escritos dos Profetas

Davi, reconhecido como o maior rei israelita, é muitas vezes mencionado como um padrão de comparação nos escritos dos profetas do AT. Isaías (como em [Is 7.2,13; 22.22](#)) e Jeremias muitas vezes se referiam aos seus reis contemporâneos como pertencentes à “casa” ou “trono” de Davi. Contrastando Davi com alguns de seus descendentes que não honraram a Deus, tanto Isaías quanto Jeremias predisseram um governante messiânico que estabeleceria justiça e justiça no trono de Davi para sempre ([Is 9.7; Jr 33.15](#)). Quando Isaías descreveu o governante que viria, ele o identificou como sendo da linhagem de Jessé, o pai de Davi ([Is 11.1-10](#)). Prevendo um período de paz universal, Isaías viu a capital em “Sião”, identificada com a cidade de Davi ([2.1-4](#)).

Ezequiel prometeu a restauração de Davi como rei em um sentido escatológico e messiânico ([Ez 37.24-25](#)), e de “meu servo Davi” como o pastor de Israel ([34.23](#)). Oseias também identificou o futuro governante como o rei Davi ([Os 3.5](#)). Amós assegurou ao povo que Deus restauraria o “tabernáculo” de Davi ([Am 9.11](#)) para que eles pudessem habitar novamente em segurança. Zacarias se referiu cinco vezes à “casa de Davi” (em [Zc 12-13](#), ARA), encorajando a esperança de uma restauração da dinastia gloriosa de Davi. O conceito do trono eterno prometido a Davi durante seu reinado foi delineado na mensagem dos profetas, mesmo enquanto eles estavam anunciando julgamentos por vir sobre os governantes e as pessoas de seu tempo.

Davi no Novo Testamento

Davi é frequentemente mencionado pelos escritores do Evangelho, que estabeleceram a identificação de Jesus como o “filho de Davi”. A aliança que Deus fez com Davi foi que um rei eterno viria da família de Davi ([Mt 1.1; 9.27; 12.23; Mc 10.48; 12.35; Lc 18.38-39; 20.41](#)). De acordo com [Mc 11.10](#) e [Jo 7.42](#), os judeus dos dias de Jesus esperavam que o Messias (Cristo) fosse um descendente de Davi. Ao afirmar que Jesus veio da linhagem de Davi, os Evangelhos também ensinam claramente que Jesus era o Filho de Deus ([Mt 22.41-45; Mc 12.35-37; Lc 20.41-44](#)).

No livro de Atos, Davi é reconhecido como o destinatário das promessas de Deus cumpridas em Jesus Cristo. Davi também é visto como um profeta a quem o Espírito Santo inspirou para escrever os salmos ([At 1.16; 2.22-36; 4.25; 13.26-39](#)).

No livro de Apocalipse, Jesus é designado como tendo a “chave de Davi” ([Ap 3.7](#)), e como sendo “o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi” ([5.5](#)). Jesus é citado como afirmando que “Eu sou a raiz e a descendência de Davi, a brilhante estrela da manhã” ([22.16](#)).

Veja também Cristologia; Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento); Israel, História de; Rei; Reino de Deus, Reino do Céu; Messias.

Davi, Cidade de

9. A cidade de Jerusalém no Antigo Testamento. "Cidade de Davi" referia-se originalmente à antiga fortaleza dos jebuseus que o Rei Davi capturou ([2Sm 5.6-9](#)). Davi, Salomão e muitos de seus descendentes que governaram sobre Judá foram sepultados na Cidade de Davi ([1Rs 2.10](#); [11.43](#)). Salomão considerava-a um lugar sagrado porque a arca do Senhor estava lá. Por causa disso, ele mudou sua esposa não israelita, a filha do Faraó, para fora da Cidade de Davi e construiu uma casa para ela em outro lugar ([2Cr 8.11](#)).

Após o reinado de Salomão, o termo "Cidade de Davi" também foi usado de forma mais ampla para descrever toda Jerusalém, incluindo a área do Templo recém-construída. No entanto, a parte mais antiga da cidade, localizada abaixo do Templo, ainda era chamada de "Cidade de Davi" ([Ne 3.15](#)). O túmulo de Davi ficava perto do tanque de Silóe e da escadaria que descia da Cidade de Davi ([Ne 3.15-16](#)).

Veja Jerusalém; Sião.

10. A cidade de Belém no Novo Testamento. Belém foi o local de nascimento de Davi e sua casa até ele ir ao palácio do Rei Saul para servir como músico ([1Sm 16.16-23](#)). Quando Davi se tornou rei de Judá, ele fez de Hebrom sua capital, seguindo as instruções do Senhor ([2Sm 2.1-11](#)). Belém também foi o local de nascimento de Jesus, um descendente de Davi ([Mq 5.2-4](#); [Lc 2.11](#)).

Veja também Belém #1.

Davi, Raiz de

Frase aplicada a Jesus Cristo no livro do Apocalipse ([Ap 5.5](#); [22.16](#)). Embora "raiz" geralmente signifique "fonte", a metáfora descreve Jesus como o descendente real de Davi, como indicado pela palavra paralela "descendência" em [Apocalipse 22.16](#). Ou seja, Jesus veio da família do Rei Davi como um ramo cresce de uma árvore enraizada (cf. [Is 11.1](#)).

Veja também Jessé, Raiz de.

Davi, Torre de

11. Uma fortaleza construída por Davi, com mil escudos pendurados nela. É mencionada em [Cântico dos Cânticos 4.4](#), mas em nenhum outro lugar.
12. Torre de Davi em Jerusalém, próxima ao Portão de Jaffa. Foi construída na época medieval.

Veja Jerusalém.

Deavitas

Um grupo de pessoas entre os colonizados em Samaria pelo rei assírio Assurbanípal ([Ed 4.9](#)). Os deavitas, que alguns estudiosos associam aos Daoi (uma tribo persa originária perto do Mar Cáspio), escreveram a Artaxerxes para protestar contra a reconstrução de Jerusalém pelos exilados judeus que retornavam. Alguns intérpretes sugerem que a palavra traduzida como “deavitas” poderia significar “isto é”, de modo que a frase seria lida como “os homens de Susã, isto é, os elamitas”.

Debir (Lugar)

13. Uma cidade cananeia onde os anaquins viviam antes de os israelitas a conquistarem ([Js 11.21](#); [15.15](#)). Existem duas histórias sobre a conquista de Debir ([10.38-39](#); [15.13-17](#)). Em uma história, Josué lidera o ataque. Na outra, Otoniel lidera o ataque após Calebe pedir ajuda. Estas podem ser duas versões do mesmo evento. Ou pode ser que os cananeus tenham retomado Debir, e Otoniel ajudou os israelitas a conquistá-la novamente.

No entanto, a primeira explicação parece mais provável. A história em Josué soa como a derrota definitiva da cidade.

Mais tarde, Josué deu Debir e suas pastagens aos sacerdotes descendentes de Arão ([Js 21.15](#); [1Cr 6.58](#)). Isso pode parecer apropriado porque Debir tinha um famoso templo pagão antes de os israelitas o capturarem. Debir também tinha outros nomes. Era chamada de Quiriate-Sana, que significa "cidade dos escribas" ([Js 15.49](#)). Também era chamada de Quiriate-Sefer, que significa "cidade dos livros" (v. [15](#)). Os estudiosos não concordam sobre sua localização exata. Mas a maioria acredita que ficava perto de um lugar chamado Khirbet Rabud na região montanhosa ao sul de Judá.

14. Uma cidade gadita a leste do Rio Jordão, perto do Mar da Galileia ([Js 13.26](#)). Pode ser o mesmo lugar que Lo-Debar ([2Sm 9.4-5](#); [17.27](#); [Am 6.13](#)). Mefibosete, o filho de Jônatas, morou lá antes de o Rei Davi chamá-lo para Jerusalém.
15. Uma cidade na fronteira norte de Judá, localizada a cerca de 16 quilômetros a nordeste de Jerusalém ([Js 15.7](#)).

Debir (Pessoa)

Um dos reis de Eglom que se tornou aliado de Adoni-Zedeque, o rei de Jerusalém. Debir foi executado por Josué ([Js 10.22-27](#)).

Débora

O nome de duas mulheres no Antigo Testamento. Em hebraico, Débora significa "abelha" ([Sl 118.12](#); [Is 7.18](#)).

16. A ama de Rebeca ([Gn 35.8](#)). Débora morreu enquanto viajava para Betel com a casa de seu mestre Jacó. Ela foi enterrada em um local conhecido como *Alom-Bacute* (que significa "o carvalho do choro"). Isso mostrou que ela era muito amada. Ela provavelmente era amiga de longa data de Rebeca (veja [Gn 24.59-61](#)).
17. Uma profetisa e juíza ([Jz 4-5](#)). O papel de Débora como profetisa era transmitir a mensagem de Deus. Como juíza, ela era uma líder dos israelitas. Embora outras mulheres atuassem como profetisas na Bíblia, isso não era comum. Outras profetisas incluíam:

- Miriã ([Êx 15.20](#))
- Hulda ([2Rs 22.14](#))
- Ana ([Lc 2.36](#))

Débora era única porque já estava liderando o povo como juíza *antes* dos principais eventos de sua história acontecerem ([Jz 4.4](#)). Seu marido, Lapidote, de outro modo, é desconhecido.

Débora foi celebrada como uma "mãe em Israel" ([Jz 5.7](#)). Ela permanecia em um local, e as pessoas vinham até ela em busca de orientação. Mais de 200 anos depois, quando o livro de Juízes foi escrito, uma grande palmeira ainda marcava o local. Embora ela vivesse na terra de Benjamim ([Jz 4.5](#); compare [Js 16.2](#); [18.13](#)), Débora era provavelmente da tribo de Efraim, a tribo mais proeminente do norte de Israel. No entanto, alguns estudiosos dizem que ela veio da tribo de Issacar ([Jz 5.14-15](#)). Naquela época, as tribos estavam organizadas de forma solta e nem sempre ocupavam seu território designado.

Sob a excelente liderança de Débora, os israelitas mal equipados derrotaram os cananeus na planície de Esdraelon ([Jz 4.15](#)). A enchente do Rio Quisom desorganizou os carros de combate do inimigo ([Jz 5.21-22](#)). Os cananeus fugiram para o norte, talvez para Taanaque, perto de Megido ([Jz 5.19](#)). Eles nunca mais retornaram como inimigos dentro de

Israel. O Cântico de Débora ([Jz 5](#)) é uma versão poética da narrativa em prosa em [Juízes 4](#).

Veja também Baraque; Débora, Cântico de; Juízes, Livro de.

Decálogo

Termo grego que significa "dez palavras", referindo-se aos Dez Mandamentos.

Veja Mandamentos, Os Dez.

Decápolis*

Grupo de cidades-estados nas quais os gregos se estabeleceram após a conquista de Alexandre, o Grande, da área no quarto século a.C. Elas estavam localizados a sudeste do Mar da Galileia, com a exceção de Citópolis, que estava a oeste do rio Jordão. Por volta de 77 d.C. Plínio apresentou o que veio a ser a primeira lista conhecida das cidades: Canata, Damasco, Diom, Gadara, Gerasa, Hipos, Pela, Filadélfia, Rafana e Citópolis.

Com a ascensão do nacionalismo judaico no segundo século a.C., o rei judeu Alexandre Janeu tomou o controle de algumas dessas cidades; elas permaneceram nas mãos de Israel até serem recapturadas pelo general romano Pompeu em 63 a.C. Durante a vida de Jesus, as cidades da Decápolis, que haviam se tornado centros de comércio relativamente prósperos, foram consolidadas em uma aliança romana contra uma possível revolta judaica.

A Decápolis é mencionada três vezes no NT. A primeira está em [Mateus 4.25](#), onde grandes multidões (principalmente gregos e cananeus) seguiam Jesus durante seu ministério inicial. Como vemos em [Marcos 5.20](#), o endemoninhado que foi curado por Jesus foi e proclamou Jesus em toda a região da Decápolis. Finalmente, [Marcos 7.31](#) diz que Jesus passou pela região de Decápolis em seu caminho de Tiro e Sidom ao Mar da Galileia.

Decretos de Deus

Veja Predestinação.

Dedã (Lugar)

Região localizada na Península Arábica. Os dedanitas foram mencionados entre aqueles que se alegraram com a queda de Israel durante o tempo do cativeiro babilônico. Jeremias e Ezequiel previram a destruição iminente de Dedã ([Jr 25.23; 49.8; Ez 25.13; 38.13](#)). Aparentemente, os dedanitas eram comerciantes que viajavam em caravanas e negociavam mantas de sela e várias vestimentas associadas à equitação ([Is 21.13; Ez 27.20](#)). Acredita-se que Dedã estava localizada em ou perto de um oásis chamado El-'ula na porção central da Península Arábica. Este oásis fazia parte das antigas rotas comerciais e, sem dúvida, desempenhou um papel no modo de vida mercantil dos dedanitas.

Dedã (Pessoa)

1. Neto de Cuxe na lista dos descendentes de Noé. Seu pai era Raamá, e o nome de seu irmão era Seba ([Gn 10.7; 1Cr 1.9](#)).

2. Neto de Abraão através de Quetura ([Gn 25.3](#)). Seu pai era Jocsã, seu irmão era Seba, e seus descendentes foram os Assurins, Letusins e Leumins.

Dedicação, Festa da

Designação pelo apóstolo João para a Festa das Luzes, ou Hanukkah ([Jo 10.22](#)). A festa dura oito dias e começa no 25º dia de Kislev (novembro a dezembro).

Veja Festas e Festivais de Israel.

Dedo (Medida)

Medida linear equivalente à largura de um dedo ([Jr 52.21](#)). *Veja* Pesos e medidas.

Deformidade

Qualquer anormalidade física óbvia. No sistema sacrificial do AT, tanto o animal a ser sacrificado ([Lv 1.3; 4.3](#)) quanto o sacerdote que realizava o sacrifício (capítulo [21](#)) tinham que ser espécimes fisicamente perfeitos, sem defeito ou falha. Por

serem perfeitos, eles são ambos tipos de Cristo no AT.

Dos 11 defeitos que excluiriam um homem de se tornar sacerdote ([Lv 21.17-20](#)), sete são no sistema musculoesquelético, dois são no olho, um é na pele e outro no sistema reprodutivo. A deformidade do “nariz chato” (KJV) ou “rosto defeituoso” (NVI) em [Levítico 21.18](#) não se refere a uma variante normal, mas a um nariz gravemente enfermo. Há um grande número de síndromes genéticas e doenças hereditárias que apresentam narizes muito deformados. Da mesma forma, as doenças infecciosas adquiridas como sífilis, tuberculose e lepra podem causar destruição do osso e suporte da cartilagem do nariz. Com o apoio perdido, a pele do nariz afunda para dentro. Isso é referido hoje como uma deformidade “em sela” do nariz.

Tanto o AT quanto o NT descrevem uma instância em que um homem tem um braço “seco” (KJV), “quebrado” (NVI) ou “paralisado” (NTLH). Tal defeito ocorre quando os nervos que suportam uma extremidade são danificados e os ossos se atrofiam. Uma lesão em um braço atingido por uma espada pode causar isso ([Zc 11.17](#)). A partir do NT, aprendemos que Jesus tinha o poder para instantaneamente curar um homem com uma mão cronicamente paralisada ([Mt 12.10](#); [Mc 3.1](#); [Lc 6.6](#)).

Veja também Doença; Medicina e Prática Médica.

Degraus, Canção dos

Título de [Salmos 120-134](#). *Veja* Cântico das subidas, Cântico dos degraus.

Delaías

1. Filho de Elioenai que traçou sua linha de descendência através de Zorobabel até Davi ([1Cr 3.24](#)).
2. Sacerdote no tempo de Davi ([1Cr 24.18](#)).
3. Líder de uma família pós-exílica que retornou com Zorobabel para a Judeia. O grupo não conseguiu provar sua verdadeira descendência israelita ([Ed 2.60](#); [Ne 7.62](#)).
4. Pai de um homem do século V a.C. chamado Semaías. Semaías se opôs a Neemias ([Ne 6.10](#)).

5. Conselheiro no reinado de Jeoaquim (609–598 a.C.) que aconselhou o rei a não destruir o rolo de Jeremias, que Baruque acabara de ler ([Jr 36.12,25](#)).

Demas

Um dos colegas de trabalho do apóstolo Paulo, Demas esteve com ele quando Paulo foi preso. Pouco se sabe sobre Demas além das breves informações dadas no Novo Testamento. No início, ele apoiou o ministério de Paulo. Ele foi mencionado nas saudações de Paulo aos Colossenses em [Colossenses 4.14](#). Ele também foi mencionado em [Filemom 1.24](#). No entanto, em [2 Timóteo 4.10](#), Paulo diz que Demas o abandonou por causa do amor de Demas pelo mundo presente.

Demétrio

Nome (“Filho de Deméter”) de cinco pessoas nos tempos bíblicos: três reis sírios e duas figuras do Novo Testamento.

1. Sucessor de Antíoco V Eupátor. Demétrio I foi rei (160–151 a.C.) durante a revolta judaica liderada por Judas Macabeu. Ele tentou várias campanhas malsucedidas contra os judeus ([1Mc 7.1-10](#); [2Mc 14.1-15.26-28](#)). Perto do final de seu reinado, Demétrio foi desafiado por Alexandre Epifânio e morreu em batalha ([1Mc 10.46-50](#)).
2. Filho de Demétrio I. Após a derrota e morte de seu pai, Demétrio II buscou refúgio em Creta e depois desafiou Alexandre Epifânio, invadindo a Síria com um exército de mercenários estrangeiros. Demétrio eventualmente concluiu um tratado com os judeus e conquistou o trono sírio em 145 a.C. ([1Mc 11.32-37](#)). Os judeus também ajudaram Demétrio contra outro rival, Trifão, até que ele quebrou sua palavra para com eles (vv. [54-55](#)). Na disputa subsequente entre Demétrio e Trifão, os judeus, sob o comando do irmão de Jônatas, Simão Macabeu, alcançaram a independência ([13.34-42](#)). Demétrio foi capturado por Arsaces VI (Mitrídates I), rei da Pártia, por volta de 138 a.C. ([1Mc 14.1-3](#)). Ele retornou ao trono sírio 10 anos depois e reinou brevemente até seu assassinato (125 a.C.).
3. Neto de Demétrio II. Demétrio III governou a Síria (95–88 a.C.) durante os anos turbulentos da era Selúcida. Um partido governante em Israel, os fariseus, solicitou sua ajuda na disputa com o sacerdote-rei Alexandre Janeu, mas sem sucesso.

4. Ourives pagão na cidade de Éfeso. Ele provocou um tumulto contra evangelistas cristãos cuja pregação teve efeitos prejudiciais em seu comércio ([At 19.23-41](#)). A cidade de Éfeso era um centro de adoração a Diana (contraparte latina da deusa grega Ártemis), a deusa da caça. Um enorme templo, uma das sete maravilhas do mundo antigo, havia sido erguido lá para sua adoração. Entre as atividades comerciais ligadas ao culto de Diana estava a fabricação de imagens religiosas de vários materiais, incluindo prata.

Demétrio, falando em nome dos ourives, afirmou que tanto seu negócio quanto o culto a Diana estavam ameaçados pela pregação do apóstolo Paulo e seus companheiros. Reunindo os outros ourives, ele denunciou Paulo. A reunião causou uma comoção geral, e uma multidão arrastou três dos companheiros de Paulo para o anfiteatro. Finalmente, o escrivão da cidade, responsável perante as autoridades romanas por manter a ordem cívica, conseguiu acalmar a multidão, persuadindo-os a levar quaisquer queixas que pudessem ter aos tribunais.

5. Cristão fiel a quem o apóstolo João elogiou em sua terceira carta do NT ([3Jo 1.12](#)). Demétrio pode ter sido o portador dessa carta.

Veja também João, Cartas de.

Demofonte

Um oficial sírio e governador de distrito na Palestina. Ele serviu sob o comando de Antíoco V (cerca de 164 a.C.). Seus colegas governadores eram Timóteo, Apolônio e Hierônimo. Embora dois líderes, Lísias e Judas Macabeu, tivessem feito acordos de paz, Demofonte e os outros líderes continuaram causando problemas para o povo judeu ([2Mc 12.2](#)).

Demônio

Anjo caído que, sob a liderança de Satanás, rebelou-se contra Deus. O demonismo é a atividade de demônios, enquanto a demonologia é o estudo dos demônios e sua atividade com o propósito de conhecer as táticas do inimigo ([2Co 2.11](#)) a fim de exercer autoridade sobre eles ([Lc 10.19](#)).

Quem são os demônios

A palavra “demônio” é derivada do grego *daimon*, que essencialmente significa “uma divindade, deidade” (isto é, uma falsa divindade, um demônio; cf. [1Co 10.20](#)). Qualquer divindade que não seja o único Deus verdadeiro é um espírito que se opõe a ele; portanto, tal espírito é um espírito maligno, ou demônio. A palavra “demônio” não aparece na KJV, que traduz erroneamente *daimon* como “diabo”. Há apenas um diabo (grego *diabolos*), conhecido por uma variedade de nomes, títulos e epítetos na Bíblia. Ele é o príncipe ou governante de todos os outros demônios, que estão sujeitos a ele.

Muitas vezes na Bíblia, a palavra “espírito” é usada para demônio, com uma frase descritiva ou de identificação; por exemplo, “espírito maligno” ([Atos 19.12-13](#)), “espírito imundo” ([Mt 10.1](#); [Mc 1.23,26](#); [Atos 5.16](#)), “espírito de enfermidade” ([Lc 13.11](#)), “espírito mudo e surdo” ([Mc 9.25](#)) (todas as citações da ARA). Os espíritos podem ser identificados por seu papel ou função específica, como um espírito de assassinato, suicídio, luxúria, depressão, medo, mentira, etc., associando-os com vários pecados ou atitudes contrárias a Deus.

No AT hebraico, não há palavra para “demônio”. O termo “espírito maligno” ocorre ([Jz 9.23](#); [1Sm 16.14-23](#); [18.10](#); [19.9](#)). Na ARA, há referências a “um espírito mentiroso” ([1Rs 22.22-23](#); [2Cr 18.20-22](#)), “espírito dos mortos” ([1Cr 10.13](#); [2Cr 33.6](#)), “espírito perverso” ([Is 19.14](#)), “espírito de sono profundo” ([29.10](#)) e “espírito de prostituição” ([Os 4.12](#); [5.4](#)).

Um demônio poderoso específico referido por título no AT é “o príncipe do reino da Pérsia”, que impediu o arcanjo Gabriel de vir para trazer informações a Daniel, fazendo com que o arcanjo Miguel viesse em auxílio de Gabriel ([Dn 10.13](#)).

O número de demônios é desconhecido; parece ser um número vasto, talvez inestimável. A partir de [Apocalipse 12.4](#), infere-se que um terço dos anjos foi desviado por Satanás. Isso significa que as hostes do céu superam em número de dois para um os poderes de Satanás. [Efésios 6.12](#) sugere uma ordem ou classe de demônios: “principados”, “potestades”, “dominadores deste mundo tenebroso”, “forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (ARA).

Os demônios são seres criados — pessoais, imortais e incapazes de reconciliação com Deus. Eles têm grande poder em comparação com os humanos, mas pouco poder em comparação com Deus. Deus nos deu autoridade sobre eles, para que

em nome de Jesus, eles devem obedecer ao povo de Deus, assim como eles devem obedecer ao próprio Senhor.

O que os demônios fazem

Os anjos foram criados para adorar e louvar a Deus, para servi-lo e agir como seus mensageiros. A Bíblia afirma que eles são “Todos eles são espíritos que servem a Deus, os quais ele envia para ajudar os que vão receber a salvação.” ([Hb 1.14](#), NTLH). Os anjos caídos têm uma função semelhante, mas um mestre diferente. Sua lealdade é ao diabo, a quem eles servem por medo e ilusão. Eles desejam trabalhar com seres humanos, mas seu propósito é realizar os esquemas de Satanás e se opor a Deus. Eles tentam, enganam e iludem as pessoas para levá-las para a condenação eterna. Ao se opor a Deus, eles atacam, oprimem, impedem e acusam o povo de Deus.

Uma vez que Satanás não é onipresente, ele usa suas hostes demoníacas para realizar sua vontade; por exemplo, na parábola do semeador ([Mt 13.3-9](#); [Mc 4.1-20](#); [Lc 8.4-15](#)), eles arrebatam a palavra antes que ela possa criar raízes ([Mc 4.15](#)). Por perseguição, Satanás faz com que alguns se afastem antes de terem feito um compromisso genuíno ([v. 17](#)). Pelos cuidados do mundo e pelo prazer das riquezas e pelo desejo das coisas materiais, ele sufoca a palavra para que pouco ou nenhum fruto seja produzido ([v. 19](#)).

Basicamente, os demônios operam de acordo com o padrão estabelecido por Satanás em sua abordagem tríplice com Eva: (1) eles negam a verdade da palavra de Deus e desafiam suas declarações; (2) eles negam a realidade da morte (tipicamente substituem por algo como reencarnação); e (3) eles apelam para a vaidade e orgulho humanos dizendo aos homens e mulheres que eles podem se tornar como Deus ou serem deuses ([Gn 3.1-5](#)). Esses também são os métodos e ensinamentos básicos subjacentes à maioria das seitas e falsas religiões.

O destino final dos demônios

Está escrito sobre os anjos que pecaram que Deus “os jogou no inferno e os deixou presos com correntes na escuridão, esperando o Dia do Julgamento.” ([2Pe 2.4](#), NTLH). O Senhor falou sobre o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos, para o qual os amaldiçoados dentre os humanos também devem ir ([Mt 25.41](#)). Finalmente, Satanás e seu exército serão lançados no lago de fogo ([Ap 20.10](#)), que também é o lugar de tormento eterno

para todos os quais os nomes não estão escritos no Livro da Vida ([vv. 12-15](#)).

Veja também Possessão Demoníaca.

Denário

Um denário era uma moeda de prata usada no Império Romano. A maioria dos trabalhadores recebia um denário por um dia inteiro de trabalho.

Veja Moedas; Dinheiro.

Dente-de-leão

Uma planta (*Taraxacum officinale*) considerada uma das ervas amargas. Os dentes-de-leão são plantas floridas comuns com flores amarelas brilhantes que se transformam em cabeças de sementes fofas. As folhas têm uma forma dentada, semelhante a um dente (o nome “dente-de-leão” vem do francês *dent de lion*, que significa “dente de leão”).

Veja Ervas Amargas.

Derbe

Uma cidade da província romana da Ásia. Estava localizada no distrito de Licaônia, na província da Galácia ([At 14.6](#)). Derbe foi a última cidade visitada por Paulo durante sua primeira viagem missionária ([v. 20](#)). Foi também a primeira cidade que Paulo visitou em sua segunda viagem ([16.1](#)). É provável que seja uma cidade que ele revisitou em sua terceira viagem ([18.23](#)).

Gaio era de Derbe ([20.4](#)). Ele foi um dos companheiros missionários de Paulo em sua terceira viagem.

Descanso

Descanso significa liberdade do trabalho ou atividade. A crença cristã no descanso vem do descanso do próprio Deus. Após completar a obra da Criação em seis dias, Deus “nesse dia descansou de toda a sua obra” ([Gênesis 2.2](#)). Este evento fornece a base para o sábado hebraico, um dia semanal de descanso. A palavra “sábado” em si significa descanso em hebraico. A ideia de descansar no sétimo dia é vista como parte da

ordem da Criação. O quarto mandamento diz para guardar o sábado para Deus. Trabalhe apenas seis dias. Deus fez tudo em seis dias e descansou no sétimo ([Êxodo 20.8-11](#)).

A ideia bíblica de descanso não é apenas sobre o passado (Criação) e o presente (descanso semanal). É também sobre o futuro. Este descanso futuro é simbolizado pela jornada dos israelitas sob Moisés da escravidão no Egito para o "descanso" da Terra Prometida. Eles alcançaram este descanso sob Josué, que os conduziu à terra e os estabeleceu lá (veja [Josué 23-24](#)).

Os 40 anos de peregrinação no deserto significaram que os adultos que saíram do Egito com Moisés não entraram na Terra Prometida. Eles trouxeram esse julgamento sobre si mesmos devido à sua ingratidão e rebelião ([Números 14.26-35](#)). Séculos depois, Deus advertiu seus descendentes. Ele disse para não serem duros de coração, ou poderiam perder o seu descanso. "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações" ([Salmo 95.7-11](#)). O autor de Hebreus cita esta passagem ([Hebreus 3.7-8; 4.7](#)) para mostrar que o descanso de Deus não é apenas parte da história. A promessa de entrar em seu descanso ainda está aberta. A palavra "hoje" mostra que o dia da graça ainda está aqui: "Porque se Josué lhes tivesse dado descanso, Deus não falaria mais tarde de outro dia. Portanto, resta um descanso sabático para o povo de Deus" ([Hebreus 4.8-9](#)).

Todos são convidados a entrar no descanso de Deus. O sábado semanal é um lembrete e uma reflexão desse descanso. O descanso que os israelitas encontraram na Terra Prometida após sua peregrinação é um símbolo do descanso eterno de Deus. Seu povo compartilhará dele. O descanso que Cristo oferece àqueles que vêm a ele ([Mateus 11.28](#)) é uma visão e uma promessa do descanso divino que os aguarda. O descanso após a morte para os crentes que "adormeceram em Cristo" é uma experiência aprofundada desse descanso: "Benditos são os mortos — aqueles que morrem no Senhor... eles descansarão de seus trabalhos" ([Apocalipse 14.13](#)). Mas o cumprimento completo desse descanso ocorrerá quando Cristo retornar. Naquele momento, todos os que pertencem a ele refletirão plenamente sua semelhança ([1 João 3.2](#)). A salvação será completa. Eles receberão corpos imperecíveis e glorificados ([2 Coríntios 5](#)). Uma criação renovada onde habita a justiça será estabelecida ([2 Pedro 3.13](#)).

Este momento será o clímax da história e o tempo em que o povo de Deus entrará plenamente em seu

descanso eterno. A redenção de Cristo, comprada na cruz, será completada. Isso trará descanso e liberdade de todo pecado. Também significa liberdade de toda tristeza, dor e morte ([Apocalipse 7.9-17; 21.1-7](#)). Além disso, a humanidade se estenderá a toda a criação de Deus. Será aperfeiçoada como originalmente pretendido (veja [Romanos 8.19-25](#)).

Descanso não significa inatividade. Deus descansou do trabalho da Criação. Mas, ele está ativo. Ele sustenta tudo o que fez. Ele realiza tanto o julgamento justo quanto a salvação graciosa. Jesus Cristo, através de sua vida, morte, ressurreição e glorificação, é Deus em ação ([2 Coríntios 5.19](#)). Como Jesus disse, "Meu Pai está em seu trabalho, e eu também estou trabalhando" ([João 5.17](#)). Os cristãos descansarão da luta contra o mal e dos sofrimentos desta vida presente. No entanto, o descanso em que entram não será entediante ou sem eventos. O próprio Deus é dinâmico, não estático, e assim é o seu descanso.

Como resultado, tudo do que um cristão descansa permitirá que ele esteja alegre e continuamente ativo em servir a Deus, o Criador e Redentor. Em perfeita harmonia com todas as obras de Deus, os cristãos louvarão e servirão alegremente ao Deus triúno. Sua alegria será completa, sem qualquer falta ou necessidade de melhoria (veja [Apocalipse 4.8-11; 5.8-14; 7.9-12](#)). Este será o descanso sabático eterno que tem um começo mas não tem fim: "Esforcemo-nos, portanto, por entrar nesse descanso" ([Hebreus 4.11](#)).

Veja também Céu; Dia do Senhor, O; Sábado.

Descida ao inferno

A expressão "descida ao inferno" vem de uma declaração controversa sobre Cristo no Credo dos Apóstolos. O credo afirma que Cristo "padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morreu e foi sepultado; ele desceu ao inferno; ao terceiro dia ressuscitou dos mortos". Esta frase, "ele desceu ao inferno", gerou muito debate. Embora faça parte do credo desde pelo menos o século IV, as pessoas ainda discordam sobre o que significa e como se relaciona com as Escrituras.

O Credo dos Apóstolos significa que a descida de Cristo ao inferno fazia parte de sua missão para salvar a humanidade. Como os outros eventos no credo estão listados em ordem, essa descida teria ocorrido entre a morte de Cristo e sua ressurreição.

A maioria dos estudiosos cristãos tradicionais concorda com esse ponto.

No entanto, várias perguntas importantes permanecem. Devemos entender a frase "ele desceu ao inferno" literalmente? Refere-se a um lugar real ou a um estado de ser? Como Cristo desceu? Em que condição ele estava? E com que propósito ele desceu?

A palavra "inferno" aumenta a confusão. No Antigo Testamento, a palavra hebraica para "túmulo" também passou a significar o "lugar dos mortos". A tradução grega do Antigo Testamento e do Novo Testamento usou a palavra *Hades* para esse conceito. Em muitas traduções em português, ambas as palavras são traduzidas como "inferno", juntamente com a palavra grega *Geena*, que se refere a um lugar de punição para os ímpios que Jesus mencionou ([Mt 5.22,29-30](#)). No entanto, as primeiras versões do Credo dos Apóstolos, escritas em grego, usam uma frase diferente que significa "a parte mais baixa". Versões latinas posteriores traduziram isso como *ad inferna* ("para o lugar abaixo"), que eventualmente passou a ser entendido como um lugar de tormento, ou "o inferno".

Descida literal

A interpretação tradicional, defendida por católicos romanos e luteranos, entende a frase de forma literal. Ensina que Cristo realmente foi ao lugar dos mortos, *Hades*. Dentro dessa visão, surgiram duas ideias principais sobre o motivo da descida de Cristo.

Para libertar os fiéis do Antigo Testamento

Uma ideia é que os crentes que viveram antes de Cristo, alguns listados em [Hebreus 11](#), estavam em uma parte do *Hades*. Eles não estavam nem sofrendo nem em êxtase. Eles estavam esperando pela salvação. Após a obra de Cristo na cruz, ele visitou o *Hades*. Ele libertou as almas de lá e as conduziu ao céu. Isso ocorreu entre sua morte e ressurreição.

Essa interpretação encontra apoio em [Efésios 4.8-10](#). Afirma que Cristo "desceu até os lugares mais baixos da terra" e então "subiu" ao alto, levando "prisioneiros". Aqui, "os mais baixos, lugares da terra" são entendidas como *Hades* e os "prisioneiros" como os crentes do Antigo Testamento que Cristo conduziu à plena comunhão com Deus.

Pregar o evangelho aos mortos desobedientes

Uma passagem relacionada é [1 Pedro 3.18-20](#). Diz que Cristo "pregou aos espíritos que estavam presos... daqueles que não tinham obedecido a Deus, quando ele ficou esperando com paciência" no tempo de Noé. Isso parece conflitar com a primeira visão, pois esses espíritos eram desobedientes, não crentes. Alguns sugerem uma segunda ideia. Cristo desceu ao *Hades*. Ele queria salvar aqueles perdidos no pecado que nunca ouviram o evangelho. De acordo com essa visão, "inferno" no Credo dos Apóstolos refere-se ao lugar onde estavam os mortos condenados. O propósito de Cristo ao descer era salvar algumas ou todas essas almas pregando para elas.

Essa interpretação também encontra apoio em [Efésios 4](#) e [1 Pedro 3-4](#). "Prisioneiros" em [Efésios 4](#) é visto como se referindo àqueles que morreram na "escravidão" do pecado. Em [1 Pedro 3](#), "os espíritos que estavam presos" são entendidos como aqueles no *Hades* que seriam condenados sem ouvir e responder ao evangelho na vida após a morte. Alguns também se referem a [1 Pedro 4.6](#), que diz que "o evangelho foi anunciado também aos mortos". Alguns estudiosos acreditam que este versículo se refere ao evangelho pregado para pessoas que estavam mortas na época da escrita. Muitos argumentam que pregar o evangelho após a morte é antibíblico, pois isso permitiria que aqueles que rejeitaram a salvação em vida a buscassem após a morte. Isso contradiz [Hebreus 3.7-15](#), que ensina que a salvação deve ser aceita nesta vida. A Bíblia também enfatiza que o julgamento é baseado apenas no que foi feito na terra.

Descida simbólica

Muitos estudiosos, incluindo João Calvino, interpretam a passagem de forma figurativa. Eles consideram as interpretações literais muito desafiadoras e não veem a descida como um evento real. Isso ocorreu entre a morte e a ressurreição de Cristo. Eles entendem isso como uma maneira de descrever a intensidade do sofrimento de Cristo. "Ele foi crucificado, morreu e foi sepultado" descreve seu sofrimento físico, e "ele desceu ao inferno" representa a profundidade de seu sofrimento espiritual. Cristo suportou a agonia do inferno como o substituto que carregou a culpa de toda a humanidade. Isso é refletido em seu clamor, "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" ([Mt 27.46](#)). A pior parte do inferno é estar separado de Deus ([Mt 7.23](#); [25.41](#)). Essa foi a agonia que

Cristo suportou para realizar o sacrifício expiatório e manter a justiça do Deus triúno.

O Catecismo de Heidelberg de 1562 apoia uma visão que se alinha com os relatos bíblicos sobre o sofrimento de Cristo. Esta interpretação calvinista, no entanto, é submetida a escrutínio quanto à sua fidelidade à intenção original do Credo dos Apóstolos.

O Catecismo Maior de Westminster reformula isso como "continuando no estado de morte e sob o poder da morte até o terceiro dia". Um grande problema com essa interpretação é que o credo é muito breve e parece evitar repetições.

Diante desses desafios interpretativos, alguns cristãos omitem "ele desceu ao inferno" ao recitar o credo. Eles mencionam sua inclusão tardia no pensamento cristão e sua ausência no Credo Niceno. No entanto, concílios cristãos endossaram uma versão do Credo dos Apóstolos que contém essa frase controversa.

Desejo

Um anseio ou desejo por algo. Na Bíblia, o conceito de desejo é expresso através de muitas palavras diferentes, tanto em hebraico quanto em grego. Como substantivo, traduz 12 palavras hebraicas e 3 palavras gregas. Como verbo, representa cerca de 12 verbos em hebraico e outros 12 em grego. Algumas dessas palavras simplesmente significam "pedir" ou "buscar" em traduções modernas.

O desejo em si não é nem bom nem mau. O significado moral está em como as pessoas respondem aos seus desejos. Pode-se permitir que os desejos controlem suas ações ou aprender a controlá-los e usá-los para os propósitos pretendidos por Deus.

Houve diferentes opiniões entre os cristãos sobre como abordar o desejo. Alguns ascetas argumentaram que desejar comida ou desfrutar de comer é pecaminoso. No entanto, o próprio exemplo de Jesus nos Evangelhos mostra que ele apreciava boas refeições, a ponto de seus críticos o chamarem de gluttono ([Lc 7.34](#)). Seu primeiro milagre no Evangelho de João foi realizado em um casamento em Caná da Galileia, onde o banquete provavelmente durou vários dias ([Jo 2.1-11](#)).

O desejo sexual, assim como o desejo por comida, não é inerentemente mau. Deus criou os seres humanos com ambos os desejos, e ambos precisam

ser mantidos sob controle em obediência à lei de Deus.

A principal distinção entre o desejo bom e o mau é se ele é centrado em si mesmo ou focado na vontade de Deus. A Bíblia ensina que a essência do pecado é a determinação de seguir o próprio caminho. O rei Davi, apesar de seus pecados graves, foi honrado porque era um homem segundo o coração de Deus, desejando fazer a vontade de Deus ([At 13.22](#)). Em contraste, o rei Saul foi rejeitado por ser teimoso e obstinado ([1Sm 15.23](#)).

O desejo maligno, portanto, não é necessariamente querer algo tradicionalmente rotulado como perverso. É essencialmente o desejo de seguir o próprio caminho, o que é uma forma de idolatria – colocar-se no lugar de Deus.

O desejo é necessário para realizar qualquer coisa na vida. No entanto, as ações de uma pessoa devem sempre estar alinhadas com a vontade de Deus, conforme revelado em sua Palavra. A Bíblia promete que, se as pessoas se deleitarem no Senhor, Deus lhes concederá os desejos do seu coração ([Sl 37.4](#); compare [Sl 145.16.19](#); [Pv 10.24](#); [Mt 6.33](#)). Quando Deus se torna o maior desejo de alguém, todos os outros desejos se tornam apropriados e podem refletir os desejos de Deus para o bem-estar do seu povo.

Deserto

Lugar desolado e vazio, muitas vezes árido, arenoso e incapaz de sustentar a vida vegetal, como, por exemplo, o Negev do sul da Palestina. Um deserto frequentemente inclui áreas locais onde a vida marginal é possível. O termo hebraico mais comum para deserto significa "região selvagem" e talvez esteja relacionado com um verbo que significa "conduzir", assim como um pastor conduz ovelhas para o pasto. A palavra grega comumente usada no NT e na Septuaginta (tradução grega antiga do AT) implica uma área aberta e sem vegetação onde vagam feras selvagens ([Dt 32.10](#); [Jô 24.5](#)). O deserto também é às vezes um lugar de pasto ([Êx 3.1](#); [Sl 65.12](#); [Jr 23.10](#); [Jl 2.22](#)).

A Bíblia muitas vezes se refere às regiões selvagens (p. ex., [Gn 16.7](#); [21.20](#); [1Sm 17.28](#); [Mt 3.1](#); [Mc 1.13](#); [Lc 15.4](#)). "Deserto" geralmente é um lugar sem população estabelecida ([Nm 14.33](#); [Dt 32.10](#); [Jô 38.26](#); [Pv 21.19](#); [Jr 9.2](#)), mas é o lugar de habitação da vida selvagem: o abutre ([Sl 102.6](#)), asnos selvagens ([Jô 24.5](#)), chacais ([Ml 1.3](#)) e os avestruzes

([Lm 4.3](#)). O termo também é usado figurativamente ([Os 2.3](#); [Jr 2.31](#)).

Outro termo hebraico para deserto, de uma raiz que significa “ser árido”, se refere a uma estepe infértil, desolada e árida ([Jó 24.5](#); [Is 33.9](#); [Jr 51.43](#)). A forma plural dessa palavra descreve características topográficas das planícies do deserto de Moabe ([Nm 22.1](#); [26.3,63](#); [Dt 34.1](#)) e de Jericó ([Is 4.13](#); [5.10](#); [2Rs 25.5](#)). Com o artigo definido, essa palavra (o Arabá) é a planície do Vale do Jordão e dos arredores do Mar Morto. A geografia daquela região contém contrastes nítidos; o Vale do Jordão, denso com uma floresta semelhante à selva que abriga feras selvagens (incluindo leões nos tempos bíblicos), dá lugar às terras estepes da área do Mar Morto, que sempre foram desertas.

Dois outros termos hebraicos, que significam “deserto” e “ruína”, se referem a distritos ou assentamentos que já foram habitados, mas mais tarde devastados ([Is 1.7](#); [5.9](#); [6.11](#); [Jr 42.18](#); [Ez 35.7](#)). Eles também são usados de forma mais geral para qualquer lugar desolado ou deserto ([Lv 26.31,33](#); [Jó 3.14](#); [Sl 9.6](#); [109.10](#); [Is 5.17](#); [44.26](#); [51.3](#); [52.9](#); [Jr 7.34](#); [Ez 5.14](#)). Um deles também é usado uma vez para o deserto do êxodo ([Is 48.21](#)). Outra palavra que significa “deserto” ([Sl 78.40](#); [Is 43.19–20](#)), quando prefixado com o artigo definido, é um nome próprio para Jesimom, uma área de terra a oeste do Mar Morto ([Nm 21.20](#); [1Sm 23.24](#); [26.1](#)).

No NT, o substantivo para “região selvagem” e o adjetivo “deserto” ([Mt 3.1](#); [24.26](#); [Lc 5.16](#); [Jo 6.31](#); [Atos 8.26](#)) vêm da mesma raiz grega.

Toda a história bíblica tem sido interpretada como tendo um tema de deserto ou região selvagem. Pode ser visto no âmbito da experiência humana rebelde fora do Jardim do Éden; na peregrinação de Israel durante o êxodo; na luta entre a fé genuína no deserto e a vida suave e idólatra da cidade. O deserto é visto como um território de demônios e morte ([Dt 32.17](#); [Is 34.13–14](#)); sua selvageria demoníaca se assemelha ao caos primitivo da Criação ([Gn 1.2](#); [Jó 26.7](#)). Várias passagens impressionantes das Escrituras tratam da renovação da vida em um vale deserto (p. ex., [Ez 37](#)), ou da transformação da terra árida em um jardim frutífero ([Is 41.18–20](#)).

O deserto também é um lugar onde Deus está perto de seu povo ([Dt 32.10–12](#)), tanto vigiando sobre eles, quanto testando sua obediência ([Jr 2.2](#); [Os 2.14–15](#)). Por fim, o deserto é um lugar de refúgio,

purificação e consagração. Nos Evangelhos, o tema do deserto do êxodo repete-se nos 40 dias e noites em que Jesus foi tentado no deserto ([Mc 1.13](#); cf. [Sl 91](#)). Os monges do deserto da igreja primitiva e os eremitas da Idade Média seguiram o exemplo do profeta Elias e João Batista ([1Rs 19.4–8](#); [Mt 3.1–6](#)).

Veja também Neguebe, Negev; Palestina; Deserto.

Deserto de Sim

O deserto de Sim (também chamado de ermo de Sin) foi um lugar por onde os israelitas viajaram após deixar o Egito.

Veja Sim, Ermo de.

Deserto de Sim

Uma região seca e arenosa na parte sudoeste da península do Sinai. A Bíblia nos informa que estava localizada “entre Elim e Sinai” ([Êx 16.1](#)). É mencionada apenas quatro vezes na Bíblia nas descrições da jornada do Êxodo do Egito ([Êx 16.1](#); [17.1](#); [Nm 33.11–12](#)). O deserto de Sim está localizado a sudeste de Elim, que geralmente se acredita ser o Wadi Gharandel.

Veja também Sina, Sinai; Peregrinações no deserto.

Desfavorecida, Sem compaixão

Um nome simbólico que o profeta Oseias deu à sua filha ([Os 1.6–8](#)). Foi um aviso do julgamento iminente de Deus sobre Israel.

Veja Ruamá.

Dessau

Uma aldeia na Judeia onde Judas Macabeu liderou os judeus em um ataque contra as forças de Nicanor ([2Mc 14.16](#)). Nicanor era um oficial sírio sob o comando de Lísias.

Destino

18. Um deus pagão (Meni) mencionado em conexão com outro deus pagão (Gade). Este deus era provavelmente um deus da sorte ou fortuna ([Is 65.11](#));
19. O futuro determinado dos hebreus como o povo escolhido de Deus ([Êx 19.5.6](#)). No Novo Testamento, o destino eterno depende do relacionamento de uma pessoa com Jesus ([At 17.30.31](#); [1Jo 5.1-5](#)).

Veja também Eleger, eleição; Predestinação.

Deuel

Deuel foi o pai de Eliasafe. Eliasafe liderou a tribo de Gade durante as peregrinações dos israelitas no deserto ([Nm 1.14](#); [7.42.47](#); [10.20](#)). Em [Números 2.14](#), a maioria dos manuscritos escreve seu nome como Reuel. Alguns outros o escrevem como Deuel. Isso se deve a uma semelhança confusa entre as letras hebraicas para “d” e “r”.

Deus como Pai

A Bíblia descreve Deus como Pai de diferentes maneiras. Como Criador, Ele é o Pai de todas as pessoas ([Mt 2.10](#); [At 17.28](#)). Mas, de uma maneira especial, Deus é o Pai daqueles que creem nele. Ele cuida, protege e guia-os ([Jo 1.12-13](#); [Rm 8.14-17](#)).

O relacionamento entre Deus o Pai e Jesus o Filho revela o significado mais profundo da paternidade de Deus. No batismo de Jesus, Deus falou do céu, dizendo: “Este é o Meu Filho amado, em quem Me agrado!” ([Mt 3.17](#)). Ao contrário dos crentes, que são filhos de Deus por adoção, Jesus é o Filho eterno de Deus. Ele disse: “Eu e o Pai somos um” ([Jo 10.30](#)). Isso mostra que ele compartilha a mesma natureza divina do Pai.

Jesus revelou como é Deus, o Pai. Ele disse aos Seus discípulos: “Quem me vê, vê o Pai” ([Jo 14.9](#)). Jesus sempre fez o que agradava ao Seu Pai ([Jo 8.29](#)). Ele ensinou as pessoas sobre o amor paternal de Deus e incentivou Seus seguidores a orarem a Deus como “nosso Pai no céu” ([Mt 6.9](#)). Esta oração (chamada de Oração do Senhor) nos ensina a confiar no cuidado de Deus e buscar a Sua vontade.

Através de Jesus, os crentes podem ter um relacionamento próximo com Deus como seu Pai, sendo trazidos para a família de Deus através da fé ([Gl 4.4-7](#)).

Veja Deus, nomes de; Trindade.

Deus, Ser E Atributos De

Características inerentes de Deus reveladas nas Escrituras e exibidas nas ações de Deus na história bíblica. Eles são características igualmente do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Os atributos de Deus são revelados de maneiras progressivamente mais ricas e mais completas dentro da história da redenção.

De acordo com a Bíblia, toda a criação mostra a deidade e poder eterno de Deus ([Sl 19.1-6](#); [Rm 1.20](#)). A providência de Deus também revela alguns de seus atributos ([Mt 5.45](#); [Lc 6.35](#); [At 14.16-17](#); [17.22-31](#)). A revelação mais completa dos atributos de Deus é vista em sua obra de redenção através de Jesus Cristo.

Como as Escrituras expressam as características de Deus? Primeiro, nos nomes divinos pelo qual Deus se revelou ([Gn 1.1](#); [2.4](#); [17.1](#); [Êx 3.6.14-15](#); [6.2-5](#)). Alguns dos atributos de Deus são revelados implicitamente nos relatos bíblicos da Criação, Queda, Dilúvio, Babel e o Êxodo, e mais plenamente nas várias alianças que Deus fez com seu povo. Para Israel, ele se identificou como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó ([Êx 3.15](#)). Para o faraó, ele se identificou como o “Deus de Israel” ou o “Deus dos hebreus” ([5.1-3](#)).

Pelo tempo em que o povo de Israel havia chegado ao Monte Sinai, a revelação dos atributos de Deus na narrativa bíblica havia se tornado mais explícita: “Eu sou o SENHOR, o Deus Eterno! Eu tenho compaixão e misericórdia, não fico irado com facilidade, e a minha fidelidade e o meu amor são tão grandes, que não podem ser medidos. Cumpro a minha promessa a milhares de gerações e perdão o mal e o pecado. Porém, não deixo de castigar os seus filhos e até os netos, os bisnetos e os trinnetos pelos pecados dos pais”. ([Êx 34.6-7](#)). Este resumo é repetido em outro lugar com pequenas variações ([Nm 14.18](#); [Ne 9.17](#); [Sl 103.8](#); [Jr 32.18](#); [Jn 4.2](#)).

Resumo

- Os Atributos de Deus
- Atributos Incomunicáveis

- Atributos Comunicáveis

Os atributos de Deus

As confissões cristãs históricas se referem a várias características de Deus sem chamá-las de atributos ou classificá-las. O Breve Catecismo de Westminster (1647) mostra uma tendência em direção à classificação, descrevendo Deus como “um Espírito, infinito, eterno, e imutável em seu ser, sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade e verdade”. Os primeiros quatro atributos qualificam os outros.

Várias maneiras de qualificar os atributos foram sugeridas. Geralmente tais esquemas dividem os atributos divinos em pares: negativo e positivo, natural e moral, absoluto e relativo, imanente e eminente, intransitivo e transitivo, imóvel e operativo, antitético e sintético, ou incomunicável e comunicável. Os católicos romanos preferem a distinção de negativo e positivo, ou natural e moral. Os luteranos geralmente favorecem a distinção entre atributos imóveis e operativos. Os estudiosos reformados e evangélicos geralmente distinguem atributos incomunicáveis e comunicáveis. Karl Barth agrupou os atributos sob liberdade e amor e então propôs pares de atributos que refletem liberdade-amor ou amor-liberdade. Apesar da diversidade de rótulos dados aos grupos de atributos, existe uma concordância surpreendente nos atributos listados em cada grupo.

Este artigo fará uma distinção entre atributos incomunicáveis e comunicáveis sem considerar a própria classificação como significativa. Nenhuma classificação dos atributos de Deus é totalmente satisfatória. Os atributos *incomunicáveis* enfatizam a distinção absoluta de Deus, sua grandeza transcendente e natureza exaltada. Tais atributos têm pouca ou nenhuma analogia nas criaturas de Deus. Os atributos *comunicáveis* encontram alguma reflexão ou analogia em seres humanos criados à imagem de Deus. Eles indicam a imanência de Deus em relação às criaturas. No entanto, todos os atributos são os atributos de Deus; a distinção entre Deus e o homem, entre Criador e criatura, é sempre básica.

Atributos Incomunicáveis

Reconhecendo alguma diversidade de opinião teológica, os seguintes atributos serão considerados incomunicáveis: unidade, espiritualidade, independência, imutabilidade, eternidade e imensidade. Além disso, a

incompreensibilidade de Deus deve ser mencionada.

A *incompreensibilidade* de Deus às vezes é incluída em listas de seus atributos. Parece preferível considerá-lo como uma descrição da incapacidade humana de entender Deus completamente. A incompreensibilidade, portanto, não é um atributo, embora seja um dado em todo debate sobre Deus. Através de sua revelação, Deus é verdadeiramente conhecido pela fé, mas nenhuma criatura jamais entenderá Deus, o Criador. Da mesma forma, ninguém nunca entenderá completamente nenhum dos atributos de Deus. O reconhecimento da incompreensibilidade de Deus deve contribuir para um espírito de humildade em toda consideração sobre Deus e seus atributos ([Salmo 139.6](#); [145.3](#); [Is 40.28](#); [55.8-9](#); [Mt 11.25-27](#); [Rm 11.33-36](#); [1Co 2.6-16](#); [13.8-13](#)).

A *unidade* de Deus é uma expressão do monoteísmo — o fato de que o Deus das Escrituras é o único, vivo e verdadeiro Deus ([Dt 6.4](#); [Mc 12.29](#); [Jo 17.3](#)). Todos os outros deuses são ídolos e invenções da imaginação humana. Este atributo é refletido no primeiro mandamento: “Não terás outros deuses diante de mim” ([Êx 20.3](#)).

A *espiritualidade* de Deus indica que Deus não é físico e é invisível. Positivamente, significa que Deus é pessoal, vivo, autoconsciente e autodeterminado. O Deus invisível não pode ser visto pelos olhos humanos ([Êx 33.20](#)), então o segundo mandamento proíbe todas as representações visíveis de Deus ([20.4](#)). Porque Deus é Espírito, ele deve ser adorado em espírito e em verdade ([Jo 4.24](#)).

A *independência* ou autoexistência de Deus indica que ele não é dependente de nada fora de si. Ele é autossuficiente em sua existência, em seus decretos e em todas as suas obras. Deus tem “vida em si” ([Jo 5.26](#)) e “ele mesmo dá vida, fôlego e tudo” ([At 17.25](#)). Para Israel, ele se revelou como o “Eu Sou” ([Êx 3.14](#)), e ele fez Israel um povo de aliança para sua própria possessão. Deus continua a realizar sua vontade no mundo, e mesmo que ele use vários meios, sua independência permanece intacta. Assim, ele entra em comunhão com seu povo da aliança, e ele divulga o evangelho através de agentes humanos.

A *imutabilidade* ou constância de Deus expressa sua imutabilidade e sua fidelidade a si, aos seus decretos, promessas e obras. Ele permanece para sempre o mesmo Deus verdadeiro que não sofre nenhuma mudança de dentro ou de qualquer coisa

fora de si. E assim em [Tiago 1.17](#) lemos: “Tudo de bom que recebemos e tudo o que é perfeito vêm do céu, vêm de Deus, o Criador das luzes do céu. Ele não muda, nem varia de posição, o que causaria a escuridão”. O juramento de Deus a Abraão expressou sua imutabilidade para que seu povo da aliança pudesse ter certeza do “caráter imutável de seu propósito” ([Hb 6.17](#)). Samuel disse ao rei Saul que o Senhor não “não mente, nem muda de idéia. Ele não é um ser humano” ([1Sm 15.29](#); cf. [Nm 23.19](#)). “Porque eu, o Senhor, não mudo” ([Ml 3.6](#)). Essa era a explicação de Deus para não destruir Judá pecaminoso; ele mostra misericórdia e mantém sua aliança. Porque “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre”, os cristãos são advertidos para não serem “guiados por ensinamentos diversos e estranhos” ([Hb 13.8-9](#)).

A imutabilidade ou constância de Deus não implica que ele é estático ou imóvel. Ele é um Deus dinâmico e vivo que está constantemente trabalhando ([Jo 5.17](#)). Às vezes Deus é descrito como estando arrependido, arrependendo-se ou mudando de ideia ([Gn 6.6-7](#); [1Sm 15.11](#); [Jn 3.10](#)). Em seus contextos, tais expressões figurativas mostram a constância de um Deus que, em santidade e justiça, sempre abomina o pecado e reage contra ele. Em sua graça e misericórdia, ele perdoa o penitente, e ele realiza suas promessas sem falhar ([Sl 110.4](#); [Is 46.10](#); [Jr 18.7-10](#); [Ef 1.11](#)). Assim, a constância de Deus é significativa em todos os relacionamentos humanos com ele, incluindo petições oferecidas em oração.

A *eternidade* de Deus indica sua transcendência ao longo do tempo. Ele é atemporal e eterno. Ele não tem começo ou fim; ele não sofre crescimento, desenvolvimento ou maturação. Ele existia antes da criação do mundo; ele habita agora na eternidade; ele continuará como o Deus eterno, mesmo quando a história terminar. As Escrituras falam de Deus como “eterno” ([Dt 33.27](#)), “o Rei” ([1Tm 1.17](#)), “o princípio e o fim” ([Ap 22.13](#)). Ele “habita a eternidade” ([Is 57.15](#)) e seus “anos não têm fim” ([Sl 102.27](#); cf. [2Pe 3.8](#)). Embora Deus esteja acima do tempo e seja atemporal, o tempo é sua criação e a história é a arena de sua obra. “Quando chegou completamente a hora, Deus enviou seu Filho” ([Gl 4.4](#)); Jesus Cristo morreu em uma sexta-feira e ressuscitou no terceiro dia.

A *imensidão* e *onipresença* de Deus expressam sua transcendência sobre o espaço. Deus enche o céu e a terra ([Jr 23.23-24](#)). O céu é seu trono, e a terra é seu estrado de pés, então ele não está restrito a um edifício do templo ([Is 66.1](#); [At 17.24](#)). No entanto,

Deus é imanente neste mundo e está ativamente trabalhando nele para estabelecer seu reino. Ninguém pode se esconder do Deus onipresente ([Sl 139.6-12](#)). Jesus prometeu: “Eu estou sempre com vocês até o fim dos tempos” ([Mt 28.20](#)). Desde Pentecostes ([At 2](#)), o Espírito Santo é dito que realmente habita dentro dos corpos dos crentes ([1Co 6.19](#)).

Atributos comunicáveis

Muitos atributos de Deus podem ser classificados sob este título, embora às vezes seja difícil dizer quais referências bíblicas a Deus devem ser consideradas atributos. Uma rica diversidade de terminologia é encontrada nas Escrituras, com muitos sinônimos. Por conveniência, os atributos comunicáveis são muitas vezes classificados como intelectuais, morais e volitivos.

Atributos intelectuais

O *conhecimento* de Deus indica que de uma maneira única Deus conhece a si e todas as coisas possíveis e reais. *Onisciência* significa que “ele sabe tudo” ([1Jo 3.20](#)). “Antes mesmo que eu fale, tu já sabes o que vou dizer” ([Sl 139.4](#)), incluindo os pensamentos secretos do coração de uma pessoa. O julgamento justo de Deus está enraizado no fato de que ele “conhece os pensamentos do homem” ([Sl 94.11](#)). Reconhecendo que a onisciência de Deus é incompreensível, o salmista encontra uma fonte de conforto ([139.1-5](#)). Todos os “tesouros de sabedoria e conhecimento” estão escondidos em Cristo ([Cl 2.3](#)); portanto, o cristão é instruído a trazer cativo todo pensamento para obedecer a Cristo ([2Co 10.5](#)). A santificação cristã inclui renovação no conhecimento para se tornar mais parecido com Cristo ([Cl 3.10](#)).

A *sabedoria* de Deus indica que ele usa seu conhecimento da melhor maneira possível para alcançar seus objetivos. As obras de Deus são variadas, mas todas são feitas em sabedoria ([Sl 104.24](#)). “O Senhor pela sabedoria fundou a terra” ([Pv 3.19](#)); sua providência também exibe sua sabedoria ([Gn 50.20](#)). A redenção através de Jesus Cristo revela a sabedoria de Deus ([1Co 1.24](#)) e desperta admiração e louvor ([Rm 11.33-36](#)). Os seres humanos devem buscar sabedoria ([Pv 3.21](#)) — sabedoria enraizada no temor de Deus ([Jó 28.28](#); [Sl 111.10](#); [Pv 9.10](#)). Diz-se que os cristãos são “sábios em Cristo” ([1Co 4.10](#)), e Cristo os cobra para agir com sabedoria ([Mt 10.16](#)), imitando assim a sabedoria de Deus.

A *veracidade* de Deus expressa sua autenticidade e fidelidade. Ele é a verdade e ele é fiel a si, à sua Palavra e às suas promessas ([2Tm 2.13](#)). “Deus é luz e nele não há trevas” ([1Jo 1.5](#)); portanto, seus seguidores devem andar na luz (vv [6-7](#)). Jesus é “o caminho, a verdade e a vida” ([Jo 14.6](#)); por isso, os cristãos devem andar na verdade e mostrar fidelidade em suas vidas.

Atributos morais

A descrição mais flexível do caráter moral de Deus é sua *bondade*. Deus lida com generosidade e bondade com todas as suas criaturas. Ele é “bom para todos” ([Sl 145.9](#)). Jesus insistiu que “ninguém é bom, mas somente Deus” ([Mc 10.18](#); [Lc 18.19](#)). Os redimidos louvam a Deus por sua bondade ([1Cr 16.34](#); [2Cr 5.13](#); [Sl 106.1](#); [107.1](#); [118.1](#); [136.1](#); [Jr 33.11](#)) e são chamados para imitar esta característica divina ([Mt 5.45](#); [Lc 6.27-36](#)).

O *amor* de Deus é o batimento cardíaco do evangelho. O perfeito amor flui entre as Pessoas da Trindade ([Jo 3.35](#); [17.24](#)). No Sinai, Deus se revelou abundante em amor e fidelidade constantes ([Êx 34.6-7](#)), e todas as suas relações de aliança com os descendentes de Abraão mostraram seu amor constante. A principal manifestação do amor de Deus era o envio de seu Filho, Jesus Cristo ([Jo 3.16](#)). O apóstolo João, que declarou que “Deus é amor”, apontou para a cruz para indicar o que esse amor realmente significava: “ele que nos amou e mandou o seu Filho para que, por meio dele, os nossos pecados fossem perdoados” ([1Jo 4.8.10](#)).

O amor de Deus mostrado aos pecadores imerecidos é chamado de *graça* ([Ef 1.6-8](#); [2.7-9](#); [Tt 3.4](#)). *Misericórdia* é o amor de Deus (às vezes sua bondade) mostrado para aqueles que estão em miséria e angústia. Deus é *longânimo* ou paciente em seu amor; ele dá tempo para o arrependimento.

A *santidade* de Deus retrata a pureza moral e excelência de Deus. A descrição da santidade de Jesus é aplicável a cada uma das Pessoas da Trindade: “Ele é perfeito e não tem nenhum pecado ou falha. Ele foi separado dos pecadores e elevado acima dos céus” ([Hb 7.26](#)). A ideia essencial da santidade é ser separado ou posto à parte. Por causa de sua santidade inerente, Deus é distinto de tudo que é impuro ou profano. Somente Deus é santo; seu nome é santo, e ele leva o nome de “o Santo” ([Sl 78.41](#); [89.18](#); [99.3.9](#); [111.9](#); [Is 12.6](#); [Jr 51.5](#); [Ap 15.4](#)). Os Anjos louvam a santidade de Deus ([Is 6.3](#); [Ap 4.8](#)). Objetos, lugares e pessoas são chamados santos quando separados para a adoração de Deus. Porque Deus é santo, seu povo é

chamado para a santidade ([Lv 11.44-45](#); [19.2](#); [1Pe 1.14-15](#)). A disciplina de Deus sobre seu povo tem como objetivo fazê-los compartilhar sua santidade ([Hb 12.10](#)). A santidade de Deus é tão proeminente nas Escrituras que alguns (erroneamente) a consideraram como o principal atributo de Deus.

Atributos volitivos

A *soberania* de Deus indica a autoridade divina com a qual ele governa toda a criação e, em seu soberano bom prazer, faz o que ele quer. Deus é Rei sobre toda a criação, e ele governa o destino dos seres humanos e nações. Ele restaura seu reino através de Jesus Cristo; o Senhor ressuscitado revelou que toda a autoridade no céu e na terra foi dada a ele ([Mt 28.18](#)). A eleição para a salvação em Cristo é “de acordo com o plano e com a decisão de Deus. De acordo com a sua vontade e com aquilo que ele havia resolvido desde o princípio” ([Ef 1.11](#)). A vontade soberana de Deus, embora livre, não é arbitrária; é justa e santa. Ele criou o mundo e deu sua lei como a regra para a vida de seu povo; ele faz alianças, abençoa, e julga. Deus é o “Rei dos reis e Senhor dos senhores” ([1Tm 6.15](#)); ele chama todos os seus súditos ao amor obediente ([Dt 6.4-5](#); [Mt 22.37-40](#); [1Jo 5.3](#)).

O *poder soberano* de Deus significa que ele é sem fronteiras ou limite em habilidade; ele é *onipotente* ou todo-poderoso ([Ap 4.8](#)). Por sua palavra poderosa, ele criou todas as coisas, e sustenta “o universo por sua palavra de poder” ([Hb 1.3](#)). Não há nada muito difícil para o Senhor Deus Todo-Poderoso ([Gn 18.14](#); [Jr 32.27](#); [Mt 19.26](#)); ele mantém sua aliança graciosa e realiza todas as suas promessas ([Lc 1.37](#); [2Tm 2.13](#); [Hb 6.18](#)). O evangelho é “o poder de Deus para salvação” ([Rm 1.16](#)), pois Cristo é “o poder de Deus” para salvar ([1Co 1.24](#)). Por isso, os crentes devem vir a conhecer “como é grande o seu poder que age em nós, os que cremos nele. Esse poder que age em nós é a mesma força poderosa que ele usou quando ressuscitou Cristo e fez com que ele se sentasse ao seu lado direito no mundo celestial” ([Ef 1.19-20](#)).

A glória de Deus

Todos os atributos de Deus estão resumidos nas referências das Escrituras à *glória* de Deus. A majestade, esplendor, beleza e esplendor de Deus que habita em luz inacessível são expressos por este termo indefinível. O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão ([At 7.2](#)); Deus mostrou sua glória a Moisés ([Êx 33.18-19](#); [34.6-7](#)). O Deus do Senhor Jesus Cristo é o Pai da glória ([Ef 1.17](#)). Os céus

declaram a glória de Deus ([Sl 19.1](#)); a majestade e glória de Deus enchem o céu e a terra ([8.1](#)). Quando, finalmente, todas as línguas confessarem Jesus como Senhor, será para a glória de Deus, o Pai ([Fp 2.11](#)). Os seres humanos foram criados para a glória de Deus, e os crentes cristãos são instruídos a fazer tudo para a glória de Deus ([1Co 10.31](#)), refletindo assim em si sua glória inerente.

Deuses e deusas

Deuses e deusas são seres em que as pessoas acreditam ter poderes especiais sobre a natureza, a vida humana ou o universo. Um deus é um homem, e uma deusa é uma mulher. Nos tempos antigos, muitas pessoas adoravam diferentes deuses e deusas ([Jr 10.11](#)). A Bíblia ensina que há apenas um Deus verdadeiro ([Is 45.18,21-22](#); [Mc 12.32](#)). No entanto, diferentes nações criaram e adoraram seus próprios deuses, geralmente mais de um. Muitos dos “deuses estrangeiros” (como mencionado em [1Sm 7.3](#)) são mencionados na Bíblia, a qual frequentemente nos informa qual nação adorava cada deus.

Deuses e deusas mencionados no Antigo Testamento

A Mesopotâmia era um centro de adoração de ídolos. A lista de deuses dessa região é a mais extensa na Bíblia. As pessoas da Mesopotâmia criaram e adoraram muitos deuses diferentes:

- Adrameleque e Anameleque ([2Rs 17.31](#))
- Bel (também chamado de "Merodaque" [Is 46.1](#); [Jr 50.2](#); [51.44](#))
- Quium ([Am 5.26](#))
- Nebo ([Is 46.1](#))
- Nergal ([2Rs 17.30](#))
- Nisroque ([2Rs 19.37](#); [Is 37.38](#))
- Renfã ([At 7.43](#))
- Sicine ([Am 5.26](#))
- Sucote-Benote ([2Rs 17.30](#))
- Tamuz ([Ez 8.14](#))
- Tartaque ([2Rs 17.31](#))

Os sírios adoravam:

- Asima ([2Rs 17.30](#))
- Rimom (também chamado de "Hadade-Rimom," [2Rs 5.18](#); [Zc 12.11](#))

Os amonitas adoravam:

- Milcom ou Moleque ([1Rs 11.5-7.33](#); [2Rs 23.13](#))

Os moabitas adoravam:

- Quemós
- Baal ([Nm 25.3-5](#))

Os filisteus adoravam:

- Dagom
- Baal-Zebube (chamado de "Beelzebul" no Novo Testamento, [2Rs 1.2-3.6,16](#); [Mt 12.24](#); [Lc 11.15](#))

Os cananeus adoravam:

- Baal
- Aserá
- Astarote (também chamada de "Ishtar" ou a "Rainha do céu", [Jr 7.18](#); [44.17-19,25](#))

Apenas dois deuses egípcios são mencionados na Bíblia:

- Amom ([Jr 46.25](#))
- Ápis

Nibaz era provavelmente um deus elamita ([2Rs 17.31](#)).

Deuses e deusas mencionados no Novo Testamento

Três deuses gregos e romanos são mencionados no Novo Testamento:

- Ártemis (chamada de "Diana" pelos romanos, [At 19.24-28.34-35](#))
- Zeus (chamado de "Júpiter" pelos romanos, [At 14.12-13](#))
- Hermes (chamado de "Mercúrio" pelos romanos, [At 14.12-13](#))

Os deuses das nações não são verdadeiros

A Bíblia ensina que os deuses das nações não são verdadeiros, mesmo que seus adoradores acreditem que eles sejam ([Jr 2.11;28](#)). Deus diz que "eles não são deuses de forma alguma" ([Jr 2.11; 16.20](#)) ou são deuses "que não são deuses" ([Jr 5.7](#)). O Novo Testamento tem a mesma mensagem. Paulo escreve que "um ídolo não é nada de fato" ([1Co 8.4](#)). Ele disse que "deuses feitos por mãos humanas não são deuses de forma alguma" ([At 19.26](#)). Desde os tempos mais remotos, quando os israelitas encontraram pela primeira vez pessoas de outras nações, Deus os lembrou de que ele era mais poderoso do que todos os outros deuses ([Êx 15.11; 18.11; Dt 10.17; 1Cr 16.25; 2Cr 2.5; Sl 86.8; 95.3; 96.4-5; 97.7-9; 135.5,136.2; Dn 2.47; Sf 2.11](#)).

A luta de Israel com a adoração de ídolos

Esses deuses não eram dignos da atenção ou adoração de Israel. Como há apenas um Deus, outros deuses não mereciam a adoração de Israel ([Êx 20.3; Dt 5.7](#)). A língua hebraica nem sequer tinha uma palavra para "deusa" e, portanto, tinha que usar a palavra para "deus" para discutir sobre deusas ([1Rs 11.5,33](#)). Foi dito aos israelitas para não fazerem imagens ([Êx 20.4,23; Lv 19.4; Dt 5.8](#)). Eles não deviam mencionar os deuses e deusas dos povos não-judeus que viviam ao seu redor ([Êx 23.13; Js 23.7](#)).

Apesar dos avisos de Deus, os israelitas frequentemente se voltavam para adorar outros deuses ao longo de sua história. Este problema começou muito cedo, quando a família de Jacó ainda mantinha pequenos ídolos em suas casas ([Gn 31.32](#)). O povo continuou a adorar outros deuses mesmo depois de Deus resgatá-los do Egito ([Êx 32.1-4,8,23,31; 34.15; Os 11.2](#)).

Essa infidelidade a Deus teve consequências sérias. Em 722 a.C., o reino do norte de Israel foi destruído porque o povo adorava ídolos em vez de Deus ([2Rs 17.7-18](#)). Mais tarde, em 586 a.C., o reino do sul de Israel também foi destruído pela mesma razão ([2Rs 22.17; compare Dt 29.25-28](#)). Quando o povo judeu foi levado para Babilônia como cativos, eles

perceberam quão vazio era o culto aos ídolos e finalmente se afastaram disso. Eles poderiam ter evitado muito sofrimento se tivessem seguido o exemplo de Josué quando ele disse: "Eu e minha casa serviremos ao Senhor" ([Js 24.15](#)).

Veja também Deidades e religião cananea; Ídolos, Idolatria; Lugar alto.

Deuses gêmeos

Os filhos gêmeos de Zeus na mitologia grega são conhecidos como Castor e Pólux ou os Dióscuros. Paulo navegou de Malta para Roma em um navio que trazia, na proa, a imagem dos dois irmãos gêmeos ([At 28.11](#)).

Veja Dióscuros.

Deutero-Isaías

Deutero-Isaías (que significa "Segundo Isaías") é um termo que alguns estudiosos usam para os capítulos 40-66 do livro de Isaías. A palavra "deutero" vem do grego e significa "segundo". Esses estudiosos acreditam que esses capítulos podem ter sido escritos por um autor diferente dos capítulos 1-39, embora outros discordem.

Veja Isaías, Livro de.

Deuteronômio, Livro de

O quinto livro do Antigo Testamento, e o último do Pentateuco (os cinco livros da Lei). Nele, Moisés reiterou ao povo de Israel várias leis e preceitos da aliança que Deus lhes havia revelado no Monte Sinai. Assim, o livro tornou-se conhecido na tradição grega e latina como Deuteronômio ("Segunda lei"). Esse nome levou alguns a interpretar erroneamente o significado de seu conteúdo como secundário. O livro faz uma importante contribuição para o desdobramento da revelação de Deus sobre seu propósito para a nação de Israel. As lembranças de Moisés sobre as peregrinações no deserto e os Dez Mandamentos, além de suas instruções para a vida na Terra Prometida, são uma parte vital da literatura de aliança do Antigo Testamento.

Resumo

- Data e autor

- Contexto histórico
- Significado de Deuteronômio
- Deuteronômio e a lei
- Conteúdo

Data e autoria

Dois pontos de vista básicos (com variações) sobre a data e a autoria de Deuteronômio são defendidos por estudiosos bíblicos modernos. Aqueles que consideram Moisés o autor datam o livro do século XIV ou XIII a.C. Outros acreditam que foi composto por um autor desconhecido no século VII a.C., quando Josias era rei no reino do sul de Judá.

O argumento para uma datação do sétimo século

Já em 1805, W. M. L. de Wette argumentou que Deuteronômio foi utilizado por Josias em suas reformas do século VII e que foi escrito pouco antes disso. O crítico bíblico Júlio Wellhausen adotou essa perspectiva, que tem sido defendida por muitos estudiosos desde que S. R. Driver a popularizou em sua *Introdução à Literatura do Antigo Testamento* (1891). De acordo com essa visão, o livro foi escrito posteriormente, mas atribuído a Moisés.

Muitos estudiosos modernos, como Gerhard von Rad e G. E. Wright, consideram Moisés o fundador da fé de Israel. Eles argumentam que tudo o que está em Deuteronômio vindo de Moisés foi transmitido oralmente até cerca do século VII a.C. Negando que Moisés tenha realmente escrito Deuteronômio, eles atribuem sua forma atual a numerosos escritores e editores ao longo de um período prolongado de séculos.

O argumento para a autoria mosaica

Nas últimas décadas, estudos sobre os tratados de suserania hititas do segundo milênio a.C. têm proporcionado comparações interessantes entre essas formas de tratado e os livros de Êxodo e Deuteronômio. Em 1954, G. Mendenhall sugeriu que a forma da aliança no Monte Sinai era a mesma forma literária usada pelos hititas em tratados com estados vassalos sírios durante os séculos XIV e XIII a.C. Em 1960, M. G. Kline aplicou essa ideia ao livro de Deuteronômio, vendo-o como uma renovação da aliança sinaítica e delineando sua estrutura como uma unidade literária que reflete o padrão das formas de aliança hititas.

O livro de Deuteronômio apresenta certos paralelos com os tratados de vassalagem hititas. Como um tratado de renovação, ele faz referência à aliança de Deus com Israel no Monte Sinai, registrada no livro de Êxodo.

1. O "preâmbulo" nos tratados hititas antigos geralmente identificava o suserano ou governante. Em [Deuteronômio 1.1-5](#) ([Êx 20.1](#)), Moisés, como orador, representa Deus, o Rei de Israel. À medida que sua morte se aproxima, Moisés faz um apelo pela renovação da aliança.

2. No "prólogo histórico", o suserano geralmente citava os benefícios que havia concedido ao seu vassalo. Em [Deuteronômio 1.6-4.49](#) ([Êx 20.2](#)), Moisés declara o que Deus fez por Israel desde sua revelação no Monte Sinai. Moisés lembra ao povo de Israel da fidelidade de Deus, mesmo quando eles foram infiéis.

3. As "estipulações" eram geralmente declaradas pelo suserano na terceira divisão do tratado. Em [Deuteronômio 5-26](#), Moisés descreve as estipulações para Israel em sua relação de aliança com Deus. O requisito básico em [Deuteronômio 5-11](#) ([Êx 20.3-17](#)) é o amor exclusivo e de todo coração por Deus. Nos capítulos seguintes, [Deuteronômio 12-26](#), o princípio básico do amor exclusivo por Deus é aplicado a áreas específicas de consagração cultural cerimonial ([Dt 12.1-16.17](#)), justiça judicial no governo ([16.18-21.23](#)), a santidade da ordem de Deus (caps. [22-25](#)) e reconhecimento público de Deus como seu Redentor e Rei (cap. [26](#)).

4. A "Ratificação da aliança" geralmente incluía uma disposição para renovação do tratado e uma fórmula para maldições e bênçãos. Em [Deuteronômio 27](#), está prevista a conclusão da renovação da aliança por Josué após os israelitas ocuparem a terra. Além disso, a ameaça e a promessa divinas são expressas em bênçãos e maldições enquanto Israel jura seu voto de lealdade nas campinas de Moabe.

5. "Arranjos de sucessão" geralmente faziam parte da conclusão dos tratados de suserania-vassalo. Nos capítulos [31-34](#), Josué é designado como sucessor de Moisés. O texto escrito é depositado no santuário junto com a canção de testemunho e uma bênção testamentária de Moisés. O livro de Deuteronômio, portanto, constitui o testemunho documental da aliança de Deus, pois termina com a morte de Moisés.

O fato de que a estrutura literária de Deuteronômio se assemelha às formas legais dos tratados hititas

antigos apoia a visão tradicional de que Moisés é o autor de Deuterônimo. Quando Moisés é reconhecido como o mediador entre Deus e Israel na aliança sinaítica, é significativo que o livro de Deuterônimo represente a renovação da aliança por Moisés na forma literária da cultura de sua época.

Contexto histórico

Moisés liderou os israelitas do Egito através do deserto até as campinas de Moabe, a leste do Mar Morto. [Êxodo 1-19](#) relata a escravidão dos israelitas no Egito, o nascimento e preparação de Moisés, seu confronto com o Faraó, a libertação milagrosa do Egito e a jornada até o Monte Sinai (provavelmente também conhecido como Monte Horebe).

Nessa área desértica, a grande revelação de Deus veio a Israel através de Moisés ([Êx 20-40](#); [Lv 1-27](#); [Nm 1-9](#)). No Monte Sinai, Deus se identificou como aquele que havia libertado os israelitas. Lá, ele estabeleceu um acordo pelo qual eles seriam exclusivamente devotados a ele como sua nação santa. Lá, o tabernáculo foi construído e o sacerdócio estabelecido. Foram dadas instruções para realizar sacrifícios e ofertas, e para observar festas e estações, para que o modo de vida de Israel mostrasse que eles eram o povo santo de Deus. As tribos também foram organizadas para acampar ao redor do tabernáculo e para a marcha até Canaã, a Terra Prometida.

[Números 10-21](#) relata os 38 anos que os israelitas passaram no deserto. Em 11 dias, eles marcharam do Monte Horebe até Cades-Barneia, cerca de 64 quilômetros ao sul de Berseba. De lá, 12 espiões foram enviados para Canaã. O relatório deles gerou uma crise na forma de uma revolta contra Deus. Subsequentemente, Israel vagou no deserto por 38 anos, durante os quais aqueles que tinham pelo menos 20 anos quando saíram do Egito morreram. A nova geração se moveu para as campinas de Moabe, localizadas a leste do Mar Morto e ao norte do Rio Arnom. [Números 20-36](#) trata da conquista e ocupação da terra a leste do Rio Jordão.

O livro de Deuterônimo apresenta o discurso de Moisés à nova geração de israelitas. Em Êxodo e Números, Deus frequentemente fala a Moisés; em Deuterônimo, Moisés está falando sob o comando de Deus aos israelitas ([Dt 1.1-4](#); [5.1](#); [29.1](#)). Em contraste com os livros anteriores, Deuterônimo tem um estilo de exortação no qual Moisés adverte a nova geração sobre sua responsabilidade em vista das falhas da geração anterior. Qualquer

repetição que ocorra em Deuterônimo é cuidadosamente selecionada, com o propósito específico de alertar a nova geração para que não falhem em conquistar e ocupar Canaã. Deuterônimo não é principalmente retrospectivo; sua perspectiva é otimista em relação ao futuro, oferecendo esperança para cumprir as promessas que Deus fez aos israelitas no Egito.

Significado de Deuterônimo

Deuterônimo (junto com Gênesis, Salmos e Isaías) está entre os livros mais frequentemente citados nos primeiros séculos cristãos. Mais de 80 citações do AT no NT são de Deuterônimo.

Jesus destacou Deuterônimo ao resumir a essência de toda a Lei e os Profetas do Antigo Testamento nos dois grandes mandamentos de amor a Deus e ao próximo ([Mt 22.37](#); veja [Dt 6.5; 10.19](#)). Jesus também citou Deuterônimo ([6.13.16](#); [8.3](#)) em sua experiência de tentação ([Mt 4.4-10](#)). Deuterônimo revela a essência do que Deus revelou a Moisés no Monte Sinai. Em Deuterônimo, Moisés compartilha com os israelitas o núcleo da revelação de Deus sem repetir detalhes de sacrifícios, observâncias ou rituais. Ele expõe o caráter da fé e da nacionalidade de Israel. Moisés enfatiza repetidamente sua preocupação de que eles mantenham fielmente um bom relacionamento com Deus. Uma devoção exclusiva a Deus, expressa na vida cotidiana, é a chave para uma vida de bênçãos.

A necessidade primária de amar a Deus e ao próximo eventualmente tornou-se um requisito básico para os seguidores de Jesus Cristo ([Lc 10.25-28](#)). O livro de Deuterônimo é, portanto, crucialmente importante para a preocupação cristã em manter um relacionamento vital com Deus.

Deuterônimo e a Lei

Chamar o livro de Deuterônimo de "Segunda lei" ou uma repetição da lei é enganoso. A ênfase de Moisés não é legalista. Detalhes de adoração e ritual não são repetidos ou delineados extensivamente. Embora os Dez Mandamentos sejam repetidos, a ênfase é colocada no primeiro mandamento, que exige explicitamente devoção exclusiva a Deus. Moisés está principalmente preocupado com o relacionamento de Israel com Deus e com a determinação de mantê-lo em suas vidas e nas vidas de seus filhos.

O NT revela que uma interpretação legalista da revelação mosaica era mantida pelos judeus do

primeiro século d.C. Esse legalismo desenvolveu-se no judaísmo especialmente durante a era intertestamentária. O legalismo judaico dos tempos do NT foi erroneamente atribuído a Moisés nos tempos modernos. Moisés alertou sobre a necessidade de guardar toda a lei de Deus ([Dt 28.1-58](#)), mas em Deuteronômio sua mensagem como um todo deixa claro que ele não estava exclusivamente preocupado com a observância legalista. Pelo contrário, o tema central de Deuteronômio é o relacionamento único que foi estabelecido por um Deus único com um povo único, os israelitas.

Conteúdo

Breve revisão histórica ([1.1-4.43](#))

Moisés é identificado como o orador, dirigindo-se aos israelitas nas campinas de Moabe durante o último ano de sua vida. Os israelitas estavam prestes a entrar na Terra Prometida de Canaã.

Moisés iniciou com uma referência ao Monte Sinai, cenário da maior revelação nos tempos do AT. Ele focou na ordem explícita de Deus para que subissem a Canaã e ocupassem a terra prometida a Abraão, Isaque e Jacó. A rebelião deles trouxe o julgamento divino, e assim a conquista de Canaã foi adiada por 38 anos, enquanto uma geração inteira de desobedientes morria no deserto.

Instruído por Deus a não molestar os edomitas ou moabitas, Moisés conduziu os israelitas às planícies de Moabe, ao norte do Rio Arnom. Os israelitas derrotaram Seom, o rei amorita de Hesbom, e Ogue, rei de Basã. As tribos de Rúben e Gade e metade da tribo de Manassés apropriaram-se do território a leste do rio Jordão como sua terra ([Nm 32](#)). Com base nessa conquista, Moisés encorajou Josué a acreditar que Deus o ajudaria, assim como aos israelitas, na conquista da terra de Canaã a oeste do rio Jordão.

Os israelitas deveriam aprender com os erros da geração que morreu no deserto ([Dt 4.1-40](#)). Eles deveriam considerar o fato de que a palavra de Deus lhes foi comunicada. A revelação que lhes veio através de Moisés foi única, e o mais importante era que eles reverenciassem o Deus que se revelou. A singularidade do Deus de Israel entre as nações que adoram ídolos nunca deve ser esquecida.

Moisés lembrou aos israelitas que eles haviam entrado em um acordo contratual com seu Deus único. Essa aliança foi mencionada mais 26 vezes por Moisés. Nenhuma nação jamais havia

experimentado algo semelhante. Se Israel obedecesse, desfrutaria da bênção e do favor de Deus.

Exortações e aplicações ([4.44-26.19](#))

As circunstâncias em que Moisés se dirigiu aos israelitas são relatadas em uma breve passagem de transição ([Dt 4.44-49](#)). Das encostas do Monte Pisga (ou Nebo), com Israel acampado no vale em frente a Bete-Peor, Moisés fez seu apelo ao povo antes de atravessarem o rio Jordão.

A exposição de Moisés sobre o "grande mandamento" está centrada no acordo feito entre Deus e Israel. Ele repetiu os Dez Mandamentos como a essência da revelação de Deus no Sinai. Ao explicar o que Deus esperava de Israel, Moisés elaborou o primeiro mandamento: "Meu povo, eu, o SENHOR, sou o seu Deus. Eu o tirei do Egito, a terra onde você era escravo" ([5.6](#), NTLH). O relacionamento deles com Deus era de importância fundamental, já que a ira de Deus será contra aqueles que adoram outros deuses (v. [9](#)).

Amor é a palavra-chave no relacionamento entre Deus e Israel. Moisés afirmou corajosamente: "Escute, povo de Israel! O SENHOR, e somente o SENHOR, é o nosso Deus. Portanto, amem o SENHOR, nosso Deus, com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças" ([Dt 6.4-5](#), NTLH). Todos os outros mandamentos são significativos porque afetam esse relacionamento (como detalhado nos caps. [5-11](#)).

O amor exclusivo e a devoção a Deus são essenciais. Em um relacionamento de amor sincero, nenhum ídolo pode ser reconhecido ou tolerado. No entanto, Moisés queria que Israel transmitisse sua consciência de Deus às futuras gerações por meio de muitas coisas externas: sinais em suas mãos, frontais (ou "filactérios") em suas testas, versículos das Escrituras em seus batentes de portas, e assim por diante. Por preceito e exemplo, eles deveriam ensinar aos seus filhos a amar a Deus ([Dt 6](#)).

Os israelitas nunca deveriam esquecer que Deus os havia escolhido para serem seu povo ([Dt 7](#)). Eles deveriam executar o julgamento de Deus sobre os cananeus, que haviam sido poupados do julgamento desde o tempo de Abraão ([Gn 15.16](#)). Embora os próprios israelitas não merecessem o amor de Deus, por amor e misericórdia, ele os havia redimido do Egito.

Moisés apelou ao povo para lembrar o que Deus havia feito por eles ([Dt 8](#)). Às provisões sustentadoras de Deus, eles deveriam responder

com gratidão, reconhecendo que o poder para realizar qualquer coisa que tivessem feito era um presente de Deus.

Os israelitas falharam repetidamente em sua fé e compromisso com Deus ([9.1-10.11](#)). Através da intercessão de Moisés, eles foram poupados. Não era por mérito próprio que entrariam em Canaã; essa era a provisão graciosa de Deus para eles. O apelo de Moisés por um compromisso de coração inteiro é resumido em [Deuterônimo 10.12-11.32](#). É necessário demonstrar reverência, respeito, amor e obediência a Deus (veja também [6.5,13,24](#)).

O Deus a quem os israelitas devem amar sinceramente e sem reservas é o Senhor do cosmos. Ele é o juiz justo que governa supremo sobre toda a natureza e a história. Deus amou seus antepassados, os patriarcas. Ele redimiu os israelitas da escravidão egípcia e lhes deu sua aliança. Ele se manifestou ajudando os órfãos, viúvas e estrangeiros. Ele multiplicou Israel para ser tão numeroso quanto as estrelas do céu.

Moisés deu duas instruções básicas para aplicar na vida diária a fim de manter o relacionamento com Deus como uma realidade: “circuncidai, pois, o prepúcio do vosso coração” ([Dt 10.16](#), ARC). Ele não se referia à circuncisão física, um sinal da aliança entre Deus e Abraão ([Gn 17](#)). A circuncisão, que não foi observada durante os anos de peregrinação no deserto, foi reinstituída sob Josué após os israelitas atravessarem o rio Jordão ([Js 5.2-9](#)). Moisés referia-se à “circuncisão espiritual” (veja [Lv 26.40-41](#); [Jer 4.4](#); [9.25](#); [Rm 2.29](#)). Todas as coisas que poderiam restringir, interferir ou negar a devoção total a Deus deveriam ser cortadas (circuncidadas) para que os israelitas continuassem a amar a Deus de todo o coração.

“Ame o estrangeiro” ([Dt 10.19](#)) ocupa o segundo lugar em importância após o amor de todo o coração por Deus. O amor pelo estrangeiro ou pelo próximo é essencial para todas as outras obrigações humanas (veja [Lv 19.9-18](#)). As obrigações sociais surgem do relacionamento de uma pessoa com Deus. Sendo recipientes do amor de Deus, os israelitas deviam amar os outros. Eles deviam lembrar-se do amor de Deus por eles quando eram escravos e estrangeiros no Egito. Deus ama o estrangeiro, a viúva e o órfão; portanto, se alguém ama a Deus, está sob a obrigação de amar outras pessoas. Deus se preocupa com a justiça e a retidão; uma pessoa que professa amar a Deus deve se preocupar com o tratamento justo para outras pessoas.

Os israelitas deveriam ser conhecidos por sua preocupação com pessoas cuja posição social as expunha à exploração e opressão. O profundo espírito humanitário da lei mosaica se destaca de forma única em contraste com o Código de Hamurábi da Babilônia e os códigos de leis assírios e hititas daquela época. Nesses códigos, os relacionamentos humanos não refletiam uma consciência vital de um relacionamento amoroso com a divindade.

No primeiro século d.C., Jesus Cristo entrou em conflito com líderes religiosos judeus que haviam perdido a essência da lei de Deus em um labirinto de legalismo. Para Jesus, o maior mandamento era amar a Deus; o segundo era amar o próximo. Esses dois mandamentos (que constituem a essência de toda a revelação do AT) seriam, se cumpridos perfeitamente, a base para a vida eterna ([Mt 22.37-39](#); [Mc 12.29-31](#); [Lc 10.27-28](#)). Os cristãos acreditam que o clímax da revelação de amor de Deus veio em Jesus Cristo. Para eles, responder ao amor de Deus significa aceitar Jesus Cristo com devoção total e amar o próximo como Jesus exemplificou em sua vida.

Em [Deuterônimo 12.1-26.19](#), Moisés deu instruções sobre a vida prática para um povo relacionado a Deus quando residissem na terra que Deus lhes havia prometido. Tendo sobrevivido uma vez com o maná fornecido diretamente por Deus, em Canaã eles desfrutariam dos frutos e produtos da terra. Eles também encontrariam uma cultura permeada pela religião dos cananeus.

Ao adorar a Deus em seu novo ambiente, foram advertidos a manter a devida santidade ([Dt 12.1-14.21](#)). Não deveriam adorar em santuários pagãos. Deveriam levar suas ofertas a lugares divinamente designados para comunhão e regozijo juntos na presença do Senhor. A idolatria não deveria ser tolerada de forma alguma. Qualquer profeta que se desviasse da lei de Moisés ao aconselhar a adoração de outros deuses deveria ser apedrejado. A devoção exclusiva a Deus deveria ser uma prática diária.

As abundantes bênçãos de Canaã devem ser compartilhadas com os vizinhos ([14.22-15.23](#)). Os dízimos devem ser levados ao santuário central, onde os levitas auxiliavam os sacerdotes na ministração religiosa. A alegria em compartilhar as bênçãos e oportunidades da vida deveria caracterizar o padrão de vida de Israel.

Moisés prescreveu três peregrinações anuais ([16.1-17](#)). O povo deveria lembrar-se de sua

libertação do Egito observando as festas da Páscoa e dos Pães Asmos. Sete semanas depois, quando a colheita da cevada fosse concluída, deveriam passar um tempo se alegrando diante do Senhor em um festival de um dia chamado Festa das Semanas. Quando a vindima, bem como a colheita de grãos, fosse concluída, deveriam observar a Festa da Colheita (ou Tabernáculos), um tempo de ação de graças e compartilhamento com os outros. A cada sete anos, a lei era lida na Festa da Colheita.

Nas relações humanas, a justiça deveria prevalecer entre os israelitas ([16.18-21.23](#)). O Livro da Lei mantido no santuário principal era sua autoridade divina, fornecendo as instruções de Deus para eles. O rei deveria ter uma cópia desta lei e governar sua vida de acordo com ela. Profetas e sacerdotes desempenhavam um papel importante como líderes religiosos na vida de Israel. A autoridade judicial era investida nos sacerdotes. Em contraste com a brutalidade de outras nações, princípios humanitários deveriam prevalecer na guerra de Israel. Os pais eram responsáveis por suas próprias famílias.

Nos relacionamentos domésticos e sociais, a lei do amor deveria prevalecer ([22.1-26.19](#)). Muitas regulamentações governavam a vida familiar. Em questões de sustento, salários e transações comerciais, os israelitas eram advertidos a serem compassivos e justos. Promessas e advertências elevavam sua consciência sobre o uso dos recursos de terra e animais confiados a eles, para que sua administração agradasse a Deus.

Em [Deuterônômio 26](#), Moisés instruiu os israelitas em duas confissões litúrgicas e uma reafirmação da aliança. Ao reconhecer que Deus era o doador de tudo o que possuíam e ao confessar diante de Deus que compartilhavam seus dons com os outros, eles confirmaram sua aliança com Deus.

Alternativas: bênçãos ou maldições ([27.1-30.20](#))

Moisés apresentou aos israelitas as opções de bênçãos ou maldições. Sob a liderança de Josué, eles deveriam renovar a aliança publicamente. No Monte Ebal, pedras seriam erguidas para inscrever a lei, e um altar seria construído para oferecer sacrifícios. As maldições seriam proclamadas do Monte Ebal e as bênçãos do Monte Gerizim. Auto-maldições condicionais foram lidas em relação a ofensas contra Deus e outros seres humanos ([Dt 27.15-26](#)). Assim, eles reconheceram sua responsabilidade perante Deus. Embora seus pecados pudessem estar ocultos das pessoas, era a

Deus a quem eles eram principalmente e, em última instância, responsáveis. Bênçãos como um modo de vida e maldições como um modo de morte foram claramente apresentadas aos israelitas (cap. [28](#)). Colocando-os na perspectiva da história, Moisés apelou à nova geração para aproveitar a oportunidade presente (cap. [29](#)). Avisando que, caso falhassem em amar a Deus, seriam, em última instância, sujeitos à dispersão, Moisés os advertiu a escolher o caminho da vida e do bem em vez do caminho da morte e do mal (cap. [30](#)).

Transição: de Moisés para Josué ([31.1-34.12](#))

Quando a vida e o ministério de Moisés estavam chegando ao fim, e a transferência de liderança estava próxima ([Dt 31.1-34.12](#)), Josué já havia sido designado por Deus como o novo líder de Israel. Moisés assegurou aos israelitas que Deus seria o mesmo com Josué no comando. A revelação dada através de Moisés havia sido colocada por escrito e agora estava confiada aos sacerdotes, os guardiões do Livro da Lei. Josué, que já havia se destacado em liderança responsável, foi publicamente confirmado na porta do tabernáculo ([31.1-29](#)).

O "Cântico de Moisés" é o documento de testemunho da aliança ([32.1-47](#)). Nele, Moisés falou com compreensão profética ao recontar a experiência passada de Israel. Reiterando as consequências de sua atitude em relação a Deus, ele assegurou ao povo a restauração caso falhassem novamente. Ele os encorajou a fixar seus corações no que Deus lhes havia revelado e a transmitir isso a seus filhos. Manter a aliança por meio de um amor sincero a Deus seria importante para todas as gerações futuras, bem como para aqueles que estavam ouvindo Moisés.

Após algumas instruções finais e breves ([32.48-52](#)), Moisés pronunciou suas bênçãos sobre os israelitas, a quem ele havia liderado por 40 anos ([33.1-29](#)). Em sua bênção final, também chamada de "Testamento de Moisés", a grandeza de Deus e seu relacionamento especial com Israel são destacados. Israel é único entre todas as nações do mundo.

O livro de Deuterônômio termina apropriadamente com um relato da morte de Moisés, o maior profeta dos tempos do AT ([34.1-12](#)).

Veja também Israel, História de; Moisés.

Di-Zaabe

Nome, listado junto com Parã, Tofel, Labão e Hazerote, destinado a designar o local do discurso final de Moisés a Israel ([Dt 1.1](#)).

Dia

Mais literalmente, um período de tempo delimitado pela rotação da terra em torno de seu eixo, como o período entre dois amanheceres consecutivos; também, a parte desse período em que o sol é visível, a outra parte sendo chamada de “noite”. A palavra “dia” ocorre mais de 2.000 vezes no AT, mais de 350 vezes no NT. A palavra hebraica para “dia” é usada de várias maneiras, não apenas no sentido literal. O dia hebraico começava à noite e continuava até a noite seguinte, uma contagem presumivelmente baseada na Torá (cf. [Gênesis 1.14.19](#)). Esse tipo de dia solar literal (24 horas) é conhecido como dia civil. Entre outras nações antigas do Oriente Próximo, o dia civil começava em horários diferentes. O costume grego concordava com o dos hebreus; os babilônios começavam seu dia ao amanhecer; o dia egípcio e romano se estendia de uma meia-noite à próxima.

Dias e semanas bíblicos

Unidades comumente reconhecidas do dia visível (12 horas) eram manhã, meio-dia e noite ([Salmo 55.17](#)). Essas divisões às vezes eram definidas por termos para amanhecer ([Jó 3.9](#)), o calor do dia ([1 Samuel 11.11](#)), meio-dia ([Gênesis 43.16](#)), o frescor do dia ([3.8](#)), e noite ([Rute 2.17](#)). A frase hebraica “entre as duas tardes” ([Êxodo 12.6](#), rsv mg) provavelmente se referia ao crepúsculo, a parte escura do crepúsculo ([Êxodo 16.12](#)). A divisão dos dias em horas consecutivas não ocorreu até o tempo de Cristo. A aproximação mais próxima no AT a tal unidade era a divisão do dia em quartos ([Neemias 9.3](#)), talvez um contraponto da divisão pré-exílica da noite em vigias.

Os antigos hebreus não nomeavam os dias da semana além do sábado. Em vez disso, referiam-se a eles numericamente, uma prática que continuou nos tempos do NT ([Lucas 24.1](#)). Devido à ênfase tradicional hebraica no sábado, era importante para os judeus saber o momento exato em que o sábado começava. Os fariseus, portanto, decidiram que a aparição de três estrelas após o pôr do sol determinaria o início do dia de sábado.

Dias da criação

Muitas pessoas acreditam que os dias mencionados na narrativa da Criação em Gênesis eram períodos de 24 horas. A frase “houve tarde, houve manhã” é usada para apoiar essa ideia. Essa expressão, no entanto, é na verdade uma figura literária suméria que junta opostos para descrever a totalidade. Assim, “tarde-manhã” significa uma fase completa de tempo dentro do ciclo criativo total; enfatiza a completude ou abrangência do processo, não o período específico de tempo em que esse processo foi realizado. A totalidade da Criação, fase por fase, pode ter sido assim representada sem qualquer referência necessária a um período de tempo definido.

Como o dia civil sumério incluía apenas o período visível (12 horas), um dia legal de outras nações era na verdade um “dia duplo” (24 horas). Se o material inicial de Gênesis reflete a cultura suméria, o uso de “tarde-manhã” excluiria os conceitos atuais de um dia civil e apontaria em vez disso para uma fase ou período de tempo geral.

Antigo Testamento

No AT, “dia” frequentemente tem um significado figurado—por exemplo, o “dia do Senhor” ([Joel 1.15](#); [Amós 5.18](#)), o “dia da angústia” ([Salmo 20.1](#)), e o “dia da ira de Deus” ([Jó 20.28](#)). A forma plural é às vezes usada para descrever o reinado de um rei ([1 Reis 10.21](#)) ou a extensão da vida de um indivíduo ([Gênesis 5.4](#); [1 Reis 3.14](#); [Salmo 90.12](#)). Deus é descrito no livro de Daniel como o “Ancião de Dias” ([Daniel 7.9.13](#)).

Além do sábado ([Gênesis 2.3](#); [Êxodo 20.8–11](#)), que era reservado para descanso e adoração, o “dia” foi aplicado à celebração da Páscoa a cada primavera ([Êxodo 12.14](#); [Levíticos 23.5](#)) e ao Dia da Expição ([Levíticos 16.29–31](#)) a cada outono. Assim como no sábado, nenhum trabalho era realizado nessas ocasiões; rituais religiosos prescritos eram observados.

Novo Testamento

No NT, o uso de “dia” seguiu o uso semítico até certo ponto, embora as quatro vigias noturnas militares fossem de origem grega e romana. O dia de 12 horas dos tempos do NT era um legado da astronomia babilônica (cf. [João 11.9](#)).

Além do uso literal de “dia”, os autores do NT às vezes o empregavam figurativamente, como em expressões como o “dia da salvação” ([2 Coríntios 6.2](#)) e o “dia de Jesus Cristo” ([Filipenses 1.6](#)). Ou

descreviam períodos de tempo específicos, como nos “dias de seus deveres no Templo” ([Lucas 1.23](#), tlb). Festas especiais mencionadas incluem a Páscoa ([João 12.1](#)), os dias dos Pães Asmos ([Atos 12.3](#)) e o Dia de Pentecostes ([2.1](#)).

Como no AT, o período da vida humana é descrito como dias ([João 9.4](#)). Os cristãos são chamados de “filhos da luz e do dia” ([1 Tessalonicenses 5.5](#), nlt). Períodos ou eras mais longos são referidos como dias ([2 Coríntios 6.2](#); [Efésios 5.16](#); [6.13](#); [Hebreus 5.7](#)). A nota ominosa tocada pelos profetas hebreus sobre um dia de julgamento é correspondida pelo NT com ênfase em um dia de julgamento divino final quando o Filho do Homem (Jesus) se revelará como Senhor ([Lucas 17.30](#); [João 6.39-44](#); [1 Coríntios 5.5](#); [1 Tessalonicenses 5.2](#); [2 Pedro 2.9](#); [3.7,12](#); [1 João 4.17](#); [Apocalipse 16.14](#)). O “dia da eternidade” marca o ponto em que o tempo se tornará eternidade ([2 Pedro 3.18](#), rsv). A nova Jerusalém, morada do povo de Deus, é descrita como um lugar de dia perpétuo ([Apocalipse 21.25](#)).

Veja também Calendários, Antigos e Modernos; Dia do Senhor; Eschatologia.

Dia da Expição

O dia da expiação (um momento em que as pessoas pedem a Deus o perdão de seus pecados) é o dia mais sagrado no calendário judaico. Em hebraico, é chamado de Yom Kippur. Este dia especial ocorre no décimo dia do mês hebraico de Tishrei, que geralmente cai entre meados de setembro e meados de outubro.

Qual é o significado do dia da expiação?

Neste dia importante, o sumo sacerdote entrava na sala mais sagrada do tabernáculo (ou templo). Esta sala era chamada de Lugar Santíssimo ou Santo dos Santos. O sumo sacerdote fazia isso para expiar os pecados de todo o povo de Israel. A palavra “expição” significa cobrir pecados para que as pessoas possam ter um bom relacionamento com Deus novamente. No Novo Testamento, Yom Kippur era chamado de “o jejum” ([At 27.9](#)). Os professores judeus o chamavam de “o Dia” ou o “Grande Dia”.

O primeiro dia da expiação.

[Lv 16](#) descreve a primeira cerimônia do dia da expiação. Embora as pessoas tenham adicionado mais tradições ao longo dos anos, o objetivo

principal sempre permaneceu o mesmo: obter o perdão completo através da oferta de sacrifícios a Deus.

Primeiro, o sumo sacerdote trocava suas roupas. Ele tiraria suas belas vestes oficiais e colocaria roupas simples de linho branco. Essas roupas brancas mostravam que ele estava arrependido de seus pecados e dos pecados do povo.

O sumo sacerdote sacrificaria um novilho como oferta pelos seus próprios pecados e pelos pecados de todos os outros sacerdotes. Depois disso, ele entraria no Lugar Santíssimo carregando brasas do altar onde o incenso era queimado. Ele encheria este quarto especial com a fumaça do incenso perfumado. Em seguida, ele aspergiria o sangue do novilho sobre o propiciatório (a tampa do cofre sagrado chamado Arca da Aliança) e no chão em frente a ele.

O povo trazia dois bodes ao sumo sacerdote. O sumo sacerdote escolheria entre esses bodes lançando sortes. Ele sacrificaria um bode como oferta pelos pecados de todo o povo. Ele levaria o sangue desse bode ao Lugar Santíssimo e o aspergiria, assim como havia feito com o sangue do touro. Este ato purificaria o Lugar Santíssimo do pecado.

O sumo sacerdote então colocaria suas mãos sobre a cabeça do bode vivo e confessaria todos os pecados do povo sobre ele. Este segundo bode era chamado de bode expiatório porque seria enviado para o deserto, simbolicamente carregando os pecados do povo.

Depois disso, o sumo sacerdote colocaria suas roupas normais novamente. Ele então faria mais duas ofertas chamadas holocaustos, uma para si mesmo e outra para o povo. Ele também queimaria a gordura das ofertas pelo pecado anteriores. As partes restantes do touro e do primeiro bode seriam levadas para fora do acampamento e queimadas completamente.

Outras partes do Antigo Testamento que descrevem Yom Kippur incluem:

- [Êx 30.10](#);
- [Lv 23.26-32](#) (esta passagem fornece a data do Yom Kippur em uma lista de todas as festas anuais);
- [Lv 25.9-16](#) (esta passagem afirma que cada ano do jubileu começava no Dia da Expição);
- [Nm 29.7-11](#).

O dia da expiação nos tempos modernos.

O dia da expiação continua sendo profundamente importante na vida religiosa judaica até hoje. Quando o templo em Jerusalém foi destruído em 70 d.C., o povo judeu não pôde mais realizar os sacrifícios. No entanto, eles continuaram a observar este dia sagrado, o que demonstra o quanto ele é central para sua fé. Hoje, ele permanece como o dia sagrado mais importante no Judaísmo.

Jejum no dia da expiação.

A Bíblia diz para humilhar-se neste dia ([Lv 23.27-32](#)). Embora Moisés não tenha explicado exatamente o que isso significava, o povo judeu ao longo da história entendeu que significava jejuar (ficar sem comida). Esse entendimento vem de outras partes da Bíblia onde frases semelhantes aparecem ([Sl 35.13](#); [Is 58.3-5.10](#)).

O propósito do dia da expiação.

Quando o povo antigo de Israel celebrava o Dia da Expição, demonstrava acreditar que Deus perdoaria seus pecados por meio dessas cerimônias especiais. Eles entendiam que o perdão de Deus era um presente que lhes permitia continuar tendo um relacionamento especial com Ele como seu povo escolhido. Esse relacionamento era baseado na aliança (acordo especial) que Deus fez com eles.

Deus declarou o dia da expiação como um sábado especial, um tempo de descanso completo ([Lv 16.31](#); [23.32](#)). Assim como as pessoas descansavam do trabalho toda semana no sábado regular, elas não podiam realizar nenhum trabalho no dia da expiação.

Muitas pessoas se perguntam por que Deus criou um dia especial para expiação quando o povo judeu já oferecia sacrifícios ao longo do ano. O dia da expiação servia a dois propósitos importantes:

- Isso ajudou a proteger as pessoas da ira de Deus por causa de seus pecados.
- Garantiu que Deus continuaria presente com eles.

Neste dia, duas ações importantes trabalharam juntas para purificar tudo do pecado:

- Os sacerdotes sacrificaram um bode como oferta.
- Em seguida, eles enviaram o segundo bode, chamado bode expiatório, para o deserto.

Essas ações purificaram três coisas importantes:

- todas as pessoas de Israel,
- os sacerdotes que serviam no templo, e
- o próprio edifício sagrado.

O propósito do sistema sacrificial foi plenamente expresso naquele dia. Algumas pessoas chamam o dia da expiação de "Sexta-feira Santa do Antigo Testamento" devido à sua importância (Sexta-feira Santa é o dia em que os cristãos lembram a morte de Jesus na cruz). Os sacrifícios regulares que ocorriam diária, semanal e mensalmente ao longo do ano não podiam remover completamente o pecado. Isso era demonstrado pelo fato de que o sumo sacerdote não podia entrar no Lugar Santíssimo do templo em dias normais.

No entanto, neste dia especial a cada ano, Deus permitia que o sumo sacerdote entrasse no Lugar Santíssimo. Ele levava o sangue do sacrifício e representava todo o povo diante de Deus. Ele aspergia esse sangue sobre o propiciatório, o que demonstrava que Deus havia aceitado o sacrifício e perdoado os pecados do povo.

O dia da expiação tinha um propósito especial que outros sacrifícios não podiam cumprir. Ao longo do ano, as pessoas ofereciam sacrifícios por pecados que conheciam. No entanto, muitas vezes as pessoas pecam sem perceber, e esses pecados desconhecidos também precisavam ser perdoados. A Bíblia, às vezes, chama esses de "pecados secretos" porque permanecem ocultos das pessoas que os cometem.

Esses pecados ocultos tornaram o santuário, a terra e a nação impuros aos olhos de Deus. Deus instituiu o dia da expiação para perdoar completamente

todos os pecados, até mesmo os ocultos ([Lv 16.33](#)). O sumo sacerdote representava todo o povo de Israel diante de Deus. Ele atuava como mediador (alguém que ajuda a unir duas partes) entre Deus e o povo.

Veja também Expição; Ofertas e Sacrifícios.

Dia da Expição

Veja Expição, Dia da.

Dia de Cristo

Frase usada pelo apóstolo Paulo em referência ao Segundo Advento de Cristo ([Ep 1.10](#); [2.16](#)).

Veja Dia do Senhor.

Dia do Senhor

Uma expressão usada pelos profetas do Antigo Testamento para descrever um tempo em que Deus intervirá na história, principalmente para julgamento. Assim, “o dia do Senhor” também é chamado de “o Dia da ira do SENHOR” ([Sf 2.2](#)). Esta expressão aparece nos escritos do profeta Amós, que viveu durante o século oitavo a.C.

O Dia do Senhor no Antigo Testamento

Às vezes, “o dia do Senhor” é usado no Antigo Testamento para se referir a um julgamento anterior ([Lm 2.22](#)). No entanto, geralmente se refere a um julgamento futuro ([Jl 2.1-11](#)). Especificamente, refere-se ao julgamento final do mundo ([Jl 3.14-21](#); [Ml 4.5](#)). Muitas vezes, uma profecia sobre um evento no futuro próximo é combinada com uma profecia de fim dos tempos — um julgamento vindouro é uma prévia do Dia final do Senhor. A profecia de Isaías contra Babilônia em [Isaías 13](#) é um exemplo ([Is 13.5-10](#)). Jesus usou muitas profecias para explicar sua segunda vinda ([Mc 13.24-37](#)).

Outro exemplo é a profecia de Joel sobre o Dia do Senhor ([Jl 1.15-2.11](#)). O profeta predisse uma praga de gafanhotos que Deus enviaria a Israel, mas sua profecia se estendeu ao Dia do Senhor após o tempo de Joel ([Jl 2.14-17.31](#)). O Dia do Senhor inclui também o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes, que foi igualmente predito pela profecia de Joel ([Jl 2.28-32](#); [At 2.16-21](#); [Ap 6.12-](#)

[13](#)). O Novo Testamento usa o termo apenas para se referir aos tempos do fim.

O Dia do Senhor é descrito como um dia de escuridão, trevas e julgamento. Está associado ao julgamento de Deus e descreve mudanças na natureza, como o escurecimento do sol, lua e estrelas ([Is 13.10](#); [Jl 2.31](#); [3.15](#); [Mt 24.29](#); [Ap 6.12](#)). As nações serão julgadas por sua rebelião contra Israel ([Jl 3.19](#); compare [Sl 2](#)). No entanto, Israel é aconselhado a não ansiar por esse dia, pois eles também serão julgados ([Am 5.18-20](#)). Mas os profetas prometem que um “remanescente” fiel será salvo quando se voltarem para o Messias ([Jl 2.32](#); [Zc 12.10](#)). Após o julgamento, haverá um tempo de prosperidade, restauração e bênção para Israel ([Jl 3.18-21](#)).

O Dia do Senhor no Novo Testamento

Existem expressões mais explícitas no Novo Testamento:

- “O dia de nosso Senhor Jesus Cristo” ([1Co 1.8](#));
- “O dia do Senhor Jesus” ([1Co 5.5](#); [2Co 1.14](#));
- “O dia de Cristo” ([Fm 1.10](#); [2.16](#)).

Esses são mais pessoais e positivos. Eles se referem aos eventos finais para os crentes cristãos, que não experimentarão a ira de Deus ([1Ts 5.9](#)). Quando o Dia do Senhor chegar, a terra será renovada e purificada com fogo ([2Pe 3.10-13](#)). Em Apocalipse, essa purificação final ocorre após o Milênio — isto é, o reinado de 1.000 anos de Cristo ([Ap 21.1](#)).

Veja também Escatologia; Últimos dias; Juízo final.

Diabo, O

O diabo é um dos nomes usados no Novo Testamento para Satanás, que é um inimigo de Deus.

Veja Satanás.

Diácono, Diaconisa*

Termos que designam um oficial em uma igreja local, derivados de uma palavra grega que significa “servo” ou “ministro”. O termo “diaconato” é usado ou para o próprio ofício, ou para o corpo coletivo

de diáconos e diaconisas. Assim como acontece com muitas outras palavras bíblicas que hoje são usadas em um sentido técnico, as palavras “diácono” e “diaconisa” começaram como termos populares e não técnicos. Tanto na cultura grega do primeiro século d.C. quanto no NT, elas descreviam uma variedade de serviços.

Origens do Conceito

Uso grego

Referências foram encontradas em escritos antigos onde a palavra grega “diácono” significava “garçom”, “servo”, “mordomo” ou “mensageiro”. Em pelo menos dois casos, indicou um padeiro e um cozinheiro. No uso religioso, a palavra descrevia vários atendentes nos templos pagãos. Os documentos antigos mostram “diáconos” presidindo na dedicação de uma estátua ao deus grego Hermes. Serápis e Ísis, divindades egípcias, eram servidas por um colégio de “diáconos” presidido por um sacerdote.

Uso geral do Novo Testamento

A mesma palavra foi usada por escritores bíblicos em um sentido geral para descrever vários ministérios ou serviços. Só mais tarde no desenvolvimento da igreja apostólica o termo foi aplicado a um corpo distinto de oficiais da igreja. Entre seus usos gerais, “diácono” se refere a um garçom nas refeições ([João 2.5.9](#)), o atendente de um rei ([Mateus 22.13](#)), um servo de Satanás ([2 Coríntios 11.15](#)), um servo de Deus ([6.4](#)), um servo de Cristo ([11.23](#)), um servo da igreja ([Colossenses 1.24-25](#)) e um governante político ([Romanos 13.4](#)).

O NT apresenta a servidão como uma forma de ministério ou serviço, e como uma marca de toda a igreja. Isso significa que ela é considerada uma norma para todos os discípulos ([Mateus 20.26-28](#); [Lucas 22.26-27](#)). O ensino de Jesus sobre o julgamento final liga o ministério a ações tais como alimentar os famintos, hospedar estranhos, vestir os nus e visitar os doentes e presos ([Mateus 25.31-46](#)). Ao longo do NT, há uma ênfase no atendimento compassivo às necessidades físicas e espirituais dos indivíduos, bem como oferecer a si mesmo para atender a essas necessidades. Tal serviço é, em última análise, um ministério ao próprio Cristo ([v. 45](#)).

Origem do Ofício

Alguns estudiosos bíblicos enfatizam um relacionamento entre o *chazan* da sinagoga judaica e o ofício cristão de diácono. O *chazan* abria e fechava as portas da sinagoga, a mantinha limpa e distribuía os livros para leitura. Era provavelmente a tal pessoa para quem Jesus entregou o pergaminho de Isaías após terminar sua leitura ([Lucas 4.20](#)).

Outros estudiosos do NT se concentram na seleção dos sete ([Atos 6.1-6](#)). Eles veem essa ação como um antecessor histórico de uma estrutura mais desenvolvida ([Filipenses 1.1](#); [1 Timóteo 3.8-13](#) — as duas referências específicas a um “ofício” de diácono). Lucas dedicou atenção considerável em Atos à seleção de um novo conjunto de líderes da igreja. Sobrecarregados com uma variedade de responsabilidades, os 12 apóstolos propuseram uma divisão do trabalho para garantir o atendimento da igreja às viúvas helenistas (de língua grega) na distribuição diária de comida e esmola. Sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria ([Atos 6.3](#)), posteriormente se tornaram proeminentes na congregação de Jerusalém, fazendo obras de caridade e zelando pelas necessidades físicas.

Alguns estudiosos advertem que o diaconato não deve ser exclusivamente ligado a obras de caridade, uma vez que a palavra grega usada em [Atos 6.2](#) está relacionada com a palavra traduzida como “ministério da palavra” no verso [4](#). Aqueles escolhidos para supervisionar o atendimento às necessidades físicas eram pessoas de estatura espiritual. Estêvão, por exemplo, “cheio de graça e de poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo.” ([6.8](#), NAA). Filipe, nomeado como um dos sete em [Atos 6](#), “pregava as boas novas sobre o reino de Deus e o nome de Jesus Cristo” ([8.12](#)). Filipe também batizava ([v. 38](#)) e é citado como um evangelista ([21.8](#)).

Diáconos na Igreja Primitiva

Aqueles que citam [Atos 6](#) como um estágio preliminar do ofício de diácono se referem à propagação da prática da igreja em Jerusalém para as congregações gentias que surgiam em outros lugares. Muitas igrejas provavelmente tomaram a nomeação dos “sete de Jerusalém” como um padrão a seguir, algumas até adotando o número sete. Em uma carta do papa do terceiro século Cornélio, por exemplo, foi dito à igreja de Roma que mantivesse o número de diáconos em sete.

No momento em que a igreja de Filipos recebeu suas instruções do apóstolo Paulo (cerca de 62 d.C.) e Timóteo tinha a primeira carta de Paulo em mãos, “diácono” já havia se tornado um termo técnico que se referia a um ofício específico nas igrejas. Em [Filipenses 1.1](#) Paulo se dirigiu à igreja em geral e então acrescentou “com os bispos e diáconos”. Alguns intérpretes consideram que é um estabelecimento claro de dois grupos distintos dentro do corpo maior da igreja, embora nenhuma descrição adicional seja dada. Possivelmente os diáconos dessa congregação eram responsáveis por coletar e então despachar as referidas ofertas ([Fp 4.14-18](#)).

Em [1 Timóteo 3.8-13](#), instruções são dadas sobre as qualificações necessárias para o ofício de diácono. Embora esse seja o tratamento mais detalhado do assunto no NT, ainda é bastante incerto. A maioria das qualificações, ao lidarem com o caráter e o comportamento pessoal, são semelhantes às de um bispo. Por exemplo, um diácono deve ser verdadeiro, monogâmico, “não viciado em muito vinho” e um pai responsável. O verso [11](#), ao exigir que as mulheres sejam “respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis em tudo.” (ARA), pode se referir não às esposas dos diáconos, mas às diaconisas, conforme várias traduções observam (Nova Versão Internacional, Nova Bíblia em Inglês). De qualquer maneira, fica claro que as mulheres participaram do trabalho do diaconato.

Em contraste com o ofício de bispo ([1 Timóteo 3.2](#)), os diáconos não são descritos como aqueles que fornecem ensino ou hospitalidade. Na verdade, nenhuma menção é feita de quaisquer qualificações funcionais que possam esclarecer os papéis dos diáconos ou diaconisas na igreja primitiva. As qualificações de caráter listadas são apropriadas para aqueles com responsabilidades monetárias e administrativas (como [Atos 6.1-6](#) sugere). É dito a Timóteo que bons diáconos não ficarão sem recompensa; não apenas sua fé aumentará, mas também sua boa posição entre aqueles a quem eles servem ([1 Timóteo 3.13](#)).

O ofício de diácono diferia do ofício de presbítero, que foi adaptado de um padrão judaico definido no AT (veja [Números 11.16-17](#); [Deuteronômio 29.10](#)). O diaconato, por outro lado, se desenvolveu a partir do exemplo forte, pessoal e histórico de Jesus, o servo que satisfaz de forma compassiva as necessidades humanas concretas.

À medida que o ofício de diácono se tornou mais firmemente estabelecido, seus deveres puderam

ser definidos como aqueles de assistência pastoral. Os pobres e os doentes recebiam seu serviço não apenas fisicamente, mas também com instrução e consolação. As casas dos membros da igreja se tornaram território familiar de um diácono ou diaconisa. Um padrão de visitação foi estabelecido para descobrir e então atender às necessidades do corpo da igreja em geral. Embora isso incluísse a administração de fundos, ia muito, além disso. Aqueles que serviam como diáconos e diaconisas sem dúvida se tornaram símbolos de amor pela igreja em geral.

É difícil de determinar onde o ofício de diácono se encaixa no padrão maior de ordem da igreja dentro do NT devido à óbvia variedade presente durante os anos formativos. Alguns historiadores da igreja concluem que à medida que a estrutura eclesiástica se desenvolvia, os anciãos passaram a fornecer liderança congregacional. Os diáconos os assistiam, especialmente nos serviços sociais e no cuidado pastoral. O final do primeiro e o início do segundo século testemunharam um ministério distinto de diáconos, anciões (presbíteros) e bispos. Os bispos ou “superintendentes” começaram a exercer autoridade sobre áreas ou grupos de igrejas.

Diaconisa

Onde as mulheres se encaixavam no ministério da igreja primitiva? A inclusão de Paulo de referências às mulheres no ministério é impressionante quando comparada com o papel das mulheres em geral no primeiro século. Ele elogiou Febe por seu serviço na igreja em Cenchrea, usando a palavra “diácono” para descrevê-la ([Romanos 16.1](#)). Ele a elogiou como uma “ajudadora” (v. 2), uma palavra que denota qualidades de liderança (cf. [Romanos 12.8](#); [1 Timóteo 3.4-5](#)). Alguns estudiosos usaram essa referência como um exemplo de desenvolvimento inicial do ofício de diaconisa. Outros interpretaram em um sentido não técnico, significando que Febe atuava em um papel de serviço geral, e, portanto, era digna de reconhecimento em Roma. Quer “diácono” tenha sido usado técnica ou descritivamente, entende-se que o ministério tanto para mulheres quanto para homens no NT foi padronizado pelo exemplo de Jesus, que “não veio para ser servido, mas para servir” ([Marcos 10.45](#)). Por causa do grande número de convertidos do sexo feminino ([Atos 5.14](#); [17.4](#)), as mulheres atuavam em áreas de ministério como visitação, instrução no discipulado e assistência no batismo. As diaconisas são mencionadas nos documentos do terceiro

século como administrando o batismo às mulheres convertidas.

Veja também Bispo; Ancião; Pastor; Presbítero.

Diadema

Um diadema é um tipo de coroa que reis e rainhas usavam ao redor de suas cabeças como uma faixa ou fita.

Veja Coroa.

Diamante

Gema preciosa, geralmente incolor, composta de carbono cristalizado. Na Bíblia, "diamante" parece indicar a dureza, em vez da identificação real da pedra.

Veja Pedras Preciosas.

Diana

Nome romano para a deusa mitológica grega Ártemis, filha de Júpiter e Latona e irmã gêmea de Apolo. Ela renunciou a toda ideia de casamento, supostamente porque ficou horrorizada com as dores de parto que sua mãe sofreu ao dar à luz, e permaneceu como a deusa virgem inalcançável. Embora fosse a deusa da lua, Diana era mais frequentemente retratada como a caçadora com dois cães ao seu lado.

O Templo de Diana em Éfeso era uma das sete maravilhas do mundo antigo. O impressionante edifício era sustentado por 100 grandes colunas. A lenda local dizia que sua estátua caiu do céu ([At 19.35](#)). Isso pode ter sido uma referência a um meteorito. Plínio descreveu uma grande pedra sobre a entrada, que, segundo a tradição, havia sido colocada por Diana. Cerimônias e serviços de adoração em sua honra eram conduzidos por sacerdotes eunucos.

Entre as estátuas que foram escavadas, algumas mostram Diana como uma fêmea com múltiplos seios; outras mostram um santuário com a deusa acompanhada por leões. Modelos do templo eram vendidos como souvenirs (lembranças) pelos ourives, que estavam relutantes em ver qualquer diminuição desse comércio lucrativo quando Paulo começou sua pregação em Éfeso ([At 19.23-20.1](#)). O

descontentamento e a agitação dos ourives levaram ao tumulto da multidão, culminando no clamor "Grande é a Diana dos efésios" ([19.28.34](#), ARC). Inscrições no Museu Britânico referem-se à deusa como "Ártemis a Grande". Se os ourives devem ser acreditados, ela era adorada em todo o mundo conhecido. A forma de adoração não é conhecida com certeza, mas a adoração da deusa Diana pode ter sido associada a um culto de fertilidade.

Diáspora dos judeus

A dispersão do povo judeu de Israel para outros países é conhecida como a diáspora. Diáspora é um substantivo grego que significa "semeadura" ou "dispersão". Na Septuaginta (uma antiga tradução grega da Bíblia Hebraica), muitas vezes significa "exílio" ([Jr 25.34](#); veja também [Is 11.12](#); [Ez 20.23](#); [Sf 3.10](#)). A palavra aparece duas vezes no Novo Testamento, onde se refere a judeus cristãos vivendo fora da Palestina devido a várias dispersões na história de Israel ([Tg 1.1](#); [1Pe 1.1](#)). Diáspora pode às vezes referir-se ao povo exilado ou ao local de exílio.

Principais diásporas

Começando no final do oitavo século a.C., a história judaica passou por várias dispersões importantes (movimentos forçados de pessoas).

Diáspora do reino do norte

Após a morte de Salomão, seu reino se dividiu em dois. O reino do norte de Israel afundou ainda mais na idolatria e imoralidade ([2Rs 17.14-18](#)). Jeroboão, o primeiro rei de Israel dividido, iniciou um padrão de abandono da fé. Epitáfios para reis posteriores frequentemente notavam que o governante "nem abandonou aqueles mesmos pecados que Jeroboão havia feito" ([2Rs 10.31](#); [13.11](#); [14.24](#); [15.9.18.24.28](#)). A Assíria conquistou o reino do norte em 722 a.C. e exilou mais de 27.000 israelitas, conforme previsto ([2Rs 17.23](#)). Eles foram assentados em cidades ao longo dos ramos do Rio Eufrates e na Média. Assírios de cidades ao redor da Babilônia então colonizaram Israel ([2Rs 17.6.24](#)).

Diáspora do reino do sul

O reino do sul de Judá enfrentou o exílio na Babilônia ao leste e o Egito ao sul. O rei Nabucodonosor da Babilônia capturou os judeus

durante várias campanhas de 605 a.C. até que Jerusalém caiu em 586 a.C. A primeira deportação para a Babilônia levou tesouros do templo e do palácio de Jerusalém, junto com "todos os príncipes e todos os cidadãos mais importantes, dez mil pessoas ao todo. Levou também todos os artesãos, incluindo os ferreiros. Ficaram em Judá somente as pessoas mais pobres." (2Rs 24.12-14; veja também 2Cr 36.10; Jr 52.29,30).

Um ano depois, uma segunda expedição focou no rebelde rei vassalo judeu Zedequias e seus filhos (2Rs 25.1.6.7; Jr 52.4-11). (Um rei vassalo é um governante sob a autoridade de outro rei). No 19º ano do reinado de Nabucodonosor, a Babilônia atacou Judá pela terceira vez. Eles destruíram o templo, o palácio do rei e derrubaram as muralhas da cidade. Eles levaram todos cativos, exceto as pessoas mais pobres (2Rs 25.8-21; Jr 52.12-16).

Sisague, o rei do Egito, exilou pessoas de Judá já no século décimo a.C. Judá perdeu pessoas e ouro do templo naquela época (1Rs 14.25,26; 2Cr 12.9). Cerca de 400 anos depois, Joanã, um homem de Judá, tentou escapar de Nabucodonosor fugindo para o Egito. Joanã forçou Jeremias e outros judeus a irem com ele, e eles se estabeleceram em Migdol, Tafnes e Mênfis. No entanto, os babilônios os seguiram, tomaram o controle do Egito e executaram muitos judeus lá (Jr 43.5-44.30). Registros de propriedade e artefatos de altar sugerem que os poucos exilados sobreviventes estabeleceram colônias permanentes no Egito (Is 19.18,19).

Outras diásporas

O rei egípcio Ptolemeu I, que governou de 323 a 285 a.C., capturou muitos judeus e os levou para o Egito por volta de 300 a.C. Esses exilados se estabeleceram em Alexandria, que se tornou conhecida pelo conhecimento grego e judaico. Em outro lugar, Antíoco III da Síria, que governou de 223 a 187 a.C., moveu grandes grupos de judeus da Babilônia para a Frígia e Lídica. Os romanos também realocaram um número significativo de judeus para Roma. O general romano Pompeu levou muitos judeus para lá como escravos no primeiro século a.C.

O livro de Atos do Novo Testamento mostra quão amplamente os judeus estavam dispersos. Lucas lista visitantes a Jerusalém: partos, medos, elamitas, pessoas da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto, a província da Ásia, Frígia, Panfília, Egito, áreas da Líbia perto de Cirene, visitantes de Roma (tanto judeus quanto

convertidos ao judaísmo), cretenses e árabes (At 2.9-11). Esses judeus da "diáspora" estavam em Jerusalém para celebrar a Festa de Pentecostes.

Comunidades judaicas existiam nas cidades macedônias que o apóstolo Paulo visitou durante suas jornadas missionárias: Tessalônica, Bereia e Corinto (At 17.1.10; 18.2-4). Por volta do meio do primeiro século d.C., o Imperador Romano Cláudio ordenou que todos os judeus deixassem Roma (At 18.2). Os estudiosos estimam que a população judaica na Palestina na época do nascimento de Jesus era de cerca de quatro a seis milhões. A população judaica fora da Palestina era várias vezes maior, com comunidades de mais de um milhão cada prosperando na Ásia Menor, Mesopotâmia e Alexandria. Hoje, mesmo com uma pátria nacional, mais judeus vivem fora de Israel do que dentro.

Apesar de sua dispersão, os judeus de diferentes diásporas mantiveram semelhanças com os judeus palestinos por meio de várias práticas:

20. Eles continuaram a observar as principais festas nacionais de páscoa, colheita e tabernáculos (Êx 23.12-17; Dt 16.1-17). Eles as celebravam mesmo enquanto viviam no exterior;
21. As comunidades judaicas em terras estrangeiras coletavam o imposto do templo para a manutenção do templo (Êx 30.11-16), mesmo depois que o templo foi destruído;
22. Todos os judeus, em todos os lugares, reconheciam a autoridade do Sinédrio (o conselho religioso judaico).

Aspectos positivos

No exílio, os judeus deixaram de adorar ídolos, o que os havia afastado de Deus. O exílio os levou a criar sinagogas para oração e educação. Os judeus em Alexandria traduziram as escrituras do Antigo Testamento para o grego, a língua internacional daquela época. Essa tradução, chamada Septuaginta, foi frequentemente usada pelos escritores do Novo Testamento.

Do ponto de vista cristão, as comunidades judaicas dispersas eram importantes. Elas serviam como bases estratégicas para a propagação do cristianismo, que logo alcançou o mundo não-judeu ao redor. Assim, Deus usou essas dispersões para

levar o evangelho aos não-judeus ([Rm 1.11-15](#); [1Co 10.11-12](#)).

As artes, ciências e humanidades têm se beneficiado enormemente das contribuições judaicas na cultura ocidental. Apesar de enfrentarem intensa discriminação, os judeus ofereceram notáveis presentes culturais. Embora a igreja de Jesus Cristo seja considerada um "novo Israel" e uma "raça escolhida" ([1Pe 2.9](#)), a história e as escrituras sugerem que Deus ainda tem um interesse especial nos judeus.

Veja também ISRAEL, História de; Período pós-exílico.

Dibla

Forma da NVI de Ribla, o nome do lugar de onde o Rei Nabucodonozor dirigiu operações contra Jerusalém em 588–586 a.C. ([Ez 6.14](#); cf. [Jr 52.9-27](#)).

Veja Ribla.

Diblain

Pai de Gomer, esposa de Oseias ([Os 1.3](#)). O nome Diblain é considerado por alguns como uma alusão à prostituição de Gomer, já que o nome significa "bolos de passas" e bolos de passas eram usados em rituais de cultos de fertilidade antigos.

Dibom

1. Cidade em Moabe, a leste do Mar Morto e ao norte do rio Arnom. Estava localizada na Estrada Real em território amorita e era uma estação de acampamento para os israelitas durante o Êxodo. Israel pediu permissão a Seom, o rei amorita, para passar por seu território, mas ele recusou. Israel então lutou e derrotou Seom, ganhando assim o controle de Dibom ([Nm 21.30](#)). Após a conquista hebraica da Palestina e sua divisão entre as 12 tribos, Dibom foi dada a Gade ([32.3,34](#)), sendo também referida como Dibom-Gade ([33.45-46](#)). Uma referência bíblica a atribui a Rúben ([Js 13.17](#)).

Durante o período dos juízes, Moabe, sob o rei Eglom, oprimiu Israel e aparentemente retomou Dibom. Provavelmente foi recuperada sob a liderança de Eúde ([Jz 3.12-30](#)). Posteriormente, Dibom foi governada por Israel sob o rei Davi ([2Sm 8.2](#)).

No período pré-exílico, Dibom estava novamente sob influência moabita ([Js 15.2](#); [Jr 48.18,22](#)). Isaias condenou Dibom (Dimom) como a principal entre as cidades perversas de Moabe ([Js 15.9](#), ARC). Dimom é provavelmente um trocadilho (da raiz "sangue") prevendo o destino sangrento e desastroso de Dibom.

Em 1868, escavações descobriram a famosa Pedra Moabita em Dibom, erguida por Messa, rei de Moabe, que construiu "Qarhah" como sua capital. Esta pode ter sido uma nova cidade capital substituindo Dibom, ou uma renomeação de Dibom por Messa. Muito provavelmente "Qarhah" referia-se ao fato de que Dibom foi construída em duas elevações. A mais alta era Qarhah, a cidadela defensiva da cidade, cercada por um muro e possuindo um reservatório de água, várias cisternas, o palácio real e um santuário ("lugar alto", [Js 15.2](#)) para Quemosh, o deus principal de Moabe.

Escavações realizadas entre 1950 e 1956 em Dibom (atual Dhiban) descobriram restos da cidade de um período por volta de 3000 a.C. Evidências indicaram que ela abrigava apenas uma população nômade entre 2100 e 1300 a.C. e que foi novamente povoada por volta de 1300 a.C. As escavações mais antigas encontraram cinco muralhas da cidade, sendo a mais antiga datada de cerca de 3000 a.C. A muralha mais espessa tinha quase 2 a 3 metros de espessura, construída com grandes blocos bem quadrados, e é considerada como tendo sido construída na época de Messa.

2. Cidade no Neguebe de Judá habitada por exilados babilônicos que retornaram à Palestina durante o tempo de Neemias ([Ne 11.25](#)).

Dibom-Gade

Outro nome para Dibom, uma cidade moabita ([Nm 33.45-46](#)).

Veja Dibom #1.

Dibri

Dibri era um homem da tribo de Dã. Ele era o pai de uma mulher chamada Selomite. Selomite casou-se com um homem do Egito. Selomite e o egípcio tiveram um filho juntos. Este filho cometeu um pecado grave ao falar contra o nome de Deus. Como punição, o filho foi apedrejado até a morte.

enquanto os israelitas estavam no deserto ([Lv 24.10-11](#)).

Dicla

Filho de Joctã na lista de nações descendentes dos filhos de Noé ([Gn 10.27](#); [1Cr 1.21](#)); talvez o nome se refira a uma tribo ou território árabe, vivendo em ou perto de uma área com palmeiras, como o nome sugere (Dicla é uma variante da palavra hebraica dikla, que significa tamareira ou palmeira).

Didaquê (Ensino)

Um manual de disciplina da igreja, também conhecido como "O ensino do Senhor aos gentios por meio dos doze Apóstolos".

Qual é a origem do Didaquê?

Sua origem e data são difíceis de determinar com precisão. Os estudiosos geralmente concordam que o autor escreveu na Síria ou Palestina durante o final do primeiro ou início do segundo século. As práticas descritas no manual foram estabelecidas muito antes. A Didaquê (que significa "ensino") foi compilada a partir de várias fontes que detalham as tradições de comunidades eclesiais bem estabelecidas.

O que o Didaquê ensina?

Este manual contém diversos textos destinados a instruir novos convertidos na fé cristã.

Os "Dois Caminhos" da vida e da morte

Os capítulos 1-6 apresentam os "Dois Caminhos" de vida e morte. Eles são baseados em [Deuteronômio 30.15](#). Esta seção se assemelha a muitos ensinamentos judaicos. Pode encontrar sua origem nos escritos apocalípticos da comunidade de Qumran (onde os Rolos do Mar Morto foram compilados). O manual também contém vários paralelos com a Epístola de Barnabé e o Pastor de Hermas. Esses primeiros capítulos incluem uma coleção distintamente cristã de ditos que se assemelham aos ensinamentos de Jesus sobre amar o próximo (como registrado por Mateus e Lucas).

Instruções para práticas cristãs

Os capítulos 7-10 contêm instruções para batismo, jejum, oração e a eucaristia (o compartilhamento

de pão e vinho, também conhecido como Santa Comunhão). Por exemplo:

- Os convertidos devem ser batizados "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".
- Os convertidos devem jejuar às quartas e sextas-feiras, em contraste com os judeus, que jejuavam às segundas e quintas-feiras.
- Os convertidos devem recitar diariamente a Oração do Senhor (com a doxologia).

As orações nos capítulos 9 e 10 são baseadas em orações judaicas de mesa. Não está claro se elas são destinadas à Eucaristia ou a uma refeição comum da igreja (às vezes chamada de "festa do amor"). As orações não contêm referências às palavras de Jesus na Santa Ceia. Elas colocam a bênção do cálice antes da bênção do pão (cp. [1Co 10.16](#)). A Didaquê observa que os crentes não são obrigados a usar essas orações modelo.

Instruções para a liderança da igreja

Os capítulos 11-15 fornecem instruções para a liderança da igreja. Esses capítulos discutem as características dos verdadeiros apóstolos e profetas, referidos como "sumos sacerdotes". Eles também abordam as responsabilidades da igreja em relação a esses líderes. O Didaquê termina com uma previsão do retorno iminente de Cristo.

Por que o Didaquê é importante para a história cristã?

A influência judaica na Didaquê pode refletir os ensinamentos da igreja de Jerusalém. A descrição da liderança da igreja parece derivar de Paulo, que detalha os papéis de apóstolos, profetas e mestres em 1 Coríntios. A Didaquê também enfatiza a função dos profetas.

Os ensinamentos do Didaquê refletem os de uma igreja nos estágios iniciais de desenvolvimento de suas instituições e práticas. A igreja ainda parece estar desenvolvendo características que a distinguem claramente do Judaísmo. O Didaquê era popular na igreja primitiva. Eusébio listou-o entre os escritos ortodoxos que foram eventualmente excluídos do cânon do Novo Testamento.

Dídimo

Grego para “gêmeo” é outro nome para o apóstolo Tomé em [João 11.16](#), [20.24](#) e [21.2](#).

Veja Tomé, O Apóstolo.

Didracma

Uma moeda grega de prata no valor de duas dracmas (ou dois gramas de prata) é equivalente ao meio siclo judaico. Cada judeu era obrigado a pagar essa quantia como o imposto anual do Templo ([Mt 17.24](#)).

Veja Moedas.

Difate

Ortografia alternativa de Rifate, filho de Gomer, em [1 Crônicas 1.6](#).

Veja Rifate.

Dileã

Pequena aldeia da Judeia perto de Laquis. É mencionada apenas uma vez no AT ([Js 15.38](#)).

Dilúvio, o

Veja Inundação, A.

Dilúvio, O

Uma elevação e transbordamento de água para cobrir a terra, especificamente o dilúvio associado a Noé em [Gênesis 6–9](#).

História bíblica

A história do dilúvio de Noé é contada em [Gênesis 6–9](#). É mencionada frequentemente na Bíblia, sempre como um evento real ([Gênesis 10.1.32](#); [11.10](#); [Mateus 24.38–39](#); [Lucas 17.27](#); [2 Pedro 2.5](#)). Na Bíblia, Deus enviou o dilúvio por causa do pecado, que era tão grave que “a maldade do homem era grande sobre a terra” ([Gênesis 6.5](#)). Deus decidiu destruir todos e começar de novo com pessoas que o obedeceriam (compare [Gênesis 1.26–28](#)). As únicas pessoas que eram fiéis ao

Senhor eram Noé, seus filhos e suas esposas. Deus os usou para recriar a terra após sua destruição.

Noé passou 120 anos construindo um grande navio e avisando as pessoas sobre o julgamento vindouro de Deus ([Gênesis 6.3](#); compare [Hebreus 11.7](#); [1 Pedro 3.20](#); [2 Pedro 2.5](#)). Quando o dilúvio veio, choveu intensamente, e as águas subterrâneas subiram ([Gênesis 7.11](#)). Apenas a família de Noé e os animais terrestres que ele trouxe para o navio foram salvos da água. O dilúvio durou mais de um ano. Finalmente, as águas baixaram, e a terra estava seca novamente ([Gênesis 7.6–12.24](#); [8.3–6.10–14](#)). Quando Noé e sua família saíram da arca, ofereceram sacrifícios a Deus para agradecê-lo. Deus prometeu que nunca enviaria outro dilúvio para destruir a terra.

O tamanho do dilúvio

Aqueles que acreditam que o relato do dilúvio é verdadeiro discordam sobre seu tamanho. A história parece sugerir que toda a terra foi inundada até o topo das montanhas mais altas ([Gênesis 7.17–20](#); [8.4](#)). Alguns argumentaram que águas altas o suficiente para cobrir “todos os altos montes debaixo de todos os céus” ([Gênesis 7.19](#)) cobririam toda a terra. Aqueles que defendem um dilúvio local observam que o texto diz que *parecia* que toda a terra estava inundada. Assim, um dilúvio mundial era desnecessário. Deus queria destruir os humanos, que podem ter vivido apenas na Mesopotâmia naquela época. Outros argumentam que na Bíblia, “terra” muitas vezes não é usada literalmente. Em [Gênesis 1.1](#), “céu e terra” significa “o universo”. Às vezes, “terra” descreve um único país ([Gênesis 47.13](#)), o próprio solo ([23.15](#)), e assim por diante. Portanto, não é necessário pensar que a história do dilúvio em Gênesis implica que o mundo inteiro foi inundado.

Algumas pessoas que acreditam em um dilúvio universal argumentam que há fósseis marinhos no topo das montanhas, então a água deve tê-las coberto. Outros discordam, dizendo que todas as montanhas originalmente vieram dos mares, então é razoável que haja evidências de vida marinha nelas. Crenças teológicas e interpretações da Bíblia determinam se as pessoas acham que o dilúvio foi global ou local. *Veja “Evidências Científicas para o Dilúvio?”*.

Veja também Épico de Gilgamesh; Noé #1.

Dimas

O nome Dimas refere-se ao ladrão que expressou arrependimento por seus pecados enquanto morria em uma cruz ao lado de Jesus ([Lc 23.39-43](#)). Embora a Bíblia não mencione o nome desse ladrão, histórias religiosas posteriores não incluídas na Bíblia o chamaram de Dimas. Essas histórias, como o Evangelho Árabe da Infância e os Atos de Pilatos, narram encontros imaginativos anteriores entre Jesus e Dimas. Os primeiros mestres cristãos frequentemente elogiavam o arrependimento desse "bom ladrão". A Igreja Católica Romana mais tarde o reconheceu oficialmente como santo.

Dimna

Nome alternativo para Rimom, uma cidade levítica no território de Zebulom, em [Josué 21.35](#).

Veja Rimom (Lugar) #2.

Dimom

Tradução ARC de uma cidade moabita em [Isaías 15.9](#), alternativamente nomeada Dibom no grande Pergaminho de Isaías do Mar Morto. O local de Dimom é identificado com Khirbet Dimneh, quase 5 quilômetros a noroeste de Rabá.

Veja Dibom #1.

Dimona

Cidade mencionada em [Josué 15.22](#) como estando localizada no Neguebe da Judeia, perto do território edomita. Era uma das 29 cidades na área geral de Berseba; alguns estudiosos a identificaram com o Dibom mencionado em [Neemias 11.25](#).

Diná

Filha nascida de Jacó e Lia ([Gn 30.21](#)), cujo nome significa "julgamento". Morando com sua família em Siquém, uma cidade cananeia ([33.18](#)), Diná foi visitar algumas mulheres pagãs vizinhas ([34.1](#)). Siquém, o príncipe heveu da região, a viu e, enquanto os irmãos de Diná estavam nos campos cuidando de seus rebanhos, ele a violentou. Siquém então pediu Diná a Jacó como esposa.

Os filhos de Jacó, enfurecidos pela desonra feita à sua irmã, planejaram vingança. Eles concordaram com o casamento sob a condição de que todos os homens heveus fossem circuncidados. Hamor, pai de Siquém, consentiu. Enquanto os homens cananeus ainda estavam incapacitados pela cirurgia, os irmãos de Diná, Levi e Simeão, lideraram um massacre na cidade e mataram todos os homens. Diná foi resgatada e a cidade saqueada. Os irmãos justificaram sua ação como uma retribuição justa por um dos cananeus ter tratado sua irmã como uma prostituta ([Gn 34.27-31](#)). Pelo uso de armas de violência ([49.5](#)), Simeão e Levi foram posteriormente amaldiçoados por Jacó.

Diná

Capital da cidade de Edom antes do tempo da monarquia de Israel, cujo rei Bela é mencionado na Bíblia ([Gn 36.32](#); [1Cr 1.43](#)). Sua localização é desconhecida.

Dinaítas

Grupo pós-exílico envolvido em um protesto a Artaxerxes sobre a reconstrução do Templo de Jerusalém ([Ed 4.9](#), ARC). O nome é evidentemente um título aramaico para "juiz" (NTLH); tais juízes são mencionados em papiros administrativos aramaicos do século V a.C.

Dinheiro

Meio de troca, medida de valor, método de pagamento.

O dinheiro foi desenvolvido como um meio de troca conveniente para complementar e, mais tarde, substituir o escambo, embora os dois sistemas tenham operado simultaneamente por muitos séculos. Desde o período patriarcal até os dias atuais, a riqueza tem sido medida em termos de bens e metais preciosos, particularmente ouro e prata, que continuam a ser meios de troca universalmente aceitos. [Gênesis 13.2](#) descreve Abraão como "muito rico em gado, em prata e em ouro".

A riqueza em uma sociedade nômade ou seminômade era frequentemente medida pelo número de gado que uma pessoa possuía, e por causa disso, o gado era um meio de troca

prontamente aceitável e facilmente valorizado, embora um tanto volumoso. O grau em que o gado era comumente reconhecido como padrão de valor, riqueza e troca é refletido na palavra latina para dinheiro, *pecunia*, que é derivada diretamente de *pecus*, significando "gado". Para fins religiosos, impostos ou doações pagas em gado eram mais aceitáveis, e isso não apenas aumentava o reconhecimento geral por esse meio, mas também fazia do templo um repositório para grandes rebanhos de gado, bem como animais menores e produtos, que, se não pudessem ser usados diretamente nos rituais do templo, poderiam ser trocados por quaisquer mercadorias necessárias. Alimentos perecíveis eram menos populares para fins de troca do que animais como ovelhas e jumentos, embora madeira, vinho e mel fossem regularmente usados como forma de moeda ([1Sm 8.15](#); [2Rs 3.4](#); [Ez 45.13-16](#)). Tanto os impostos públicos quanto privados, tributos e dívidas de todos os tipos eram liquidados por esse meio. Salomão pagou Hirão, rei de Tiro, em trigo e azeite por sua assistência na construção do templo ([1Rs 5.11](#)), e no século VIII a.C. os impostos eram comumente pagos em jarros de vinho ou azeite. O tributo na forma de ovelhas e lã é registrado em [2 Reis 3.4](#).

Todos os meios de troca mencionados representavam bens que podiam ser medidos ou contados, e foram feitas tentativas para estabelecer uma taxa de câmbio padrão entre eles.

A prata era o metal precioso mais prontamente disponível no antigo Oriente Próximo e, portanto, era o mais frequentemente mencionado em conexão com compras por peso e, em um período posterior, por moeda. A primeira ocorrência registrada na Bíblia do uso da prata como meio de troca está em [Gênesis 20.14-16](#), onde Abraão recebeu um pagamento de 1.000 siclos por peso de prata, além de animais e escravos. Abraão também comprou o campo e a caverna de Macpela por 400 siclos de prata ([Gn 23.15-16](#)), que, de acordo com o costume da época, tinha que ser pesado na frente do vendedor e verificado por testemunhas (cf. [Jr 32.9-10](#)).

Como esses eventos ocorreram por volta do início do segundo milênio a.C., o termo "siclo" não representaria a moeda familiar de períodos posteriores, mas sim um certo peso de prata. Em um momento posterior, os irmãos de José o venderam para mercadores viajantes por 20 siclos de prata ([Gn 37.28](#)). [Gênesis 33.19](#) menciona outra unidade de peso para metal, o *quesitá* (NTLH ver

nota), em conexão com a compra de um campo por Jacó; o termo aparece novamente em [Josué 24.32](#) e [Jó 42.11](#). Esta unidade pode ter representado um valor equivalente ao valor monetário de um cordeiro.

Com o tempo, grandes animais e objetos materiais passaram a ser considerados extremamente incômodos como meio de troca, e o metal tornou-se cada vez mais popular. No entanto, o transporte de grandes quantidades de metal precioso continuou a ser um problema, e foi necessário desenvolver um método para facilitar o reconhecimento, a acessibilidade e o armazenamento de metais de valor específico.

Ao longo dos anos, formas bastante uniformes foram projetadas para metais usados em transações. A prata podia ser empilhada ou amarrada em feixes, como mostrado em baixos-relevos egípcios, e os filhos de Jacó utilizaram um método semelhante ao transportar o preço de compra do grão que estavam adquirindo do Egito ([Gn 42.35](#)). Por volta de 1500 a.C., pedaços de metal moldados na forma de lingotes, barras, línguas ou cabeças de animais estavam em uso, assim como discos de ouro e anéis de fio de ouro. Talvez as peças mais populares aceitáveis como moeda fossem aquelas que também tinham sido projetadas como joias. Os objetos de valor listados entre os despojos dos midianitas incluíam correntes de ouro, pulseiras, anéis de sinete e brincos ([Nm 31.50](#)). As pulseiras e anéis, em particular, provavelmente representavam um peso padronizado e, portanto, podiam ser usados facilmente como moeda. Rebeca recebeu presentes de seu noivo que estavam na forma de joias de peso específico: um anel de ouro pesando meio siclo e duas pulseiras pesando dez siclos de ouro ([Gn 24.22](#)). Jó recebeu um fino anel de ouro de vários parentes, e é improvável que todos lhe dessem o mesmo presente se isso não representasse, de fato, um certo valor monetário ([Jb 42.11](#)).

A exigência em [Deuteronômio 14.25](#) de "amarrar seu dinheiro" implicaria novamente em tiras finas de prata que poderiam ser agrupadas ou anéis que poderiam ser encadeados. Em qualquer caso, o transporte seria facilitado.

O valor dos pesos de prata mencionados nos tempos mosaicos pode ser melhor compreendido em termos de poder de compra. Um carneiro podia ser comprado por dois siclos, enquanto cinquenta siclos era o preço de cerca de quatro alqueires de cevada ([Lv 27.16](#)). No tempo de Eliseu, durante um bom ano, uma e meia medida de farinha fina ou três

medidas de cevada podiam ser compradas por um siclo ([2Rs 7.16](#)). É desnecessário dizer que avaliações monetárias desse tipo seriam afetadas por considerações econômicas como oferta e demanda.

A estimativa a olho nu era um meio impreciso de avaliar o valor da moeda, e não há dúvida de que a fraude era comum na pesagem e exame do metal. A pesagem, uma parte essencial de toda transação importante, também consumia muito tempo. Para garantir o valor correto dos pesos, que geralmente eram peças de bronze, ferro ou pedras trabalhadas, eles carregavam algum tipo de carimbo. Uma vez que essa prática foi geralmente estabelecida, foi um pequeno passo para o carimbo das peças individuais de metal, sejam línguas, barras ou pulseiras, usadas como moeda. O próximo desenvolvimento lógico foi carimbar uma peça de prata para autenticar seu valor para fins de moeda. Este foi o precursor da moeda, que não era conhecida no antigo Oriente Próximo antes do período do exílio. Portanto, qualquer referência a dinheiro antes desse tempo indica barras, pulseiras, anéis ou outros objetos de metal, carimbados ou não.

As primeiras moedas cunhadas vieram do reino da Lídia, na Ásia Menor, sendo tradicionalmente atribuídas a Creso (560–546 a.C.), o fabuloso governante rico daquela terra. As moedas da Lídia eram feitas de eletro, uma liga natural de prata e ouro, e retratavam um leão e um touro. Como a maioria das primeiras moedas, o reverso continha simplesmente uma marca cunhada.

Originalmente, uma moeda não apenas representava um valor, mas seu peso correspondia à quantidade de prata ou ouro de seu valor nominal. Assim, muitas das primeiras moedas foram cortadas violentamente por alguns cétricos antigos, que queriam garantir que a moeda era de prata pura e não de um metal menos valioso revestido com prata.

A pureza da prata ou do ouro também era um fator na popularidade e aceitação de moedas específicas. Nos tempos gregos e romanos, o tetradracma de Tiro era uma das moedas de prata mais amplamente aceitas devido à pureza do seu conteúdo metálico.

O uso de moedas não eliminou a necessidade de pesagem, pois o corte fraudulento das bordas das moedas era comum desde sua introdução no século VI a.C. Esse problema específico afetou todas as emissões subsequentes de moedas, e foi apenas no

final do século XVIII na Grã-Bretanha que foi superado por um processo que envolvia a serrilhagem das bordas das moedas mais valiosas.

No século VI a.C., quando os judeus retornaram do exílio na Babilônia, moedas foram doadas para a reconstrução do templo em Jerusalém, assim como prata e ouro em outras formas. A moeda de ouro mencionada é um "dárico". O termo, aparentemente derivado do nome do grande rei persa Dario I (521–486 a.C.), era amplamente utilizado e até aparece em passagens bíblicas escritas em uma data posterior, mas referindo-se a um período anterior ao reinado de Dario (cf. [1Cr 29.7](#)).

Poucos artesãos com as habilidades necessárias para a fabricação de moedas estariam disponíveis antes do século VI a.C., então os primeiros dáricos de ouro provavelmente foram cunhados em Sardes. A própria casa da moeda foi assumida pelos persas quando ocuparam o território, e a produção continuou como antes.

As regiões ocidentais do Império Persa provavelmente usavam moedas de prata com mais frequência do que de ouro. De acordo com algumas tradições, a cunhagem desenvolveu-se na Grécia, em Egina, por volta da época em que os Lídios adotaram o conceito pela primeira vez. A mais antiga dessas moedas de prata escavada até agora data do século VI a.C. e foi cunhada no norte da Grécia.

Também eram comumente usadas as populares tetradracmas do século V a.C. de Atenas, que tinham cunhos em ambos os lados da moeda. Estas representavam a cabeça da deusa Atena e a coruja sagrada.

Embora o teor de prata de muitas moedas em uso contemporâneo tenha sido reduzido, o do tetradracma ateniense manteve-se consistentemente em seu alto padrão original de pureza. Essa circunstância naturalmente aumentou sua aceitação, especialmente em áreas envolvidas em turbulência política, onde a pureza da moeda local era particularmente questionável. Devido à estabilidade do teor de prata da moeda e à rápida expansão do Império Grego, o tetradracma ateniense foi cunhado e usado quase sem alterações por um período de 200 anos. Muitas dessas moedas foram encontradas em tesouros por todo o Mediterrâneo oriental.

Não há dúvida de que, no quarto século a.C., havia uma casa da moeda local na Judeia, pois moedas de prata imitando o tetradracma ateniense, mas

também com a inscrição "Jeúde", foram encontradas lá.

Devido à extensão do comércio nos tempos gregos e romanos, as moedas dos principais centros eram amplamente aceitas em todas as áreas costeiras do Mediterrâneo. Elas também eram preferidas nas áreas interiores, especialmente naquelas atravessadas por rotas comerciais ou que faziam parte de um império maior.

As casas da moeda em Gaza, Jope e Tiro foram estabelecidas por volta do final do quarto século a.C. para produzir moeda local. Nesse período, Sidom continuou a ser um importante fornecedor de moedas de prata, como vinha sendo desde o quinto século a.C.

Quando os Selêucidas assumiram o controle da Judeia em 198 a.C., começou um período de turbulência política, pois os sírios tentaram helenizar o povo judeu. O ressentimento em relação à cultura grega e a resistência a qualquer interferência na fé judaica tradicional aumentaram constantemente até encontrar uma saída na liderança de Matatias, pai dos Macabeus, que iniciou uma revolta guerrilheira em 167 a.C.

Quando as fortunas da guerra mudaram temporariamente a favor dos Macabeus, o Rei Antíoco da Síria concedeu a Simão Macabeu o direito de cunhar suas próprias moedas ([1Mc 15.6](#)), mas antes que ele pudesse aproveitar esse símbolo primordial de independência, o equilíbrio de poder mudou novamente. A Judeia voltou ao seu status de tributária, e a permissão para cunhar moedas foi rapidamente retirada.

O filho de Simão, João Hircano, conseguiu superar os enfraquecidos sírios e declarou independência em 129 a.C. As pequenas moedas de bronze cunhadas por volta de 110 a.C. mostravam uma coroa de louros no anverso com a inscrição "Joanã, o sumo sacerdote e a comunidade dos judeus". O reverso exibia uma dupla cornucópia com uma cabeça de papoula, ambos símbolos gregos de abundância. Estas foram as primeiras moedas genuinamente judaicas.

Com a falta de artesãos qualificados e de uma boa casa da moeda, não é surpreendente que as moedas resultantes fossem simples e despretensiosas. Consequentemente, elas eram bastante diferentes dos elaborados e, muitas vezes, delicados designs de muitas moedas contemporâneas.

Enquanto isso, moedas de prata continuaram a ser cunhadas nas cidades fenícias de Tiro e Sidom por

ordem dos Selêucidas, e permaneceram as moedas de prata mais populares no uso cotidiano na Palestina até os tempos romanos. Mesmo então, continuaram a circular juntamente com a cunhagem romana.

Veja também Banqueiro, Bancário; Moedas; Cambista.

Diocleciano

Diocleciano foi um imperador romano que governou de 284 a 305 d.C. Ele nasceu por volta de 245 d.C. e morreu em 313 d.C.

Primeiros anos e ascensão ao poder

Diocleciano nasceu em uma família pobre na Dalmácia (atual Croácia). Seu nome de nascimento era Diocles. Ele se juntou ao exército ainda jovem e subiu nas fileiras até se tornar o comandante da guarda pessoal do Imperador.

Em 284 d.C., após a morte do Imperador Numeriano, os soldados escolheram Diocles como o novo Imperador. Eles também mataram Carino, irmão de Numeriano, que desejava ser Imperador. Isso permitiu que Diocles assumisse o controle total. Ele então mudou seu nome para Diocleciano.

Reformas do governo

Diocleciano era conhecido por ser um líder forte e organizador. Em 293 d.C., ele criou um novo sistema de governo chamado tetrarquia (um sistema com quatro governantes). Este sistema ajudou a administrar o grande império dividindo o poder.

Ele também realizou mudanças no governo, no exército e na economia. Essas mudanças ajudaram o império a funcionar melhor, mas também enfraqueceram Roma como centro de poder. O Senado Romano perdeu grande parte de sua autoridade, e os quatro governantes na tetrarquia passaram a tomar as grandes decisões.

Perseguição aos cristãos

Em 303 d.C., Diocleciano iniciou um período de perseguição contra os cristãos. Os oficiais destruíram edifícios de igrejas e queimaram cópias do Novo Testamento. Dos quatro governantes, Galério liderou os ataques mais intensos. Alguns estudiosos acreditam que foi Galério quem

impulsionou a perseguição, e não o próprio Diocleciano.

Vida futura

Em 305 d.C., Diocleciano abdicou do poder. Ele se mudou para uma grande vila em Split, na Dalmácia. Ele se manteve afastado da política e das ações severas dos governantes que vieram depois.

Veja também Césares, os.

Dion

Uma das cidades da Decápolis, construída após a morte de Alexandre, o Grande, por alguns de seus soldados. A cidade (não mencionada na Bíblia) era culturalmente grega, atraindo muitos imigrantes gregos; também era um centro mercantil de troca. Dion era uma das duas únicas cidades da Decápolis com um nome macedônio (a outra sendo Pella). Estava localizada na Palestina a leste do Jordão, possivelmente perto do Rio Yarmuk e da cidade de Gadara.

Veja Decápolis.

Dionísio

Um cidadão importante e respeitado de Atenas que se tornou crente após ouvir Paulo pregar. Dionísio era membro do Areópago (um areopágita), que era o tribunal supremo de Atenas ([At 17.34](#)). Dionísio foi uma das poucas pessoas em Atenas que acreditaram na mensagem de Paulo sobre Jesus.

Dioscorinto

Palavra problemática ocorrendo uma vez em [2 Macabeus 11.21](#). “Dioscorinto” fazia parte da data em uma carta escrita por Lísias, um oficial sírio, ao povo judeu durante as revoltas dos Macabeus por volta de 164 a.C. A maioria dos estudiosos acredita que a palavra indica o nome de um mês.

Parte do nome pode ter se referido ao mês macedônio Dios, mas o significado do restante é desconhecido. O historiador judeu antigo Josefo identificou Dioscorinto com o período judaico “Marcheshvan” (novembro-dezembro), mas isso não ajuda a determinar o significado preciso. Dioscorinto também foi conectado com Dióscoro, o terceiro mês do calendário dos cretenses, mas

novamente o significado dessa conexão é incerto. Igualmente duvidosa é a sugestão de que Dioscorinto era um mês curto inserido no calendário judaico para equilibrar os anos lunar e solar.

Dióscuros

Os filhos gêmeos de Zeus, conhecidos como Castor e Pólux, eram na mitologia grega as divindades patronas (deuses protetores) da navegação e eram representados na constelação de Gêmeos. Os Dióscuros (os “Irmãos Gêmeos”) eram a figura de proa do navio alexandrino no qual Paulo navegou para Roma ([At 28.11](#)).

Diótrefes

Um membro da igreja que João repreendeu por seu comportamento contencioso ([3Jo 1.9–10](#)). Ele falou contra João, resistiu à autoridade de João ao se recusar a receber uma carta anterior e se recusou a mostrar hospitalidade cristã, incentivando outros a fazerem o mesmo. Ele pode ter sido um oficial na igreja que abusou de sua posição, já que gostava de se colocar em primeiro lugar.

Direito Civil e Justiça

O direito civil trata de disputas privadas entre indivíduos, como questões relacionadas a dívidas, divórcio, herança ou outros relacionamentos. O direito penal, por outro lado, lida com crimes como assassinato, traição ou roubo. Em casos civis, a parte culpada deve compensar a vítima de maneira adequada.

Essa distinção entre direito civil e penal é muito diferente do pensamento bíblico. Quase todas as infrações eram tratadas por acusação privada. Se alguém fosse assassinado, seus parentes eram responsáveis por matar o assassino ou persegui-lo até a cidade de refúgio mais próxima para um julgamento.

Em Israel, todas as ofensas tinham uma dimensão religiosa: roubo ou adultério não eram apenas ofensas contra um vizinho, mas também um pecado contra Deus. Isso significava que todo israelita ficaria chocado com tal comportamento e desejaria que fosse punido. Se esses atos continuassem, Deus poderia intervir para punir o

indivíduo, sua família ou até mesmo toda a nação. Esse aspecto religioso fazia com que toda ofensa parecesse um crime, embora a maioria das acusações fosse deixada para os indivíduos resolverem.

Veja também Tribunais e Julgamentos; Direito Penal e Punição; Leis Dietéticas; Divórcio; Divórcio, Documento de; Código de Leis de Hamurabi; Conceito Bíblico de Lei; Levítico, livro de; Casamento, Costumes de Casamento; Mandamentos, Os Dez.

Direito de nascimento

Nas famílias hebraicas antigas, o direito de nascimento (ou primogenitura) era um conjunto especial de direitos e privilégios que pertenciam ao filho mais velho. Ele era o segundo em importância, apenas atrás de seu pai. Quando o pai estava ausente, o filho mais velho tinha a autoridade para tomar decisões pela família.

Podemos ver como isso funcionou na história de Rúben e seus irmãos mais novos em Gênesis. Rúben era o filho mais velho e tinha o direito de nascimento ([Gn 37.19-22.28-30](#)). Mas ele mais tarde cometeu um grande erro. Ele dormiu com uma das esposas de seu pai. Por causa desse pecado, ele perdeu seu direito de nascimento ([Gn 49.1-4](#)).

Depois que Rúben perdeu seu direito de nascimento, seus irmãos mais novos Simeão, Levi e Judá estavam próximos na linha de sucessão ([Gn 29.31-35](#)). No entanto, seu pai Jacó decidiu não dar o direito de nascimento a Simeão ou Levi porque eles demonstraram mau caráter ([Gn 49.5-7](#)). Jacó falou bem de Judá ([Gn 49.8-10](#)). Mas ele escolheu dar o direito de nascimento ao seu filho favorito José ([Gn 49.22-26](#); [1Cr 5.1-2](#); cp. [Gn 37.2-4](#)).

Como funcionavam os direitos de nascimento nos tempos antigos

Arqueólogos encontraram antigas tábuas de argila em um lugar chamado Nuzi, na Mesopotâmia. Essas tábuas nos informam que membros da família podiam trocar ou negociar seus direitos de nascimento entre si. Vemos um exemplo disso na Bíblia quando Esaú troca seu direito de nascimento com seu irmão Jacó (cp. [Gn 25.19-34](#)).

A pessoa que tinha o direito de nascimento também guardava objetos especiais chamados "terafins" ou ídolos domésticos ([Gn 31.19.32.34](#)). Eram

pequenas figuras feitas de barro que representavam os deuses adorados na região. Possuir esses ídolos ajudava a demonstrar que o filho mais velho tinha autoridade na família.

Ter o direito de nascimento significava duas coisas importantes: Primeiro, a pessoa se tornaria o líder da família. Segundo, receberia o dobro da herança em comparação com seus irmãos.

Na antiga Israel, os homens podiam ter mais de uma esposa. A lei determinava que o direito de nascimento devia ser concedido ao primeiro filho nascido do pai, mesmo que o pai amasse mais outra esposa. O pai não podia alterar isso sem uma causa justa ([Dt 21.15-17](#)).

No entanto, houve algumas exceções. Se a mãe de um filho fosse uma serva ou uma esposa secundária (uma mulher que vivia com o pai, mas tinha menos direitos do que a esposa), esse filho não poderia receber o direito de nascimento ([Gn 21.9-13](#); [Jz 11.1-2](#)).

O direito de nascimento era especialmente importante nas famílias reais. O filho mais velho de um rei tinha o direito de se tornar o próximo rei ([2Cr 21.1-3](#)). Vemos um exemplo do que poderia dar errado quando essa regra era quebrada. O rei Roboão de Judá escolheu seu filho favorito, Abias, para ser o próximo rei, mesmo que Abias não fosse o mais velho. Para evitar que seus outros filhos causassem problemas, Roboão teve que dar-lhes presentes e posições especiais ([11.18-23](#); [12.16](#)).

O direito de nascimento de Esaú e o significado para os cristãos

O Novo Testamento relata uma história do Antigo Testamento sobre um homem chamado Esaú. Esaú era o filho mais velho de Isaque, um líder importante na história inicial de Israel. Um dia, Esaú estava com muita fome e trocou seu direito de nascimento com seu irmão mais novo, Jacó, por um prato de ensopado de lentilhas. Ele tomou essa decisão sem considerar a importância de seu direito de nascimento ([Hb 12.16-17](#); cp. [Gn 25.19-34](#)).

Esta história ensina uma lição importante. Assim como Esaú perdeu seu direito de nascimento e a bênção de seu pai ao fazer uma escolha tola, os cristãos são advertidos a não desistirem descuidadamente das bênçãos espirituais que Deus tem para eles. ([Gn 27](#)).

Veja também Herança; Herdeiro; Primogênito.

Direito penal e punição

A ciência ou filosofia do direito é chamada de jurisprudência. Embora a jurisprudência moderna tenha pouca semelhança com os conceitos bíblicos de lei, as escrituras desempenharam um papel definitivo em seu desenvolvimento. Hoje, o direito penal é claramente distinguido do direito civil; nos tempos bíblicos, a distinção era muito menos clara. Atualmente, as infrações contra o direito civil (delitos) são diferenciadas de crimes menores (contravenções) e de crimes graves (crimes). Na Bíblia, "crimes" incluíam todas as ofensas puníveis, até mesmo ofensas religiosas como idolatria (adorar um falso deus) ou blasfêmia (falar ou comportar-se com desprezo em relação a Deus).

Prévia

- Contexto do Oriente Médio;
- Lei penal hebraica;
- Punição;
- Conclusão;

Contexto do Oriente Médio

Nas sociedades antigas, assim como nas modernas, as leis eram consideradas necessárias para regular o comportamento individual em prol do bem da comunidade, estado ou nação. Hoje, as leis são vistas como criadas pelas pessoas para sua própria proteção. Em contraste, todos os códigos de leis do antigo Oriente Próximo eram considerados como tendo vindo diretamente de alguma fonte divina. A lei hebraica, embora distinta, seguia o padrão geral dos códigos de leis do Oriente Próximo, conforme evidenciado pelos que sobreviveram — como o Código de Hamurábi e as leis assírias e hititas.

Conclusões sobre a "origem" das leis antigas devem ser feitas com cautela. Embora evidências indiquem que Hamurabi baseou sua legislação parcialmente em códigos sumérios anteriores, ele declarou que seu código havia sido recebido de Shamash, deus da justiça. Essa declaração deve ter sido feita principalmente para transmitir que seu código tinha a sanção expressa de Shamash, já que pelo menos algumas pessoas reconheceriam que era uma compilação baseada em grande parte em leis anteriores. Da mesma forma, as claras declarações bíblicas sobre Moisés recebendo a lei no Monte Sinai ([Êx 19-24](#)) não descartam a possibilidade de que partes do Decálogo (os dez mandamentos) possam ter existido em códigos anteriores. Possivelmente, a legislação mosaica

incluiu algumas regras sociais adaptadas do período da estadia de Israel no Egito.

Lei penal hebraica

Leis que regem Ofensas Contra Deus

Como a lei hebraica foi projetada para um grupo de pessoas para quem a religião era de importância primordial e cuja fé estava em perigo pela influência das crenças de seus vizinhos pagãos, não é surpreendente que grande parte da lei hebraica tratasse de crimes cometidos contra Deus. A proibição de adorar ídolos é declarada e repetida na Torá, ou Pentateuco (os primeiros cinco livros da Bíblia): "Não faça imagens de nenhuma coisa que há lá em cima no céu, ou aqui embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não se ajoelhe diante de ídolos, nem os adore" ([Êx 20.4-5](#), NTLH). O sacrifício de crianças, praticado em algumas religiões pagãs, era especificamente proibido em Israel. A pena para esse crime, assim como para outras formas de assassinato, era o apedrejamento até a morte ([Lv 20.2](#)).

No livro de Levítico, a morte por apedrejamento foi registrada como a punição apropriada para blasfemar o nome de Deus ([Lv 24.11-16](#)). A falsa profecia também era uma ofensa criminal; essa acusação poderia se aplicar a uma pessoa que fizesse uma previsão em nome de um deus diferente do Senhor, ou que implicasse falsamente que sua profecia resultou de uma comunicação com Deus. Jeremias, cuja profecia da vitória de Nabucodonosor sobre o reino do sul de Judá foi por um tempo considerada falsa, quase foi linchado por uma multidão ([Jr 26.8-9](#)).

A ideia de manter o sétimo dia santo surgiu da celebração do trabalho de Deus na criação do universo em seis dias e descanso no sétimo. Guardar o sábado exigia a cessação do trabalho manual para toda a família, incluindo os animais de fazenda ([Êx 16.23](#); [20.8-11](#)). As pessoas também eram obrigadas a se reunir no sábado para adoração, o que em um período posterior na história hebraica incluía a leitura das Escrituras, oração e pregação. Qualquer pessoa que quebrasse o sábado poderia ser condenada à morte, como aconteceu com um homem pego recolhendo lenha no sábado ([Nm 15.32-36](#)).

Qualquer tipo de crime premeditado era considerado uma ofensa contra Deus, o doador de toda a lei; portanto, era punível com a morte ([Nm 15.30-31](#)). A lei hebraica também insistia na doação das primícias da colheita ao Senhor sem

demora. Esse requisito às vezes era estendido para incluir um primeiro filho, cuja vida era dedicada ao serviço no templo ([Êx 22.29-30](#); [Dt 15.19](#)).

Lesão corporal

O assassinato, uma ofensa contra a “imagem de Deus”, era um dos muitos crimes puníveis com a morte nos tempos do Antigo Testamento. O livro de Êxodo afirmava claramente que “Deverá ser morto todo aquele que ferir uma pessoa de modo que ela morra” ([Êx 21.12](#), NTLH). Um assassino que matasse usando uma arma como uma pedra, um pedaço de madeira ou ferro poderia ser morto em vingança por um parente do falecido. Se a morte original ocorresse acidentalmente, a comunidade às vezes ajudava a esconder o assassino e o encorajava a se refugiar em uma cidade de refúgio próxima, onde estaria seguro enquanto permanecesse dentro de seus portões. Ele tinha que ficar nesse santuário até a morte do sumo sacerdote então em exercício, após o que estava livre para retornar à sua própria cidade ([Nm 35.10-28](#)). O sexto mandamento ordenava: “Não matarás” ([Êx 20.13](#)). A palavra hebraica referia-se especificamente a assassinato, não a todas as formas de matar. Matar um inimigo em batalha e a execução de um assassino eram considerados necessários e não eram proibidos. Mais de uma testemunha era necessária para qualquer condenação, particularmente em um caso de assassinato ([Nm 35.30](#); [Dt 17.6](#); [19.15](#)).

No Código de Hamurábi, um homem que causasse um ferimento acidental em outro era obrigado a pagar pelos serviços do médico. Se a vítima morresse, uma multa era paga de acordo com o status da vítima. De certa forma, os hebreus foram além, exigindo pagamento por qualquer perda de tempo sofrida pela pessoa ferida ([Êx 21.18,19](#)).

O sequestro era punível com a morte no AT. Êxodo afirma que “Quem levar à força uma pessoa para vendê-la ou para ficar com ela como escrava será morto.” ([Êx 21.16](#), NTLH). O fato de José ter sido vendido como escravo por seus irmãos ilustra esse tipo de sequestro.

Leis sobre propriedade

O livro de Êxodo é bastante específico sobre qualquer pessoa responsável por danos à propriedade ou às colheitas de outra pessoa. Se um campo pegasse fogo e o fogo se espalhasse, danificando colheitas em outros campos, a pessoa que iniciou o fogo, ou talvez o proprietário do primeiro campo a pegar fogo, era responsável

pelos danos ([Êx 22.6](#)). O código de Hamurabi citava uma instância semelhante de um homem que negligenciou a manutenção de um dique e, portanto, foi responsável pelos danos causados pelas inundações às colheitas de seu vizinho.

Lesões em animais, especialmente bois, ou lesões a pessoas ou propriedades causadas por tais animais formavam uma área importante da lei hebraica. Se um boi que anteriormente tinha um temperamento bom matasse um homem, o dono seria inocente, embora o boi fosse condenado à morte — uma penalidade financeira severa para o dono. Se um boi com histórico de chifradas matasse um homem porque seu dono não conseguiu contê-lo adequadamente, tanto o boi quanto o dono seriam condenados à morte. A vida do dono poderia ser resgatada mediante o pagamento de uma quantia acordada. Se a pessoa que o boi chifrou fosse um servo, o boi era apedrejado e o dono pagava uma multa ([Êx 21.28-32](#)). O Código de Hamurabi também não recomendava punição para a primeira ofensa de um animal, mas se o dono soubesse que o boi era perigoso e não tivesse tomado medidas para evitar danos, uma multa em prata era paga — uma multa muito grande para uma vítima de classe alta, um pouco menos se a vítima fosse um escravo. Por piores que fossem as circunstâncias e por mais feroz que fosse o boi, o Código de Hamurabi limitava-se a uma multa pela ofensa, nunca impondo a pena de morte ao animal ou ao dono.

A negligência que causava ferimento a um animal também era punida na lei hebraica. Se um boi ou um jumento caísse em uma cova deixada descoberta por descuido, o dono do animal era reembolsado pela perda ([Êx 21.33-36](#)).

Nas culturas antigas, as mulheres eram geralmente consideradas bens móveis (propriedade pessoal), muito semelhantes a animais ou escravos. Uma filha era vista como propriedade de seu pai até o casamento, e então como propriedade de seu marido. Portanto, qualquer ofensa contra uma mulher casada era vista como uma ofensa contra a propriedade do marido. De acordo com o Código de Hamurabi, uma criança podia ser vendida como escrava ou serva, geralmente como pagamento da dívida do pai (cf. [Êx 21.2-7](#); [Ne 5.5-8](#); [Is 50.1](#)). A autoridade parental era tão altamente valorizada na lei bíblica que um filho teimoso e rebelde podia ser levado perante os anciãos sob a acusação de ser desobediente e glutão ou bêbado. Ele poderia então ser condenado e apedrejado até a morte no local pelos homens da cidade ([Dt 21.18-21](#)). Mesmo isso, no entanto, era uma proteção dos direitos da

criança; algumas legislações do Oriente Próximo permitiam que um pai ordenasse a morte de seu filho sem referência aos anciãos ou a qualquer outra pessoa. Com as filhas, em particular, sendo mantidas em tão baixa consideração, é talvez notável que uma filha pudesse herdar propriedade se não houvesse filhos ([Nm 27.8](#)).

O adultério, proibido no Decálogo, era outro crime contra a propriedade de um homem, especificamente sua esposa. O livro de Deuteronômio detalha consideravelmente os casos de adultério — a punição para ambas as pessoas era a morte ([Dt 22.22](#)). Se um homem seduzisse uma jovem que não estava prometida, ele era obrigado a pagar ao pai dela o preço da noiva (50 siclos de prata); ele não podia se divorciar dela, mas tinha que mantê-la como sua esposa pelo resto da vida ([Êx 22.16](#); [Dt 22.28,29](#)).

Em uma situação em que uma esposa era acusada de adultério, mas sem evidências, um julgamento era conduzido. O marido levava sua esposa a um sacerdote e apresentava uma pequena oferta (um décimo de uma medida de farinha de cevada, sem óleo nem incenso sobre ela), indicando o baixo apreço que agora tinha por sua esposa. A mulher então ficava diante do Senhor segurando um jarro de barro com “Água Benta.” Poeira do chão do tabernáculo era misturada com a água, e a oferta de cereais era colocada em suas mãos. Seu cabelo era solto pelo sacerdote para mostrar não apenas sua tristeza, mas também para dar uma impressão de abandono. Ela então era obrigada a fazer um juramento. Depois disso, o sacerdote pronunciava uma maldição sobre ela no sentido de que seu ventre seria facilmente fertilizado, mas que ela teria muitos abortos. Ela tinha que dar seu consentimento a esse pronunciamento. O sacerdote então escrevia as maldições em um livro e simbolicamente as lavava na “água amarga.” A mulher era obrigada a beber a água enquanto o sacerdote agitava a oferta de cereais de suas mãos diante do Senhor e queimava parte dela no altar. O sacerdote dizia a ela que, se fosse culpada, a água faria sua coxa apodrecer e seu abdômen inchar. Se isso acontecesse, ela se tornaria uma pária; mas se fosse provada inocente, estaria livre. Qualquer que fosse o resultado, nenhuma culpa por acusação falsa recaía sobre o marido ([Nm 5.12–31](#)).

Se um escravo fosse golpeado por seu mestre de tal maneira que causasse morte instantânea, a morte do escravo tinha que ser vingada. Se o escravo sobrevivesse, possivelmente por dias, ele não precisava ser vingado, pois sua perda já era uma

punição suficiente para o proprietário ([Êx 21.20,21](#)). É improvável que os hebreus tivessem muita experiência com essa lei, que não tinha paralelos no código de Hamurabi. Se um proprietário ferisse seu escravo causando a perda de um olho ou de um dente, a lei hebraica exigia que o escravo fosse libertado (vv. [26.27](#)). O Código de Hamurabi dava um exemplo de um homem ferindo o escravo de outro homem; o proprietário tinha que ser pago com metade do valor do escravo.

Pouca ênfase foi dada ao furto ou roubo no código de leis hebraico. Presumia-se que um ladrão estava arrependido e pronto para fazer restituição. Após a devolução da propriedade roubada e o pagamento de uma pequena multa adicional, um ladrão poderia novamente “aproximar-se do Senhor” ([Lv 6.2–7](#)). Em contraste, o Código de Hamurabi prescrevia a pena de morte para furto. Na lei hebraica, o roubo de um animal exigia que a restituição fosse feita na proporção de pelo menos dois para um; se um touro ou uma vaca tivesse sido roubado ou vendido, o ladrão tinha que restituir a propriedade cinco vezes. O Código de Hamurabi continha um estatuto semelhante: “Se um homem roubar boi ou ovelha, asno ou porco, ou cabra—se for de um deus ou de um palácio, ele deverá restituir trinta vezes; se for de um homem livre, ele deverá restituir dez vezes. Se o ladrão não tiver com o que pagar, ele será condenado à morte.” Na lei hebraica, bens roubados de uma casa deveriam simplesmente ser devolvidos sem penalidade adicional. Se o ladrão não tivesse mais os bens e não pudesse pagar o valor equivalente, ele poderia ser vendido como escravo até que a restituição fosse feita ([Êx 22.1–4](#)).

Leis gerais

O código hebraico, conforme contido em Êxodo e Deuteronômio, incluía muitas proibições gerais. Algumas diziam respeito a transações comerciais, como a remoção de marcos de fronteira ([Dt 19.14](#)). O uso de pesos e medidas falsos era condenado ([Lv 19.35](#); [Dt 25.15](#); [Pv 11.1](#); [20.23](#); [Mq 6.11](#)). O suborno era estritamente proibido ([Êx 23.8](#)), mas nenhuma punição era especificada para aqueles que quebrassem essa lei. No Código de Hamurabi, se um juiz mudasse sua decisão e não conseguisse dar uma explicação satisfatória, especialmente se houvesse suspeita de suborno, o juiz tinha que pagar 12 vezes o valor da penalidade e perdia seu assento no tribunal. No código hebraico, o perjúrio também era tratado, embora novamente nenhuma punição fosse especificada. O Código de Hamurabi afirmava que, para perjúrio em casos onde a

punição era a morte, as pessoas que dessem falso testemunho deveriam ser sentenciadas à morte (cf. [Êx 23.1](#)).

Várias leis hebraicas refletiam a preocupação com os pobres. E.g., pessoas pobres não deveriam ser submetidas à usura se estivessem em dívida, nem deixadas com frio à noite se seus casacos fossem tomados como penhor. Viúvas, órfãos e estrangeiros também deveriam ser tratados com misericórdia e compreensão ([Êx 22.21-27](#); [23.9](#); [Dt 23.19](#); [24.17](#)).

Algumas leis hebraicas diziam respeito ao comportamento familiar, como aquelas mencionadas anteriormente que amaldiçoavam ou desobedeciam seus pais ([Êx 21.17](#); [Lv 20.9](#); [Dt 27.16](#); cf. [Pv 20.20](#); [30.17](#)). As responsabilidades familiares eram rigorosas; uma família inteira frequentemente sofria punição pelo crime de um de seus membros individuais ([Js 7.20-26](#); [2Sm 3.29](#); [21.1-9](#); [2Rs 5.27](#); [Lm 5.7](#)). Com o passar do tempo, à medida que a responsabilidade individual passou a ser reconhecida, os pais não eram mais condenados à morte pelos crimes de seus filhos, ou vice-versa (cf. [Jr 31.29,30](#)).

Feitiçaria e bruxaria eram proibidas. O livro de Êxodo declarava explicitamente: “Mate toda mulher que fizer feitiçaria” ([22.18](#), NTLH). Perversões sexuais, como relações com animais, eram proibidas sob pena de morte. Regulamentos proibindo o casamento com parentes próximos eram dados em detalhe ([Lv 20.17-21](#)).

Na lei hebraica, não havia paralelo para alguns itens interessantes no Código de Hamurábi referentes à cirurgia. Esse código mencionava cirurgia veterinária e até operações no olho humano. Um cirurgião babilônico precisava ser cauteloso, pois “se um médico fizesse uma incisão profunda em um homem com seu bisturi de bronze e causasse a morte do homem ou operasse na cavidade ocular de um homem com seu bisturi de bronze e destruísse o olho do homem, então cortariam sua mão.” A cirurgia era praticamente desconhecida entre os antigos israelitas, exceto pela prática ritual da circuncisão.

Punição

As punições no Oriente Próximo para assassinato e lesão corporal eram retaliatórias e frequentemente da mesma natureza que a ofensa. Outros métodos de punição tendiam a variar conforme os países ou tradições individuais. Muitos tipos de punição eram aplicados a pessoas derrotadas tanto em uma

guerra em grande escala quanto em uma pequena insurreição.

Punição física

Muitas formas de punição não chegavam a causar a morte, mas ainda assim podiam ser bastante severas.

1. No Antigo Testamento, bater com varas ou chicotes era a forma tradicional de disciplina para crianças, tolos e escravos ([Êx 21.20](#); [Pv 13.24](#); [26.3](#)). A flagelação (também chamada de açoite) era mais severa do que a surra. O chicote utilizado poderia ser feito de várias tiras de couro presas em uma extremidade ou de duas tiras de couro entrelaçadas. Um chicote apelidado de “escorpião” (por causa dos espinhos na sua extremidade) era um dos instrumentos de punição mais cruéis mencionados no Antigo Testamento ([1Rs 12.11,14](#)). A severidade da punição poderia ser aumentada inserindo pedaços de metal ou osso no couro.

Antes de um açoitamento, a vítima era examinada para verificar sua aptidão física. Se a morte resultasse dos golpes, nenhuma culpa era atribuída à pessoa que aplicava o castigo. A vítima era despida até a cintura e amarrada a um pilar, com as mãos atadas com tiras de couro. A severidade de um açoitamento dependia do crime, embora a lei mosaica estabelecesse um limite máximo de 40 chicotadas ([Dt 25.1-3](#)). Para evitar um erro na contagem, esse número foi posteriormente reduzido em um ([2Co 11.24](#)). As chicotadas podiam ser aplicadas tanto no peito quanto nas costas. Sob alguns códigos legais, o açoitamento poderia ser usado como punição privada; nesse caso, se a vítima morresse, outra vida era perdida.

Em casos de infrações à lei, as autoridades da sinagoga aplicavam açoites ([Mt 10.17](#)). Um marido poderia ser açoitado pelos anciãos da cidade por difamar o caráter de sua esposa ([Dt 22.18](#)). A flagelação também era usada como método para interrogar um prisioneiro — daí o comentário de um capitão romano de que o apóstolo Paulo deveria ser “examinado por meio de açoites” ([At 22.24](#)).

Os romanos geralmente reservavam a flagelação para não-cidadãos romanos, como escravos ou estrangeiros, bem como para aqueles condenados à morte. Normalmente, os criminosos eram flagelados após serem condenados à morte; portanto, é incomum encontrar a flagelação de Jesus ocorrendo antes de sua condenação. Pilatos

pode ter esperado amolecer os corações do povo pelo sofrimento de Jesus para que não exigissem a pena de morte ([Lc 23.16.22](#); [Jó 19.1](#)).

Cidadãos do Império Romano nunca poderiam ser espancados ou açoitados antes da sentença ([At 22.25](#)). Por isso, os magistrados ficaram com medo quando souberam que Paulo, um cidadão romano, havia sido espancado nessas circunstâncias ([16.37-39](#)).

2. A perfuração dos olhos de prisioneiros e cativos era uma prática comum no Oriente Próximo. Os filisteus cegaram Sansão antes de aprisioná-lo ([Jz 16.21](#)). Os babilônios fizeram o mesmo com o rei Zedequias em 587 a.C. antes de levá-lo para o cativeiro ([2Rs 25.7](#)). O rei amonita Naás estava disposto a aceitar propostas de paz dos homens da cidade de Jabes com a condição de que todos tivessem seus olhos direitos perfurados. O objetivo de Naás era desonrá-los e impedi-los de participar ativamente em guerras ([1Sm 11.1-4](#)).

3. Várias formas de mutilação serviam como punições no Oriente Próximo. Os israelitas consideravam seus próprios corpos sagrados e feitos à imagem de Deus, mas isso não os impediu de mutilar seus inimigos cortando seus polegares e dedões dos pés.

O Código de Hamurábi e o código de leis assírio prescreviam a mutilação do olho, nariz, orelha, seio, língua, lábio, mão e dedo como punições para crimes específicos. Na Assíria, a punição era frequentemente aplicada pela vítima do crime sob a supervisão de oficiais do tribunal. O Código de Hamurábi também continha salvaguardas para que os criminosos não fossem punidos além da sentença da lei.

4. As cepas são mencionadas como uma forma de punição no período posterior do Antigo Testamento. Os profetas Hanani ([2Cr 16.10](#)) e Jeremias ([Jr 20.2.3](#)) sofreram a indignidade de serem colocados em cepas. Ambos os tornozelos, e às vezes os pulsos e a cabeça também, eram colocados em buracos em duas grandes peças de madeira. Nos tempos romanos, as cepas foram convertidas em uma forma de tortura, com as pernas de um prisioneiro esticadas para buracos cada vez mais distantes. No Novo Testamento, Paulo e Silas tiveram seus pés colocados em cepas por um carcereiro filipense ([At 16.24](#)). A mesma palavra grega, que significa "confinamento", pode se referir a grilhões que acorrentam um prisioneiro ou a um colar de ferro como o usado por escravos romanos fugitivos.

Pena de morte

A pena capital era comum em muitos países do Oriente Próximo, e vários métodos eram utilizados.

1. Aqueles que ofendiam um rei eram decapitados com uma espada ([2Sm 16.9](#); [2Rs 6.31.32](#)), assim como os idólatras e assassinos (de acordo com a Mishná, o comentário judaico sobre a lei). A espada provavelmente era usada também para execuções privadas. Habitantes de cidades inteiras às vezes eram "passados ao fio da espada" por sua negação da fé ([Êx 32.27](#); [Dt 13.15](#)).

2. Certos delitos sexuais eram punidos com morte por queima ([Lv 20.14](#); [21.9](#)). Tamar, nora de Judá, foi acusada de adultério e condenada a ser queimada até a morte fora da cidade ([Gn 38.24](#)). O Senhor instruiu que qualquer pessoa cujos pés tocassem o solo sagrado do Monte Sinai deveria ser atingida por flechas ou apedrejada ([Êx 19.13](#)).

3. O enforcamento pode ter sido uma forma de execução nos tempos bíblicos. No entanto, muitos estudiosos acreditam que a palavra traduzida como "enforcamento" ou "enforcamento em uma árvore" na verdade significava empalamento ([Nm 25.4](#); [Dt 21.22.23](#); [Js 8.29](#); [2Sm 21.6.9](#); [Et 9.14](#)). Uma estaca de madeira pontiaguda era colocada no chão e o corpo da vítima era forçado sobre a estaca, cuja ponta provavelmente saía do peito ou da boca. Comumente praticada pelos assírios, essa forma de execução era reservada para aqueles culpados dos piores crimes e para prisioneiros de guerra ou desertores. O rei persa Dario é conhecido por ter empalado 3.000 homens quando seu exército entrou em Babilônia. O empalamento foi a penalidade que Dario estabeleceu para quem alterasse seu decreto sobre a reconstrução do templo ([Ed 6.11.12](#)). Não é certo se Hamã foi enforcado ou empalado (veja [Et 7.9.10](#), notas NTLH).

Normalmente, o "enforcamento" era um meio de exibir um cadáver como um aviso para os habitantes locais ([Gn 40.19](#); [Js 8.29](#); [10.26](#); [2Sm 4.12](#)). Os cadáveres eram exibidos por apenas um dia e enterrados antes do anoitecer. O cadáver enforcado era considerado uma contaminação da terra que Deus havia dado ([Dt 21.22.23](#)). De acordo com a Mishná, as mãos eram amarradas juntas e o corpo pendurado no braço de uma forca de madeira.

4. A crucificação foi uma punição empregada pelo rei sírio Antíoco IV Epifânio em 167-166 a.C.; segundo Josefo, um historiador judeu do primeiro século d.C., judeus que se recusavam a abandonar

sua fé tradicional eram executados dessa forma. Durante o período dos Macabeus (167–40 a.C.), Alexandre Janeu crucificou 800 fariseus rebeldes na tentativa de restabelecer sua autoridade. A crucificação era uma forma de execução amplamente difundida: era usada na maioria dos lugares do Império Romano, incluindo Índia, Norte da África e Alemanha. Entre 4 a.C. e 70 d.C., em algumas ocasiões, o número de pessoas crucificadas de uma só vez chegava a milhares.

Três tipos de cruzeis parecem ter sido usados: uma cruz com a barra transversal abaixo da cabeça da barra vertical (cruz latina); uma cruz em forma de T (cruz de Santo Antônio); e uma cruz em forma de X (cruz de Santo André). Mateus registra que uma inscrição, "Este é Jesus, o Rei dos Judeus", foi colocada sobre a cabeça de Jesus ([Mt 27.37](#)). Isso indica que para a crucificação de Jesus foi usada uma cruz latina, como os artistas tradicionalmente a retrataram. Nas crucificações, a vítima provavelmente era afixada à cruz enquanto ela ainda estava deitada no chão. Em seguida, a cruz era levantada e colocada em posição, sendo deixada cair em um buraco. As mãos eram pregadas ou amarradas à cruz; não se sabe ao certo se os pés eram pregados com um ou dois pregos. O peso do corpo era sustentado por um pedaço de madeira nos pés e possivelmente por outro que era como um espigão entre as pernas.

5. O apedrejamento era a pena de morte hebraica mais comum. As primeiras pedras eram lançadas pelas testemunhas de acusação, que eram então acompanhadas pelos espectadores. O apedrejamento era a punição para certos delitos religiosos ([Lv 24.16](#); [Nm 15.32-36](#); [Dt 13.1-10](#); [17.2-5](#)), adultério ([Dt 22.23,24](#)), sacrifício de crianças ([Lv 20.2](#)), adivinhação de espíritos ([Lv 20.27](#)) e rebelião ([Dt 21.18-21](#)). Antes de sua conversão, o apóstolo Paulo testemunhou e consentiu no apedrejamento de Estevão ([At 7.58-59](#)). O próprio Paulo mais tarde sobreviveu a um apedrejamento em Listra ([14.19](#)). Nos tempos romanos, ocasionalmente uma pessoa era apedrejada enquanto estava em um patíbulo.

Conclusão

A lei hebraica fazia parte da Torá ("instrução") dada por Deus para tornar seu povo aliado santo. Naquela época, os israelitas eram um grupo seminômade de ex-escravos. Embora existam semelhanças com o Código de Hamurabi e outras leis de culturas estabelecidas do Oriente Próximo, também há muitas diferenças. A lei hebraica

frequentemente tinha uma visão mais ampla, mesmo em seu ambiente cultural menos sofisticado, como se seu propósito fosse mais ensinar comportamento piedoso do que estabilizar a sociedade. A simplicidade e a objetividade dos dez mandamentos, em particular, continuam a influenciar a jurisprudência, mesmo na sociedade secular moderna.

A mensagem principal da Bíblia é o amor de Deus por seu povo da aliança, mas nunca ignora as duras realidades da vida em um mundo caído. Os seres humanos pecam e cometem crimes; eles sofrem afastamento de Deus por causa de seus pecados e são punidos por seus crimes. Os cristãos são constantemente lembrados do realismo do amor de Deus pela cruz como símbolo da fé cristã. Eles veem a crucificação de Jesus Cristo como o cumprimento da profecia do AT de que o Senhor colocou sobre ele a nossa iniquidade ([Is 53.5,6](#)). A convicção do NT é que Cristo morreu por nossos pecados de acordo com as Escrituras ([1Co 15.3](#)).

Veja também Direito civil e justiça; Tribunais e julgamentos; Código de leis de Hamurabi; Conceito bíblico de lei.

Disã

Chefe na terra de Seir, uma área montanhosa a sudoeste do Mar Morto. O pai de Disã era Seir, o horita ([Gn 36.21](#); [1Cr 1.38](#)). Os horitas foram expulsos de seu território pelos edomitas ([Dt 2.12](#)). Referências posteriores no AT frequentemente usam Seir e Edom como sinônimos.

Discernimento de espíritos

Veja Dons Espirituais.

Disciplina

Aprendizado que molda o caráter e reforça o comportamento correto — derivada de uma palavra latina que significa "instrução" ou "treinamento". Disciplinar uma pessoa ou um grupo significa colocá-los em um estado de boa ordem para que funcionem da maneira pretendida. Disciplina, apesar de um equívoco popular, não é inerentemente severa ou dura. Tradutores da Bíblia escolheram "discípulo" como um termo apropriado para aquele que aprende seguindo.

Resumo:

- Ensino bíblico
- Autodisciplina
- Disciplina parental
- Disciplina da igreja

Ensino bíblico

A palavra “disciplina”, em várias formas de substantivo e verbo, ocorre frequentemente em versões modernas da Bíblia. As palavras hebraicas e gregas comumente traduzidas como “disciplina” são às vezes traduzidas como “repreensão”, “advertência”, “restrição”, “correção”, ou “castigo”. Sinônimos mais positivos incluem “criação”, “treinamento”, “instrução”, e “educação”.

O uso de “disciplina” no AT é notavelmente mais negativo do que no NT, principalmente por causa do aspecto legal da abordagem de Deus a Israel sob a antiga aliança (Mosaica). A abordagem da “nova aliança” à igreja leva a uma linguagem mais positiva de disciplina no NT. No entanto, ambas as alianças tinham o mesmo objetivo: a justiça. Considerado sob essa luz, mesmo a ênfase do AT no castigo procede de um motivo positivo em direção a um objetivo construtivo. Onde o AT enfatizava a retaliação, era para ensinar aos infratores a natureza de sua ofensa, mostrando-lhes um efeito semelhante ao que haviam causado. A vindicação dos direitos de uma pessoa injustiçada também vindicava a justiça de Deus. A vindicação era uma maneira importante de sustentar a justiça de Deus. A retribuição também era importante. A quebra da aliança trazia a maldição da aliança (Dt 27.26) na forma de disciplina punitiva. A retribuição restabelecia a autoridade da lei de Deus e ensinava o respeito por seus padrões de justiça.

Complementar à disciplina punitiva, a disciplina positiva pode ser considerada como disciplina de reforço. Deus sempre disciplina; ele o faz de forma punitiva quando necessário, mas de forma reforçadora quando possível.

A disciplina é frequentemente mencionada como sendo exercida por Deus sobre Israel (Lv 26.23; Dt 4.36; 8.5; Jr 31.18), sobre as nações (Sl 94.10), ou sobre indivíduos (Jó 5.17; Sl 94.10.12; Hb 12.5-11; Ap 3.19). Em Israel, a responsabilidade parental de disciplinar os filhos era levada a sério (Dt 21.18). Os pais eram solenemente encarregados de disciplinar seus filhos (Pv 13.24; 19.18; 22.15; 23.13; 29.17; cf. Ef 6.4; Hb 12.7-10). Na igreja,

disciplinar era uma responsabilidade pastoral (2Tm 2.25).

É compreensível que as pessoas temam a disciplina de Deus (Sl 6.1), mas é a sua ira que deve ser temida. Sua ira é dirigida apenas contra aqueles que, por suas ações, se provaram inimigos de Deus (Dt 11.2-3). A disciplina de Deus é diferente de sua ira e não deve ser desprezada (Pv 3.11) ou subestimada (Hb 12.5). Somente um tolo ou uma pessoa má a odeia (Sl 50.17; Pv 5.12; Jr 31.18). Deus disciplina seu povo como um pai amoroso disciplina um filho amado (Dt 8.5; Pv 3.11-12; Hb 12.5-7). Segundo as Escrituras, uma pessoa sábia deve amar a disciplina (Pv 12.1; 13.24; 2Tm 1.7; Hb 12.5.9).

O fruto da disciplina é o conhecimento (Pv 12.1) e o deleite dos pais (29.17). Quem é disciplinado pode ser chamado de “abençoado” (Jó 5.17; Sl 94.12). Onde o propósito da disciplina não é especificado, a disciplina é, no entanto, entendida como boa e justa (Dt 4.36; Jó 36.10; Pv 13.24; Ap 3.19). Especificamente, a disciplina é chamada de “o caminho da vida” (Pv 6.23). Ela salva da destruição (19.18) e permite escapar tanto da insensatez (22.15) quanto da condenação de Deus sobre o mundo (1Co 11.32). Eventualmente, leva a compartilhar da santidade de Deus (Hb 12.7), e produz o fruto pacífico da justiça (12.11). Em contraste, as consequências da falta de disciplina são estipuladas como abandono por Deus (Lv 26.23-24), morte (Pv 5.23) e destruição (19.18).

O livro de Provérbios fala da disciplina como necessária para evitar a imoralidade sexual (5.12-23; 6.23-24). Mulheres soltas ou perversas provavelmente simbolizam muitos tipos de situações enganosas e sedutoras. Para agir de forma madura e responsável em tais situações, é necessário que os jovens respondam à disciplina sábia e amorosa dos pais, para que aprendam a viver vidas disciplinadas. Eles então farão por “inclinação natural” o que é certo, porque sua natureza foi moldada para o que é correto. O mal pode então ser evitado, mesmo quando encontrado inesperadamente.

O livro de Hebreus também exorta seus leitores a responder à disciplina em vez de reagir contra ela. Em Hebreus, duas reações prejudiciais são estipuladas e a resposta útil é identificada. Por um lado, nenhum indivíduo deve considerar levemente a disciplina do Senhor (Hb 12.5). A disciplina não deve ser considerada nem sem valor nem de pouco valor. Por outro lado, não se deve perder a coragem quando é punido pelo Senhor. Ou

seja, a preocupação com o aspecto negativo do procedimento disciplinar não deve obscurecer seu objetivo ou desmoralizar as pessoas que estão sendo disciplinadas. Há um propósito para o que acontece, que deve ser buscado e realizado: “Quando somos corrigidos, isso no momento nos parece motivo de tristeza e não de alegria. Porém, mais tarde, os que foram corrigidos recebem como recompensa uma vida correta e de paz” ([Hb 12.11](#), NTLH). A exortação é não rejeitar a disciplina ou ficar desanimado por ela, mas aceitá-la e ser instruído por ela.

Autodisciplina

A ética de justiça de Jesus tanto cumpre quanto supera o rigoroso código da antiga aliança ([Mt 5.17-48](#)). No entanto, os cristãos não são, portanto, inerentemente mais legalistas do que eram os fariseus. Libertados da “lei do pecado e da morte”, os cristãos têm “a lei do Espírito de vida em Jesus Cristo” ([Rm 8.1-8](#)) para fornecer uma dinâmica interna para cumprir a vontade de Deus. Além da obediência servil à letra da lei, os crentes são capacitados pelo Espírito de Deus que habita neles a exercer autodisciplina. A transformação espiritual é acompanhada pela renovação da mente ([Rm 12.2](#)), que traz uma nova compreensão de si mesmo, de suas motivações e de suas atitudes.

Disciplina parental

A família constitui a unidade básica da comunidade humana. Dentro dessa célula de relacionamentos íntimos, os pais são encarregados da responsabilidade de guiar e corrigir seus filhos ([Dt 6.7](#); [Pv 22.6](#)). A visão bíblica é essencialmente pessimista quanto à possibilidade de perfeição (ou melhoria) da natureza humana. Portanto, os pais são instados a não deixar as crianças à mercê de suas próprias tendências naturais. Crianças indisciplinadas são potenciais vítimas do poderoso condicionamento exercido por uma cultura predominantemente pagã. Para exercer suas responsabilidades adequadamente, os pais devem modelar valores, práticas e atitudes para seus filhos, além de ensiná-los por meio de instrução e correção.

A tarefa educacional dos pais é melhor realizada por meios positivos, como conselhos, exortações, orientações, devoções familiares e treinamento cristão na igreja e na escola dominical. Mas também pode exigir medidas negativas, como proibições e ações disciplinares. Quando as advertências verbais não são atendidas por crianças pequenas, a

punição torna-se uma forma eficaz de persuasão ([Pv 13.24](#)). A disciplina física, no entanto, deve ser administrada com base em princípios claramente declarados e compreendidos. Os pais cristãos devem evitar punir por raiva ou animosidade pessoal e nunca devem causar lesões a uma criança. A disciplina física deve ser vista como um último recurso destinado a obter resultados educacionais máximos com o mínimo de indignação para as crianças ([Ef 6.4](#)).

A queda humana ([Gn 3](#)) significa que o egocentrismo infecta até mesmo as crianças (cf. [Sl 51.5](#)). De alguma forma, as crianças devem aprender a respeitar a si mesmas e aos outros. Deixadas por conta própria e depois abaladas por uma sociedade caída, elas podem se tornar rebeldes com desajustes sociais, deixando um rastro de sofrimento em suas próprias vidas e nas vidas de outras pessoas. O amor pelos filhos não exclui o uso de medidas disciplinares negativas. Por mais desagradáveis que possam parecer para pais e filhos, o amor genuíno pode exigí-las. Um ambiente familiar regulado por firmeza consistente e amorosa aumentará as chances de as crianças amadurecerem como indivíduos responsáveis e atenciosos.

Disciplina da igreja

A igreja é basicamente uma grande família da qual cada crente é membro. A natureza da igreja — como uma comunidade destinada a refletir na fé, adoração e vidas de seus membros o verdadeiro caráter de Deus — distingue-a de todos os outros grupos.

Ao mesmo tempo, a igreja é chamada a ser uma comunidade aberta de preocupação, alcançando com compaixão os seres humanos desesperadamente necessitados. Os estilos de vida cristãos claramente diferem dos estilos de vida pagãos. Essa diferença muitas vezes cria uma barreira isolando os “perdidos” das próprias pessoas que poderiam lhes estender a libertação de Deus da solidão, vícios, desorientação, relacionamentos rompidos, e assim por diante. A igreja tem a responsabilidade de não colocar obstáculos não bíblicos no caminho de seu alcance aos descrentes, mas a tensão entre abertura e pureza é difícil de resolver. Sem um equilíbrio cuidadoso, uma igreja pode facilmente se tornar excessivamente restritiva ou excessivamente permissiva. Em qualquer dos extremos, seu testemunho é prejudicado.

A solução para o dilema está em formular uma disciplina eclesial que seja autenticamente bíblica. As Escrituras fornecem à igreja ampla orientação para a formulação de padrões de conduta (por exemplo, [Êx 20.1-17](#); [1Co 5.11](#); [6.9-11](#); [Ef 4.25-32](#); [5.1-21](#); [Cl 3.5-11](#)). À medida que esses padrões são detalhados, no entanto, é necessário diferenciar entre absolutos bíblicos e normas culturais. Por exemplo, embora a embriaguez seja expressamente proibida no NT, não há proibição bíblica sobre o consumo de vinho. Algumas igrejas permitem o consumo, mas condenam a embriaguez, outras recomendam a abstinência aos seus membros, e outras ainda fazem da abstinência de bebidas alcoólicas uma condição para a membresia. O NT, reconhecendo que às vezes ocorrem conflitos entre a liberdade cristã e a responsabilidade cristã, oferece diretrizes para resolver tais conflitos ([1Co 8](#)).

Para o bem da consistência escritural e para ser crível, a disciplina da igreja deve se opor aos pecados de atitude com a mesma severidade que para os “pecados graves”. O NT condena a imoralidade, o assassinato e a embriaguez — mas junto com eles a inveja, o ciúme, a raiva, o egoísmo, a reclamação e a crítica. Cada um desses vícios (pecados) é um impedimento para entrar no reino de Deus ([Gl 5.19-21](#)). Frequentemente, descrentes sentem-se indesejados na igreja por questões secundárias, como fumar ou beber. No entanto, fofocas, reclamações e egoísmo entre os membros da igreja raramente são expostos e devidamente disciplinados. Uma posição mais consistente promoveria a pureza da igreja e também melhoraria seu ministério como um centro de amor cristão acolhedor e de apoio.

Além de afirmar a necessidade de disciplina dentro da igreja, o NT delineia um procedimento para realizar a ação disciplinar ([Mt 18.15-18](#); [1Co 5.3-13](#); [Gl 6.1](#)). Os infratores devem primeiro ser abordados e advertidos em particular. Se eles se recusarem a se arrepender ou corrigir seus caminhos, o caso deve ser apresentado à liderança da igreja e, se necessário, a toda a congregação. Se os infratores persistirem em seu erro, devem ser ostracizados, não por vingança, mas com a esperança de levá-los ao arrependimento e restauração ([2Ts 3.14-15](#)).

A ênfase da Bíblia na necessidade de autodisciplina, disciplina parental e disciplina da igreja parece ser destacada pelo declínio moral evidente em muitas áreas da sociedade moderna. O amor de Deus, conforme retratado na Bíblia e exemplificado em

Jesus Cristo, é destinado a ensinar todas as pessoas a viver. Aqueles que rejeitam o “reforço positivo” de Deus encontram os aspectos negativos de sua disciplina. Cristãos que se disciplinam, disciplinam seus filhos e uns aos outros de maneira amorosa honram Cristo e modelam seu modo de vida, ajudando assim os outros a entender os propósitos de Deus.

Discípulo

Alguém que segue outra pessoa ou outro modo de vida e que se submete à disciplina (ensino) desse líder ou caminho. Na Bíblia, o termo “discípulo” é encontrado quase exclusivamente nos Evangelhos e no livro de Atos, sendo as únicas exceções [Isaías 8.16](#) e menos diretamente [Isaías 50.4](#) e [54.13](#), onde a mesma palavra hebraica é traduzida como “aprendido” e “ensinado”, respectivamente. No entanto, claramente onde quer que haja um mestre e aqueles que são ensinados, a ideia de discípulo está presente.

Nos Evangelhos, os seguidores imediatos de Jesus, chamados por sua autoridade de uma ampla variedade de circunstâncias, não apenas os Doze, mas todos aqueles que eram simpatizantes de seu ensino e comprometidos com ele, são chamados de “discípulos”. O chamado desses discípulos ocorreu em um momento em que outros mestres tinham seus discípulos, mais notavelmente os fariseus ([Mc 2.18](#); [Lc 5.33](#)) e João Batista ([Mt 9.14](#)). É evidente, na prática de João Batista que diferentes líderes chamaram aos seus seguidores para ensinamentos diferentes. O caminho de João era consideravelmente mais ascético em caráter do que o de Jesus; no entanto, também envolvia não apenas o ensino sobre conduta e maneira de vida, mas também um padrão distinto de oração ([Lc 11.1](#)).

Os discípulos de Jesus tiveram uma experiência única. Não apenas se beneficiaram do ensino imediato de Jesus, de sua aparência e tons de voz ([Mc 10.21](#)), bem como de suas palavras, mas também foram testemunhas do desenrolar do drama da redenção que tinha Cristo como seu centro. Eles seguiram um mestre que incorporava a substância desse ensino. Os primeiros discípulos deveriam ser ensinados por Cristo aos poucos, não apenas por causa da necessidade de remover seus equívocos ([Mt 16.21](#)), mas também porque o significado completo do que Jesus disse e fez, não poderia ser tão plenamente compreendido até após os eventos de sua morte e ressurreição ([Mt 28.9](#)).

Não é surpreendente que o período de “disciplinado” abrangesse o tempo antes e depois da morte e ressurreição de Cristo, e também após o Pentecostes, quando o Espírito Santo ensinava aos discípulos sobre assuntos que eles não poderiam “suportar” enquanto Jesus permaneceu na terra ([Jo 16.12](#)).

Os grupos dos primeiros discípulos de Jesus, tanto os Doze quanto os Setenta ([Mt 26.20](#); [Lc 10.1](#)), receberam seu ensino, ensinaram os outros por sua vez ([Lc 10.1-11](#)) e receberam poder para curar ([Mt 10.1](#)). Eles também proclamaram a mensagem de salvação através de Cristo. No entanto, os Doze receberam proeminência especial, e com a exceção de Judas Iscariotes (cujo lugar foi ocupado por Matias, [Atos 1.26](#)), eles se tornaram os mestres fundamentais da igreja cristã primitiva. Sua autoridade na igreja, dada por Cristo ([Mt 16.19](#); [28.16-20](#)), deveria ser caracterizada por um estilo único de serviço de abnegação ([Lc 22.24-30](#)). A este grupo de discípulos, que foram reconhecidos como apóstolos (embora este termo seja dado ocasionalmente a uma aplicação mais ampla), Saulo de Tarso foi incluído. Em sua conversão na estrada para Damasco, ele viu o Senhor ressuscitado e foi imediatamente comissionado por Cristo ([Gl 1.12,16](#)) como o apóstolo dos gentios ([Atos 9.15](#)).

No momento de sua ascensão, Cristo comissionou os primeiros discípulos a “fazer discípulos de todas as nações” ([Mt 28.19](#)); portanto, o termo “discípulo” também é usado no livro de Atos para descrever os crentes, aqueles que confessam a Cristo. Embora eles não tenham sido diretamente chamados pelo próprio Cristo, tais discípulos são chamados pelo Espírito de Cristo através da mensagem transmitida pelos primeiros discípulos; discípulos chamados mais tarde não são, em nenhum sentido, inferiores aos primeiros discípulos, mesmo que sejam menos privilegiados. Era apropriado que os primeiros cristãos fossem chamados de discípulos de Jesus de Nazaré ou simplesmente “os discípulos” ([Atos 6.1-2.7](#); [9.36](#); [11.26](#)) porque eles estavam continuando o ensino de Jesus e vivendo a vida que ele havia exemplificado. Eles foram assim reconhecidos como uma “escola” ou comunidade viva que incorporava o ensino de seu “mestre”, na prática. O livro de 1 João enfatiza que apenas aqueles que guardam os mandamentos de Cristo demonstram amor real por Deus ([1Jo 2.3-6](#); [3.10-11](#)).

Discípulo amado

Designação de um discípulo, evidentemente o autor do Evangelho de João ([Jo 21.20-24](#)). Cinco passagens no Evangelho de João mencionam o discípulo a quem Jesus amava: (1) O discípulo a quem Jesus amava estava deitado perto do peito de Jesus durante a Última Ceia e foi chamado por Pedro para perguntar a Jesus quem seria o traidor ([13.21-26](#)). (2) O discípulo a quem Jesus amava estava perto da cruz, e Maria, a mãe de Jesus, foi entregue aos seus cuidados ([19.25-27](#)). (3) Maria Madalena foi até Pedro e ao discípulo a quem Jesus amava, informando que o corpo de Jesus estava desaparecido do túmulo ([20.2](#)). (4) O discípulo a quem Jesus amava estava em um barco de pesca com Pedro e os outros discípulos e reconheceu Jesus de pé na margem ([21.7](#)). (5) O discípulo a quem Jesus amava estava seguindo Jesus pela beira do lago, e o autor lembrou aos seus leitores que este era o mesmo discípulo mencionado na Última Ceia ([21.20-23](#); cf. [13.21-26](#)).

Porque a frase é encontrada apenas no Evangelho de João, poderia ser a maneira do autor se referir a si mesmo? Várias passagens fazem parecer muito provável.

Uma lista de nomes mencionados em [João 21.2](#) indica que os discípulos presentes na beira do lago eram Pedro, Tomé, Natanael, os filhos de Zebedeu (Tiago e João) e mais dois. Evidentemente, o discípulo amado era um dos filhos de Zebedeu ou então um dos dois discípulos não mencionados.

O discípulo amado era quase certamente um dos Doze, já que estava presente na Última Ceia e, evidentemente, apenas os 12 discípulos estavam lá com Jesus ([Mt 26.20](#); [Mc 14.17-20](#); [Lc 22.14, 30](#)). Isso elimina Lázaro e João Marcos, que às vezes foram sugeridos como possibilidades para o discípulo amado.

O discípulo amado parecia estar perto de Pedro ([Jo 13.23-24](#); [20.2](#); [21.7](#); veja também [Atos 3](#); [8.14](#); [Gl 2.9](#)). Mateus, Marcos e Lucas registram que Pedro, Tiago e João eram constantemente selecionados por Jesus para estar com ele. Como Pedro foi mencionado em conexão com o discípulo que Jesus amava, e como Tiago foi martirizado cedo ([Atos 12.2](#)), apenas João resta como uma possibilidade razoável - se, como geralmente se acredita, o Evangelho de João foi escrito muito depois da morte de Tiago.

Veja também João, o Apóstolo.

Disenteria

A disenteria é uma doença que causa diarreia (movimentos intestinais soltos e aquosos). É provocada por bactérias nocivas, protozoários (pequenos animais unicelulares chamados amebas) ou vermes que contaminam a comida ou a água. Quando uma pessoa tem disenteria, ela sente cólicas intestinais dolorosas e danos aos intestinos. Sangue e pus podem aparecer em suas fezes (movimento intestinal).

Na ilha de Malta, o apóstolo Paulo milagrosamente curou uma pessoa que tinha disenteria (a palavra grega é *dysenteria*, [At 28.8](#)). Como este versículo mostra, febre severa acompanha a disenteria aguda. Mesmo hoje, surtos dessa doença ainda afetam Malta.

Uma doença descrita no Antigo Testamento era provavelmente a disenteria amebiana. Nesse tipo, pedaços de tecido intestinal podem se desprender dia após dia ([2Cr 21.14-19](#)). Há também uma forma menos grave de disenteria que ocorre quando o corpo consegue, em grande parte, combater o organismo nocivo.

Veja também Medicina e Prática Médica.

Disom

1. Quinto filho de Seir e líder horita em Edom ([Gn 36.21](#); [1Cr 1.38](#)), cujo povo foi eventualmente deslocado pelos edomitas;

2. Neto de Seir e filho de Aná, um líder horita. Este Disom também era irmão de Aolibama, esposa de Esaú ([Gn 36.25](#); [1Cr 1.41](#)).

Dispersão dos judeus

Veja Diáspora dos Judeus.

Distribuição da terra

Após Israel conquistar Canaã, a terra foi dividida entre as doze tribos. No entanto, a divisão da terra não foi baseada no que cada tribo ganhou na batalha. Em vez disso, eles lutaram juntos e dividiram a terra conquistada por sorteio, uma forma de escolha aleatória.

Este método era semelhante a jogar uma moeda (para ver qual lado ficaria voltado para cima) ou

tirar palitos (onde os indivíduos escolhem de um conjunto de palitos ocultos, sendo que um deles é mais curto ou marcado).

Sorteios foram lançadas em outros momentos na Bíblia para determinar a vontade de Deus. Ao usar sorteios, as tribos evitavam discussões. Isso também mostrava que a terra pertencia a Deus, e Ele poderia dá-la a quem quisesse (veja [Pv 16.33](#)). O Senhor dá ordens para dividir a terra por sorteios em [Números 26.52-56](#) (veja também [Nm 34](#)). [Josué 13-19](#) descreve como a terra foi dividida em Siló.

A parte sul da Transjordânia (a terra a leste do Rio Jordão) foi dada a duas tribos e meia por Moisés em [Números 32](#). A oeste do Jordão, as nove tribos e meia restantes receberam lotes de terra por sorteio. No entanto, isso só aconteceu depois que seu líder fiel, Calebe, escolheu a região ao redor de Hebrom. As tribos receberam suas terras conforme suas localizações relativas.

23. Judá recebeu território no sul, incluindo as terras de Calebe, e se estendeu ao norte até Jerusalém.
24. Efraim e Manassés, os filhos do patriarca José, receberam grandes porções centrais da terra.
25. Benjamim recebeu a terra entre Judá e Efraim.
26. Simeão recebeu terras ao sul de Judá.
27. Zebulom, Issacar, Aser, Naftali e Dã receberam a terra ao norte de Manassés ([Js 19](#)).

Originalmente, Dã recebeu a terra a oeste de Judá. No entanto, os filisteus viviam na terra ao longo da costa. Assim, Dã migrou para o norte e renomeou a cidade capturada de Laquis em homenagem ao seu ancestral tribal, Dã (veja [Jz 18](#)). A partir de então, a expressão “de Dã a Berseba” passou a significar todo Israel.

Atribuir terras por sorteio pode parecer estranho, mas para os costumes daquela época, fazia sentido teológico. Acreditava-se que os governantes no antigo Oriente Próximo eram representantes de seus deuses. Eles possuíam as terras e distribuíam porções a quem desejassem. Após o êxodo, Israel era uma teocracia (Deus era seu rei). Nenhum humano tinha poder sobre Deus. Portanto, nenhum humano possuía a terra. Assim, Deus era o único que podia conceder-lhes suas terras.

Veja também Conquista e Distribuição da Terra; História de Israel; Livro de Josué; Cronologia da Bíblia (Antigo Testamento).

Dives

O nome tradicional do homem rico na parábola de Jesus sobre o mendigo Lázaro ([Lc 16.19-31](#)). Ele veio do termo latino *dives*, que traduz uma palavra grega para “rico” ou “abastado”. Embora a parábola não nomeie o homem rico, a igreja aceitou esse nome no terceiro século. Um escriba egípcio do segundo século deu-lhe o nome “*Neves*”, que significa “nada”.

Veja Lázaro #1.

Dívida

Algo devido a outra pessoa, como bens, propriedade ou dinheiro. Na Bíblia, a conduta justa é algo que se “deve” a Deus; portanto, na teologia, o pecado é descrito figurativamente como estar “em dívida”.

Na cultura hebraica, a dívida geralmente estava ligada à usura (o negócio de emprestar dinheiro a juros). Os verbos hebraicos que descrevem a usura retratam uma situação dolorosa. Uma palavra para usura significa “morder”, uma imagem vívida para a forma como os juros altos “consumiam” qualquer tipo de transação comercial, de modo que os devedores nunca recebiam o valor total do dinheiro. As pessoas podiam ser arruinadas financeiramente pela cobrança impiedosa de juros ([2Rs 4.1-7](#)). Outro verbo é geralmente traduzido como “juros” ou “lucro” ([Lv 25.37](#)), já que os credores lucravam com o trabalho dos outros. As taxas de juros do Antigo Oriente Próximo sobre produtos e mercadorias podiam ser de até 30 por cento do empréstimo por ano; sobre dinheiro, até 20 por cento. Tábuas de argila de Nuzi, uma antiga cidade no nordeste da Mesopotâmia, indicam taxas de juros de até 50 por cento.

A lei de Moisés

A aliança Mosaica dada a Israel logo após o Êxodo buscou eliminar práticas extorsivas da vida hebraica. Assim, a revelação de Deus continha muitas regras e restrições relacionadas a dívidas e crédito em Israel.

Proteção para os pobres

Partes das seções legislativas do Pentateuco (os primeiros cinco livros da Bíblia) regulavam a prática de empréstimos de uma forma que protegia os pobres e assegurava o direito de cada pessoa de ganhar a vida e sustentar uma família. Muitos provérbios hebraicos populares tratavam desse tema. O objetivo positivo das leis bíblicas era garantir ajuda para os financeiramente necessitados, sem juros. Nenhum lucro pessoal deveria ser obtido às custas dos pobres ([Êx 22.25](#); [Dt 23.19,20](#)); Deus era seu advogado especial. Assim, ao emprestar sem juros, os israelitas podiam demonstrar sua reverência por Deus ([Lv 25.35-37](#)).

Esse ponto foi reafirmado 40 anos depois, quando Moisés renovou a aliança com Israel pouco antes de sua entrada na Terra Prometida. Deus era o senhorio, e seus inquilinos deviam respeitar sua palavra. Deus prometeu aos israelitas que, se emprestassem para aliviar a miséria humana, seriam extraordinariamente abençoados pelo Senhor ([Dt 15.6](#); [23.19,20](#); [28.12](#)). Juros poderiam ser cobrados de um estrangeiro que não vivesse sob a lei mosaica, o que era uma condição paralela aos tratados comerciais prevalentes no antigo Oriente Próximo.

Na antiga Israel, a ruína financeira era frequentemente causada por colheitas ruins. Muitas vezes, isso era visto como um sinal de que a relação entre Deus e seu povo não estava correta ([Lv 26.14,20](#)). Esperava-se que os ricos ajudassem, em vez de adicionar mais fardos àqueles que sofriam com as colheitas ruins.

Violação da lei

A lei era violada com tanta frequência que, eventualmente, os juros exorbitantes se tornaram uma praga social, tornando a situação dos devedores desesperadora. Muitos dos homens de luta que se juntaram a Davi no início de sua carreira militar eram “fora da lei” incapazes de pagar seus empréstimos e juros ([1Sm 22.2](#)). O profeta Ezequiel chamou a atenção das pessoas por não observarem os mandamentos de Deus sobre a usura ([Ez 18.5-18](#); [22.12](#)). Quando Neemias voltou do exílio para reconstruir os muros de Jerusalém, ele apresentou acusações contra os oficiais do governo cujas taxas de juros haviam escravizado o povo ([Ne 5.6-13](#)).

A Literatura de Sabedoria, que incluía Jó, Provérbios e Eclesiastes, afirmava que aqueles que adquiriam riquezas por usura não teriam lucro a

longo prazo, pois Deus daria seus lucros a outros que cuidassem do bem-estar dos pobres (e.g., [Pv 28.8](#)). O profeta Amós deu um aviso semelhante aos comerciantes corruptos em Israel: “você exploram os pobres e cobram impostos injustos das suas colheitas. Por isso, vocês não vão viver nas casas luxuosas que construíram, nem chegarão a beber o vinho das belas parreiras que plantaram.” ([Am 5.11](#), NTLH). Apesar de tais advertências, a lei era frequentemente ignorada, e encargos de juros onerosos eram impostos a mutuários que já eram pobres.

Compromissos e garantias

Quando era necessário pedir emprestado, a lei oferecia alternativas à prática injusta da usura. Ao contrair um empréstimo, o mutuário entregava algum bem móvel como garantia para assegurar o pagamento. Esse “penhor” representava um sinal tangível da intenção do devedor de pagar o empréstimo. Certas restrições se aplicavam a tais penhores. E.g., um credor não podia tomar as roupas de uma viúva ([Dt 24.17](#)). Ferramentas (como mós) ou animais (como bois) necessários para a vida diária eram proibidos como penhores (v. [6](#)). Roupas absolutamente essenciais para o mutuário (e.g., para se manter aquecido) podiam ser temporariamente oferecidas como penhor, mas o penhor temporário tinha que ser devolvido antes do anoitecer ([Êx 22.26,27](#); [Dt 24.10-13](#)).

Em circunstâncias drásticas, onde não havia garantia, um devedor poderia empenhar um filho, filha ou escravo. O valor do trabalho do filho ou do escravo poderia então ser creditado tanto contra os juros quanto o principal. Um relato na Bíblia sobre os dois filhos de uma viúva prestes a serem escravizados mostra quão cruel o costume poderia ser ([2Rs 4.1-7](#)). Empenhar o trabalho ou o trabalho de seus filhos era a única maneira que os escravos tinham para pagar uma dívida quando precisavam pedir emprestado.

Um mutuário também poderia ter um amigo rico assumindo a responsabilidade como consignatário de um empréstimo e, assim, tornar-se a garantia ou fiador. O livro de Provérbios adverte contra ser fiador para outros, no entanto, especialmente para estranhos ([Pv 6.1-3](#); [11.15](#); [17.18](#); [22.26](#); [27.13](#)).

Anos sabáticos e de jubileu

Duas disposições legais para conter a escravidão de pessoas por dívidas de longa data eram o ano sabático e o ano do jubileu. O ano sabático, ou “ano de liberação”, ocorria a cada sétimo ano. Naquela

época, as dívidas eram canceladas e as contas zeradas ([Dt 15.1-12](#); cf. [Êx 21.2](#); [23.10-11](#); [Lv 25.2-7](#)). A lei proibia claramente os credores de reterem empréstimos para aqueles em necessidade desesperada durante o sexto ano. A tradição judaica mantinha injunções rigorosas contra um credor que tentasse cobrar um empréstimo que deveria ter sido perdoado no ano sabático.

A cada 50 anos, Israel celebrava o ano do Jubileu. Nesse ano, a terra retornava ao seu proprietário original se não tivesse sido resgatada por algum parente. Essa provisão impedia a acumulação de propriedades por poucos ricos enquanto muitos pobres sofriam na escravidão ([Lv 25.13-17](#)). Embora a lei mosaica não pudesse garantir uma utopia econômica, ela buscava conter a ganância inerente à natureza humana. Também visava proporcionar a todos uma oportunidade igual e um novo começo a cada 50 anos.

Dívida no Novo Testamento

O Novo Testamento mostra como várias culturas lidavam com a questão de empréstimos e dívidas. Havia judeus que seguiam estritamente a lei mosaica e se recusavam a cobrar altos juros de seus compatriotas judeus. No entanto, práticas legais helenísticas e romanas influenciaram partes da sociedade judaica.

Parábolas de Jesus

Jesus fez referência a práticas econômicas não judaicas em sua parábola de um servo que prendeu um colega escravo por não pagar um empréstimo ([Mt 18.23-35](#)). A parábola ilustra o costume comum helenístico e romano de prender ou restringir tal pessoa como garantia. Essa prática forçava um devedor a vender sua propriedade, pedir para que família e amigos cobrissem a perda, ou vender-se como escravo. A parábola dos talentos ([25.14-28](#)) e a parábola das minas ([Lc 19.12-24](#)), falando alegoricamente sobre o reino de Deus, mencionam ganhar juros sobre dinheiro investido com banqueiros.

Instrução econômica e teológica

O apóstolo Paulo instruiu os cristãos a “não dever nada a ninguém” ([Rm 13.8](#)), o que significa, no mínimo, que os cristãos devem quitar seus empréstimos prontamente. Por outro lado, a atividade econômica de um cristão deve ser caracterizada pela bondade para com os necessitados, generosidade e disposição para ajudar ([Mt 5.42](#); [Lc 6.35](#)).

O NT também apresenta uma série de lições doutrinárias baseadas no uso figurativo de “dívidas” e “devedores”. Jesus certa vez se referiu aos pecadores ([Lc 13.2](#)) com uma palavra que literalmente significa “piores” (v [4](#)). Na Oração do Senhor, “dívidas” é paralelo a “pecados” ([Mt 6.12](#); [Lc 11.4](#)).

O pecado é visto como uma escravidão ([Jó 8.34](#)), e todos os homens e mulheres são devedores a Deus. A redenção só pode ser realizada por Deus, que “deu o seu único Filho” para libertar as pessoas ([3.16-18](#)). O autor de Hebreus mostrou que Jesus se tornou o fiador da nova aliança ([Hb 7.22](#)).

O apóstolo Paulo sentia-se em dívida com todas as pessoas por causa de sua própria salvação, uma dívida que ele poderia pagar pregando o evangelho ([Rm 1.14.15](#)). O NT ensina que todos os que recebem o evangelho estão igualmente em dívida e, portanto, devem dedicar-se a servir aos outros como uma forma de servir a Deus (cf. [15.26.27](#)).

Veja também Banqueiro, Bancário; Dinheiro.

Divindades e religião cananeia

O estudo da religião politeísta dos cananeus contribuiu significativamente para a nossa compreensão da religião do antigo Israel. As estruturas teológicas e religiosas hebraicas foram dadas por Deus a um povo que foi influenciado e afetado por outras religiões. Para apreciar plenamente a fé monoteísta dos israelitas, é necessário entender o contexto politeísta que desafiava sua vida e unidade como nação.

O contato entre as muitas religiões do antigo Oriente Próximo gerou não apenas tensão, mas também muito sincretismo ou empréstimo de conceitos e práticas. Os arameus e filisteus que se estabeleceram em Canaã adotaram as práticas dos cananeus; da mesma forma, os amoritas aceitaram grande parte da religião suméria como sua quando se mudaram para a Mesopotâmia. No entanto, entre todos esses povos, os hebreus seguiram um caminho independente. Seu Deus era a divindade única e cósmica que exigia lealdade exclusiva. Tal conceito ia contra a corrente de todas as religiões da época.

Até o início do século XX, a maior parte do que se sabia sobre a religião dos cananeus vinha da Bíblia. Em 1928, muitas tábuas de argila foram encontradas em um local chamado Ras Shamra, que era a antiga cidade síria de Ugarite. Elas

continham abundantes novas informações sobre a vida religiosa de Canaã. A maioria delas estava em um alfabeto cuneiforme e escrita em uma língua semítica do noroeste, até então desconhecida, bastante semelhante ao hebraico, aramaico e árabe. Os documentos são frequentemente chamados de textos ugaríticos ou tábuas de Ras Shamra.

A descoberta desses textos abriu portas para uma compreensão que há muito tempo estava fechada. Os textos forneceram aos estudiosos uma importante literatura mitológica que não apenas apresentou os nomes e funções dos deuses, mas também muitas informações sobre a sociedade cananeia.

As divindades cananeias possuíam duas características marcantes: uma extraordinária fluidez de personalidade e função, e nomes cujos significados e origens podiam ser facilmente traçados. Esses fatores, juntamente com a natureza da mitologia, marcam a religião cananeia como sendo relativamente primitiva.

A palavra geral cananeia para “deus” provavelmente significava “o forte, o poderoso”. O chefe do panteão, ou conjunto de deuses, era chamado de El (“o poderoso”). El, uma figura distante e sombria, vivia longe de Canaã “na fonte dos dois rios”, portanto, no paraíso. Ele aparentemente tinha três esposas que também eram suas irmãs: Astarte, Athirat (Aserá, também chamada de Elat) e Anate. Ele presidia um conselho divino de deuses que eram seus filhos. Embora fosse brutal o suficiente para matar seu próprio filho, era chamado de Lutpan (“o bondoso”) e descrito como um velho com cabelo branco e barba.

Baal, o grande deus da tempestade e rei dos deuses, era a figura central no panteão e funcionalmente muito mais importante do que El. Baal atuava como primeiro-ministro de El e eventualmente o destronou. “Baal” significa simplesmente “Senhor” e poderia ser aplicado a diferentes deuses. No entanto, o antigo deus semítico da tempestade Hadade tornou-se o “Baal” por excelência. Hadade era considerado o “senhor do céu”, “aquele que prevalece”, e o “exaltado, senhor da terra”. Ele reinava sozinho sobre tudo. Seu reino era “eterno para todas as gerações”. Ele era o doador de toda fertilidade. Quando ele morria, toda vegetação e procriação cessavam. Ele era o deus da justiça, o terror dos malfeitores. Baal era chamado de “filho de Dagom”. Dagom, que significa “peixe”, era o deus principal de Asdode (cf. [1Sm 5.1-7](#)).

Os cananeus explicavam a natureza referindo-se aos seus deuses. Cada deus representava uma força da natureza. A lua, o sol, estrelas importantes e planetas visíveis eram considerados deuses ou deusas. Baal, visto como o deus da tempestade, personificava o poder de toda a natureza.

A personificação das forças da natureza pelos cananeus explicava a sucessão das estações. O período seco de abril até o final de outubro representava a duração da morte de Baal após sua batalha malsucedida a cada primavera com Mot (ou com "os devoradores", que em Ras Shamra desempenhavam a mesma função geral que Mot). O renascimento da divindade da chuva e vegetação, Baal, em direção ao final de outubro, sinalizava o início das chuvas de outono, que continuavam intermitentemente até abril seguinte. Os cananeus acreditavam que a terra recuperava sua fertilidade devido ao acasalamento anual de Baal e Anate. Que melhor forma suas próprias atividades religiosas poderiam assumir do que imitar o comportamento sexual de suas principais divindades? Assim, sempre houve um elemento relacionado à orgia declarado na religião cananeia.

As três deusas — Athtarat (Astarte ou Astarote no AT, [Dt 1.4](#), NTLH "Astarote"; [Jz 2.13](#)), Anate (aparecendo no AT no nome da cidade Anatote e como progenitora de Sangar), e Athirat (Aserá no AT) — apresentavam um conjunto intrincado de relações. Astarte era a mesma que Ashtar ou Vênus, a estrela da tarde. O caráter original de Anate é incerto. Athirat era principalmente a deusa do mar e esposa de El. Ela também era chamada de Elat, a forma feminina de El. Todas as três deusas estavam principalmente preocupadas com sexo e guerra. Sua função principal era ter relações sexuais com Baal em um ciclo anual contínuo, mas nunca perdiam sua "virgindade"; elas eram "as grandes deusas que concebem, mas não dão à luz".

Ironicamente, as deusas eram consideradas prostitutas sagradas e, como tal, eram chamadas de "santas". Ídolos representando as deusas eram frequentemente nus e, às vezes, tinham características sexuais exageradas. As circunstâncias em que a prostituição cultual primitiva era praticada são objeto de algum debate, mas não há dúvida de que tanto prostitutas de templo masculinas quanto femininas eram usadas no culto da religião cananeia.

As divindades da fertilidade também eram deusas da guerra. No Épico de Baal de Ugarite, Anate tem uma sede insaciável por sangue. Em fontes egípcias do Novo Reino, Astarte aparece como uma

guerreira de cavalaria nua e feroz, empunhando escudo e lança.

Em algumas versões em português o nome Aserá é traduzido como "poste-ídolo" ou "poste sagrado". A Septuaginta (tradução grega do AT do século III a.C.) traduz como "bosque". Ela parece ter sido representada por algum tipo de objeto de culto de madeira colocado em "lugares altos" ao lado de altares de incenso e pilares de pedra.

A luta contínua pela sobrevivência sem dúvida levou os cananeus a adorar coisas que acreditavam beneficiá-los materialmente. Se os deuses e deusas ficassem satisfeitos com a adoração, o resultado seria uma colheita abundante. A adoração cananeia centrava-se em um santuário cultual ou "lugar alto" onde eram oferecidos sacrifícios. Evidências arqueológicas indicam que animais de todos os tamanhos eram oferecidos em grandes templos-santuários como Bete-Seã. A cidade recebeu seu nome do templo localizado lá: beth significa "templo", e Shan era a divindade patrona da cidade.

Como observado, o sacrifício humano tornou-se parte da prática religiosa em Canaã. [Segundo de Reis 3.27](#) menciona Messa, rei de Moabe, que, após a derrota nas mãos de uma confederação de reis, ofereceu seu filho como holocausto ao seu deus Quemus.

Veja também Canaã, cananeus; Deuses e deusas; Ídolos, idolatria.

Divisão da terra

Atribuição de porções da Terra Prometida às 12 tribos de Israel após a conquista.

Veja Conquista e Distribuição da Terra.

Divórcio

As passagens bíblicas que regulam o divórcio estão intimamente ligadas com as várias definições dadas ao casamento dentro das sucessivas fases da revelação progressiva de Deus na história.

No relato da criação em Gênesis, o casamento é definido como a união em "uma só carne", estabelecida por Deus no contexto de um ambiente sem pecado ([Gn 2.24](#)). Dadas tais condições, a dissolução do relacionamento matrimonial era inconcebível. Durante seu ministério, Jesus afirmou este aspecto do projeto original de Deus

para o casamento. Ele descreveu as implicações do relacionamento em “uma só carne” como a ab-rogação da separação dos cônjuges, além da criação de uma união inviolável ([Mt 19.6](#)).

A visão do Antigo Testamento sobre o divórcio

As rupturas da queda trouxeram consequências graves para o relacionamento entre homem e mulher. Tendo permitido que o pecado rompesse sua dependência primária de Deus, o homem e a mulher, respectivamente, se tornaram sujeitos aos elementos dos quais eles haviam sido originalmente criados. O homem se tornou sujeito ao pó da terra, de onde ele havia vindo ([Gn 2.7; 3.19](#)), e a mulher se tornou sujeita ao homem, de quem ela havia sido formada ([2.22; 3.16](#)). Antes da queda, o homem e a mulher haviam desfrutado de um relacionamento de igualdade como compartilhadores mútuos na imagem divina ([1.27](#)) e como parceiros no mandato divino para exercer domínio sobre a criação (v. [28](#)). Após a queda, o homem se tornou governante sobre a mulher, e a mulher passou a ser sujeita ao homem ([3.16](#)).

Como resultado dessas novas condições, o homem assumiu direitos de disposição sobre a mulher que ele não possuía antes da queda. A relação de “uma só carne” foi violada quando o direito de governo abriu o caminho para o homem, como governante, multiplicar o número de suas mulheres, as quais eram sujeitas a ele. Esta disparidade entre homem e mulher resultou na prática da poligamia ([Gn 4.19; 16.3; 29.30](#)) e da monogamia em série, a qual exigia o término de cada casamento por meio de um ato de divórcio ([Dt 24.1-4](#)). Assim, o surgimento da prática do divórcio apareceu como a consequência inevitável do princípio do governo dos homens. Nem o governo, nem o divórcio faziam parte do projeto original de Deus para o casamento. A regulamentação mosaica sobre o divórcio era uma concessão feita por Deus à condição caída da humanidade ([Mt 19.8](#)). Caracteristicamente, a opção do divórcio era um direito disponível apenas aos governantes homens. Como súditas de seus governantes, as esposas se tornaram vítimas do divórcio. Os homens poderiam se divorciar de suas esposas; as mulheres não poderiam se divorciar de seus maridos.

Por mais injusto que possa parecer, as regulamentações deuteronomicas para o divórcio tinham a intenção de oferecer ao menos um mínimo de proteção para suas vítimas femininas. Um marido tinha que justificar uma ação de divórcio contra sua esposa, citando algo indecente

sobre ela. Ele deveria dar à sua esposa divorciada uma certidão de divórcio que provava seu casamento com ele ([Dt 24.1](#)). Além disso, um marido divorciado era proibido de se casar novamente com sua ex-esposa após seu casamento subsequente, uma vez que seu divórcio original era visto como uma contaminação dela (v. [4](#)).

Embora as disposições mosaicas sobre o divórcio tenham sido concedidas como uma concessão divina à dureza de coração de Israel, o AT afirma enfaticamente que Deus odeia o divórcio ([Mt 2.16](#)). O direito de divórcio foi concedido a contragosto, como uma acomodação ao princípio do governo masculino que havia resultado a partir da queda. Mas o projeto original de Deus, refletido na relação conjugal “uma só carne”, permaneceu o padrão para a união de homem e mulher no casamento.

O ensino de Jesus sobre o divórcio

Na medida em que o ministério de redenção de Cristo sinalizava um retorno aos propósitos originais de Deus na Criação, os regulamentos da antiga aliança sobre o divórcio vieram a ser abrogados na comunidade cristã. A fim de justificar a inviolabilidade do laço de casamento entre seus seguidores, Jesus os dirigiu para o modelo da criação. Referindo-se negativamente à intervinda permissão mosaica para o divórcio, Jesus sustentou a ordem original da criação de Deus, afirmando que “não foi assim desde o princípio” ([Mt 19.8](#)). Cristo repudiou a queda e afirmou o projeto da criação.

Em [Mateus 5.31-32](#) Jesus explicitamente revogou a legislação mosaica que permitia que os homens se divorciassem de suas esposas. Ele via a prática como uma violação da integridade das mulheres. Homens adúlteros que se divorciam de suas esposas as reduzem ao status de prostitutas, usando-as como mercadorias das quais se tirava proveito através da conveniência do divórcio fácil. Ao se divorciar de suas esposas, os homens as tratam como adúlteras. Ao se casar com uma mulher descartada de um casamento anterior, um homem perpetua esse processo humilhante e se torna culpado de adultério.

Jesus deliberadamente retirou dos homens o direito de governante de descartar uma esposa conforme sua vontade, e, assim, restabeleceu o padrão criacional da união de “uma só carne” ao longo de toda a vida. Seus discípulos entenderam corretamente sua intenção. Contudo, o princípio do privilégio masculino estava tão profundamente arraigado em sua mentalidade que eles declararam a liberdade disponível no celibato como sendo

preferível a um compromisso de um casamento monogâmico vitalício ([Mt 19.10](#)).

Não somente Jesus reafirmou a validade da união de “uma só carne” para a comunidade da redenção, mas o NT reforçou a inviolabilidade do laço do casamento por meio de sua definição do casamento como uma cópia terrena do relacionamento entre Cristo e a igreja ([Ef 5.25](#)).

Apesar destas fortes sanções para a permanência da união matrimonial, o NT permite uma exceção para o divórcio quando este tem o objetivo de proteger o cônjuge inocente no caso de imoralidade e deserção. Jesus fez exceções que estabeleceram o direito de um cônjuge injustiçado por um companheiro infiel solicitar o divórcio ([Mt 5.32](#); [19.9](#)). Obviamente, o cônjuge prejudicado tem a opção de manter o laço de casamento, apesar da violação do compromisso pelo cônjuge infiel. Porém, tendo em vista a exceção permitida pelas Escrituras, a obrigação de manter ou restabelecer o casamento interrompido não pode ser imposta ao cônjuge inocente.

A outra exceção que justifica o divórcio, de acordo com o NT, é a deserção. Embora os preceitos de [1 Coríntios 7.15](#) se refiram principalmente à deserção de um cônjuge incrédulo, entende-se que um crente culpado de deserção deve ser tratado como um incrédulo ([1Tm 5.8](#)). O comportamento equivalente ao abandono do relacionamento matrimonial constitui uma violação do compromisso conjugal e se torna sujeito à provisão declarada em [1 Coríntios 7.15](#).

Em ambos os casos, adultério ou deserção, a parte prejudicada tem o direito de buscar o divórcio do cônjuge ofensor, e, tendo obtido, se torna novamente uma pessoa solteira. Se o arrependimento e a reconciliação falharem em restaurar a união violada, o cônjuge prejudicado não está obrigado ao casamento. De acordo com as Escrituras, uma pessoa que não está comprometida é livre para se casar novamente, mas apenas “no Senhor”, ou seja, com outro cristão ([1Co 7.39](#)). A liminar para uma pessoa solteira, que não tem o dom do celibato, de se casar (v. [9](#)) se aplica a uma pessoa anteriormente casada, mas que se tornou solteira por um divórcio biblicamente legítimo. De acordo com o ensino de Cristo em [Marcos 10.11-12](#) e [Lucas 16.18](#), o novo casamento dos crentes pode não ser aprovado quando o divórcio tiver sido usado como um meio de mudar de companheiros, uma vez que tal intenção torna o divórcio adúltero.

Muitos fatores geralmente se combinam para destruir um casamento; portanto, a igreja deve lidar com cada caso de divórcio e novo casamento em uma base individual, levando em conta a capacidade inesgotável de Deus de perdoar o pecado e restaurar vidas quebradas. Obviamente, as restrições das Escrituras a respeito do divórcio não se aplicam aos crentes dos quais os casamentos quebrados antecedem sua conversão, uma vez que o perdão de Deus limpa o pecado de seu passado pré-cristão e os torna novas criaturas em Cristo.

Veja também Adultério; Lei Civil e Justiça; Casamento, Costumes Matrimoniais; Sexo, Sexualidade.

Divórcio*, Certificado De

Um documento declarando a separação de um marido e uma esposa, ordenado pela lei mosaica ([Dt 24.1-4](#); veja [Mt 5.31](#); [19.7](#); [Mc 10.4](#)). O certificado de divórcio protegia os direitos da mulher, fornecendo evidências de sua liberdade e garantindo que seu marido não poderia reivindicar seu dote. Um exemplo de tal documento é [Oseias 2.2](#): “Ela não é mais a minha esposa, e eu não sou mais o seu marido” (NTLH). Os profetas do AT usaram esta declaração figurativamente para retratar o desejo de Deus de se separar de seu povo rebelde ([Is 50.1](#); [Jr 3.8](#)).

Veja também Lei Civil e Justiça; Divórcio; Casamento, Costumes de Casamento.

Dízimo, Dizimar

A palavra “dízimo” vem do latim *decimus*, que significa “a décima parte”. Refere-se a um tributo sobre produtos ou trabalho para apoiar a religião.

A prática do dízimo é muito antiga. Por exemplo, Abraão pagou um dízimo, ou um décimo, dos despojos de guerra a Melquisedeque (veja [Gn 14.20](#)). O dízimo também era comum em muitos lugares, incluindo:

- Atenas
- Arábia Saudita
- Roma
- Cartago
- Egito
- Síria
- Babilônia
- China

O livro de Deuteronômio ([Dt 12.2-7,17-19](#); [14.22-29](#)) diz que, quando a adoração foi centralizada em Israel, as pessoas tinham que levar seu dízimo anual ao santuário. Sacerdotes e levitas compartilhavam esse dízimo. Os itens dizimados incluíam:

- Grão
- Vinho
- Petróleo
- Gado

A cada terceiro ano, todo o dízimo era dado como caridade aos levitas, estrangeiros, órfãos e viúvas ([Dt 26.12](#)). [Números 18.21-32](#) afirma que todos os dízimos em Israel eram dados aos levitas como pagamento por seu serviço como sacerdotes.

O profeta Malaquias condenou aqueles que retinham seus dízimos. Ele chamou isso de "roubar a Deus" ([Ml 3.8-10](#)). Ele prometeu que o dízimo traria bênçãos, celeiros cheios e proteção contra pragas. As primeiras festas de dízimo provavelmente incluíam agradecimentos pelos dons de Deus. Isso não é muito enfatizado nos textos (compare [Gn 28.22](#)). O principal propósito do dízimo era apoiar o serviço de Deus e a caridade.

O Novo Testamento menciona o dízimo de forma crítica, exceto pelo dízimo de Melquisedeque ([Hb 7](#)). Em [Mateus 23.23](#) e [Lucas 11.42](#), Jesus criticou aqueles que dizimavam meticulosamente pequenas ervas, mas negligenciavam os assuntos mais importantes da lei: justiça, misericórdia e fé. Jesus via isso como um sinal de moralidade deficiente e prioridades equivocadas, associando isso ao farisaísmo. Ele disse que era mais fácil seguir as regras e também mais satisfatório, mas era mais difícil desenvolver o senso moral para gerenciar relacionamentos com os outros e com Deus. Em [Lucas 18.12](#), um fariseu, vangloriando-se

em oração sobre suas virtudes, mencionou seu dízimo de toda a sua renda como uma de suas reivindicações ao favor divino. Jesus, no entanto, valorizava a humildade acima das práticas religiosas cheias de orgulho, preferindo um penitente humilde a um fariseu vaidoso.

Veja também Ofertas e sacrifícios.

Dodai

Um descendente de Aoí. Dodai foi um comandante de uma das 12 divisões de soldados israelitas durante o reinado do Rei Davi. Havia 24.000 homens em cada divisão ([1Cr 27.4](#)). Dodai também pode se referir a Dodo, o pai de Eleazar em [2 Samuel 23.9](#) e [1 Crônicas 11.12](#).

Veja Dodo #2.

Dodanim

Descendentes do filho de Noé, Jafé ([Gn 10.4](#)). O nome é corrigido para rodanim em [1 Crônicas 1.7](#). *Veja* Rodanim.

Dodavá, Dodava

Habitante de Maressa e pai de Eliezer, o profeta. Eliezer falou contra o Rei Josafá de Judá por causa de sua aliança com o Rei Acazias de Israel ([2Cr 20.37](#)).

Dodô, Dodo

28. O avô de Tolá. Tola foi um juiz menor que julgou Israel de sua cidade natal, Samir ([Jz 10.1](#)).
29. O pai de Eleazar. Eleazar foi "um dos três homens valentes" de Davi ([2Sm 23.9](#); [1Cr 11.12](#)). Dodô pode ser identificado com Dodai, o aoíta, em [1 Crônicas 27.4](#).

Veja Dodai.

30. O pai de Elanã. Elanã foi um dos valentes de Davi conhecidos como "os Trinta" ([2Sm 23.24](#); [1Cr 11.26](#)). Dodô viveu em Belém.

Doegue

Doegue era um oficial que trabalhava para o Rei Saul. Saul ordenou que ele matasse os sacerdotes inocentes em Nobe ([1Sm 21-22](#)). Doegue era um edomita, o que significa que ele era ou um estrangeiro que se converteu à religião israelita ou um líder proeminente de Edom que foi capturado durante a campanha militar de Saul contra os edomitas ([14.47](#)).

Saul colocou Doegue no comando de seus rebanhos de animais ([21.7](#)). O rei Davi também mais tarde teve um estrangeiro no comando de seu gado ([1Cr 27.30](#)).

A Bíblia não explica claramente por que Doegue estava no santuário em Nobe ([1Sm 21.7](#)). Ele pode ter estado lá por um propósito religioso. Se ele estava passando por um processo de purificação, isso pode tê-lo obrigado a ficar ali (como um voto de nazireu descrito em [Números 6.13](#)). Outra possibilidade é que ele estivesse se escondendo ali como espião do Rei Saul.

O que sabemos é que, enquanto estava em Nobe, Doegue viu os sacerdotes receberem Davi e lhe darem comida e uma arma — a espada de Golias ([1Sm 21.9](#)). Pouco tempo depois, Doegue teve a oportunidade de relatar isso a Saul ([22.9-10](#); [título do Salmo 52](#)). Ele esperava demonstrar sua lealdade com esse relatório.

O caráter de Doegue é revelado quando ele brutalmente matou os sacerdotes e todas as pessoas que viviam na cidade de Nobe ([1Sm 22.18-19](#)). Esta ação cruel sugere que ele não era verdadeiramente um israelita, mesmo vivendo entre eles.

Doença

Termo usado nas Escrituras como sinônimo de patologia, enfermidade, moléstia, praga e pestilência. No entanto, praga e a pestilência são geralmente usadas quando há um grande número de vítimas, como nas epidemias. “Pestilência” literalmente significa “destruição” e geralmente descreve uma epidemia com uma alta taxa de mortalidade. “Aflição” e “tormento” são outros termos que podem incluir doença, mas são mais amplos e não são usados como sinônimo de doença.

Durante o tempo em que a Bíblia foi escrita, as pessoas não tinham um conceito detalhado de anatomia ou de como os órgãos específicos do corpo funcionavam. Doenças eram consideradas como anormais, algo que limita a capacidade de alguém de funcionar com força e vitalidade. A palavra hebraica traduzida por “doença” como um substantivo significa “ser fraco” em sua forma verbal cognata. O homem doente ao lado do tanque de Betesda é descrito como sendo “impotente” ([Jo 5.7](#), NTLH), incapaz de se locomover sozinho.

Origens de doenças

De acordo com a Bíblia, a doença tem quatro causas: (1) Deus, (2) Satanás, (3) pecados de antepassados, e (4) quebra das leis físicas, mentais/emocionais ou morais da natureza.

Deus

Todos os povos antigos atribuíam eventos e fenômenos ao sobrenatural, seja a vários deuses ou a espíritos malignos. Os hebreus eram diferentes por serem fortes monoteístas, atribuindo todos os fenômenos ao único Deus verdadeiro que havia se revelado a eles ([Is 45.21](#)). Deus era responsável por tudo, incluindo doenças e o mal (v. [7](#)). Este mesmo Deus também poderia dar bênçãos materiais, saúde e curar todas as doenças ([Sl 103.3](#)). Para os hebreus, Deus poderia dar saúde ou doença, e em ambos os casos, ele tinha seu propósito ou razão.

Um propósito da doença era punição por transgressão ([2Sm 24.1.12-16](#); [1Co 10.8](#)). Na mente hebraica, mesmo quando a causa imediata da doença e morte era óbvia — como em muitas cobras venenosas mordendo pessoas no acampamento — a resposta não era matar todas as cobras, mas orar a Deus por perdão ([Nm 21.4-9](#)). A lepra, que literalmente significa “um castigo”, era uma doença devastadora enviada por Deus para punir indivíduos que pecaram ([Nm 12](#); [2Rs 5.27](#)).

Deus também enviou doenças para demonstrar seu poder ou para proteger seu povo. As 10 pragas no Egito ilustram a primeira; a eliminação do exército de Senaqueribe, a posterior ([2Rs 19.34-36](#)).

Satanás

Satanás e outros espíritos malignos também poderiam ser responsáveis pelas doenças. No esquema bíblico das coisas, a capacidade de Satanás de trazer doenças está na vontade permissiva de Deus. A restrição na capacidade de Satanás para o dano é claramente explicada no caso

de Jó ([Jó 1.12](#)). A mensagem do NT também é clara, apesar dos casos de possessão demoníaca e de pessoas agindo sob a influência de Satanás, o tempo de Satanás é finito e, sua derrota total e destruição final são certas.

Pecados de antepassados

A doença também poderia ocorrer por causa dos pecados dos antepassados ([Êx 20.5](#); [Lv 26.29](#); [1Rs 17.18](#); [Jó 21.19](#); [Lm 5.7](#)). O exemplo mais marcante disso é a morte do filho de Davi como resultado de seu pecado com Bate-Seba ([2Sm 12.15](#)). Este conceito da origem da doença continuou nos tempos do NT e era familiar aos discípulos de Jesus ([Jo 9.2](#)).

Violação das Leis Naturais

Esta ideia diferencia os hebreus dos outros povos de seus dias. Com o entendimento de que a doença pode resultar da violação das leis físicas, mentais/emocionais e morais fixas, vem a ideia de responsabilidade pessoal em obedecer a essas leis e evitar ficar doente. Uma pessoa é responsável pela saúde dela e da comunidade, e não é meramente uma vítima passiva de forças sobrenaturais.

Com base neste conceito, Moisés estabeleceu códigos elaborados de comportamento para manter a saúde pessoal e a saúde da comunidade. A lei mosaica cobre as áreas de dieta, higiene pessoal, observância do sábado, normas sanitárias no acampamento, limpeza e relações sexuais. Ao seguir essas leis naturais estabelecidas por Deus, os hebreus poderiam esperar liberdade das doenças ([Êx 15:26](#)) e vida longa ([Pv 3.1-2](#)). Essas leis de saúde de Moisés fazem muito sentido do ponto de vista de saúde pública até mesmo hoje e são muito mais racionais do que a abordagem de qualquer outro povo antigo.

Outra consequência importante de entender que as doenças podem resultar da quebra das leis da natureza é a ordem do sacerdote para o isolamento e, para os médicos, a busca por tratamentos. Enquanto as doenças fossem de origem sobrenatural, não havia base para tentar aprender sobre procedimentos de doenças na busca por medicamentos. Os hebreus estavam familiarizados com os médicos no Egito ([Gn 50.2](#)), onde eles parecem ter atuado como embalsamadores. Médicos estavam atuando em Israel ao longo de sua história, mas apenas gradualmente desenvolveram a capacidade de serem de grande ajuda ([2Cr 16.12](#); [Jr 8.22](#); [Mc 5.26](#); [Cl 4.14](#)). Ao validar a função de

médicos para pessoas doentes ([Mt 9.12](#)) e de remédios para fins medicinais ([Pv 31.6](#); [1Tm 5.23](#)), as Escrituras enfatizam o papel da comunidade cristã e seus anciãos em ministrar aos doentes ([Tg 5.14](#)).

Jesus Cristo e doenças

A abordagem de Cristo às pessoas doentes era distintamente diferente do AT. Ele não fazia julgamentos, tratando-as como pessoas de valor, não como excluídos sociais. Ele estava cheio de compaixão genuína por elas, como pessoas sofredoras — tocando, confortando, curando e falando normal e naturalmente com elas.

Jesus claramente considerou as doenças como um obstáculo que impedia as pessoas de serem as pessoas completas que foram criadas para ser. Quando confrontado por uma mulher com uma grave deformidade nas costas por 18 anos, ele a curou, dizendo que ela havia sido “amarrada por Satanás” ([Lc 13.16](#)). A sua cura de doenças consideradas incuráveis era uma das provas que ele forneceu de que era o Messias ([Lc 7.19-23](#)). Seu ministério foi dirigido para libertar homens e mulheres a fim de viver a vida mais abundantemente ([Jo 10:10](#)). Ele não aderiu totalmente ao conceito punitivo de doença ([9:3](#)). Quando um leproso mencionou a possibilidade de que poderia não ser a vontade de Deus que ele ficasse bem, Jesus o salvou instantaneamente ([Mc 1.40](#); [Lc 5.12-13](#)).

Jesus sempre estava interessado com a saúde total ou integridade da pessoa, em vez de meros sintomas da doença. Ele frequentemente lidava com questões espirituais primeiro, mesmo que a pessoa doente fosse trazida a ele por conta de um problema físico. Sua conversa com a mulher samaritana no poço focou-se nos conflitos básicos da personalidade perturbada dela ([Jo 4.5-30](#)). E o Sermão do Monte, que basicamente lida com atitudes e motivos corretos para o comportamento humano, reduziria muito o sofrimento pessoal e social se fosse seguido. Para Jesus, a saúde é mais do que a mera ausência de doença física e mental; são pessoas completas sendo tudo o que elas foram projetadas para ser.

Veja também Medicina e Prática Médica; Pestilência; Peste.

Doença

Veja Enfermidade; Medicina e prática médica.

Doença da pele

Termo usado duas vezes na Bíblia ([Lv 21.20](#) e [22.22](#)) com sinônimo "coceiras" ([Dt 28.27](#)). Em nenhuma das instâncias se refere a alguma doença moderna. Nas passagens de Levítico, "doença da pele" é encontrado na sequência "úlceras, sarna". Esta frase é traduzida como "outras doenças da pele" na NTLH. *Veja também* Doença; Medicina e prática médica.

Doença dos intestinos

O rei Jeorão era um rei mau. Deus o puniu com uma doença prolongada e dolorosa nos intestinos. A doença não pôde ser curada. Após dois anos, seus intestinos saíram de seu corpo, e ele morreu com grande dor ([2Cr 21.19](#)).

Isso pode ter sido uma doença como câncer de cólon ou uma doença inflamatória intestinal (uma condição que causa inchaço e dor dentro dos intestinos).

A única doença mortal dos intestinos no Novo Testamento também aconteceu a um rei. Em [Atos 12.21-23](#), o rei Herodes adoeceu e morreu. O historiador Josefo relata que Herodes tinha 54 anos e sentiu uma dor intensa no estômago por cinco dias antes de falecer.

Ele pode ter tido uma obstrução nos intestinos, possivelmente causada por lombrigas (um tipo de parasita). Durante a doença, lombrigas podem ter saído do corpo dele, ou as pessoas podem ter visto vermes (larvas de mosca) na pele dele enquanto morria. Isso pode explicar por que Lucas escreveu que Herodes foi "comido por vermes e morreu".

Veja também Doença; Medicina e prática médica.

Dofca

Um nome de uma área perto do Deserto de Sin. Dofca é onde os israelitas acamparam a caminho do Monte Sinai ([Nm 33.12-13](#)). Dofca pode ser o mesmo lugar que Serabit el-Khadem. Serabit el-Khadem era um centro de mineração de turquesa egípcio.

Veja Peregrinações no deserto.

Domiciano

Domiciano foi o Imperador do Império Romano de 81 a 96 d.C.

Ele tratou tanto judeus quanto cristãos de forma severa. Alguns escritores cristãos primitivos disseram que Domiciano enviou o apóstolo João ao exílio na ilha de Patmos. Enquanto João estava lá, ele recebeu a visão que se tornou o livro de Apocalipse ([Ap 1.9](#)).

Ascensão ao poder e início do governo

Durante o governo de Tito, seu irmão Domiciano estava insatisfeito por ser o segundo no poder. Ele queria o controle e tentou assumir o exército. Quando Tito morreu repentinamente, Domiciano ficou secretamente feliz e tentou prejudicar a reputação de seu irmão mais velho.

Mesmo assim, Domiciano foi um governante forte. Ele ajudou a reconstruir a cidade de Roma, onde muitos edifícios haviam sido destruídos pelo fogo. Domiciano reconstruiu vários lugares importantes, incluindo:

- O Capitólio
- Um templo dedicado a Júpiter chamado Templo Flaviano
- Um local de encontro público chamado fórum
- Um estádio
- Uma sala de concertos
- Um lago artificial para simulações de batalhas navais

Domiciano iniciou o Festival Capitolino e apoiou a arte, a ciência e as bibliotecas públicas. Como governantes antes dele, Domiciano afirmava ser um deus e fazia as pessoas chamarem-no de "Senhor Deus". O Senado nunca o declarou oficialmente um deus.

Abuso de autoridade

O Senado não aprovava a forma como Domiciano exercia seu poder. Ele punia senadores que discordavam dele. Para se manter no poder, ele mantinha o exército ao seu lado, oferecendo-lhes mais dinheiro. Ele arrecadava mais impostos para

cobrir os custos, muitas vezes utilizando pressão ou ameaças. O povo judeu foi especialmente afetado por esses impostos. Perto do final de seu governo, Domiciano também retomou a perseguição religiosa.

Escritores cristãos primitivos como Irineu, Tertuliano e Eusébio afirmaram que Domiciano perseguiu os cristãos. Ele foi um dos piores perseguidores da igreja primitiva, ficando atrás apenas de Nero.

Morte e legado

Domiciano chegou a executar membros de sua própria família. Sua esposa, Domícia, temia por sua vida porque algumas pessoas acreditavam que ela era cristã. Com a ajuda de amigos e ex-servos, ela planejou matar Domiciano.

Após governar o império por 15 anos, Domiciano foi morto. A maioria das pessoas não lamentou sua morte. Apenas o exército bem pago pode ter ficado triste. Muitas pessoas lembravam seu governo como um período de medo e crueldade.

Veja também Césares, Os.

Doninha

Um pequeno animal com pelo marrom que caça camundongos e ratos.

Veja Animais.

Dons Espirituais

Veja Dons Espirituais.

Dor

Cidade palestina fortificada (moderna el-Burj) localizada ao longo da costa do Mediterrâneo, ao sul do Monte Carmelo e a 12,9 quilômetros ao norte de Cesareia. É mencionada ocasionalmente em conexão com eventos no período dos juízes e da monarquia unida ([Js 17.11](#); [Jz 1.27](#); [1Cr 7.29](#)). Dor é provavelmente a mesma cidade que Nafate-Dor ([Js 12.23](#); [1Rs 4.11](#)) e Nafote-Dor ([Js 11.2](#)). Durante os dias da Conquista, o rei de Dor juntou-se à confederação de Jabim contra Josué ([Js 11.2](#)), mas foi derrotado ([12.23](#)). A cidade foi atribuída à tribo

de Manassés, mas a tribo não conseguiu desalojar seus habitantes ([Jz 1.27](#)).

Dorcas

Dorcas era uma mulher cristã que vivia em Jope, na Judeia. As pessoas a conheciam por seus atos de caridade ([At 9.36-41](#)). [Atos 9.36](#) refere-se a Dorcas como discípula. Esta é a única vez no Novo Testamento em que o escritor usa a forma feminina da palavra "discípulo" no texto original grego. Não sabemos se ela era judia ou grega, já que tanto judeus quanto gregos usavam comumente seu nome grego "Dorcas". Seu nome em aramaico era "Tabita", que significava "gazela".

Quando Dorcas morreu, o apóstolo Pedro estava hospedado em uma cidade próxima chamada Lida. As pessoas tinham ouvido falar sobre como Pedro havia curado outros lá, então enviaram dois homens para levar Pedro a Jope. Quando Pedro chegou, outros já tinham preparado o corpo de Dorcas para o enterro e o colocado em um quarto superior. Pedro pediu a todos os enlutados que saíssem da sala. Então ele se ajoelhou para orar e trouxe Dorcas de volta à vida. Este milagre de ressuscitar alguém se tornou o primeiro realizado por um apóstolo.

Dormir

O estado natural de descanso para o corpo e a mente. Na Bíblia, o sono pode significar três coisas:

31. descanso físico;
32. inatividade moral ou espiritual;
33. morte.

O sono como descanso físico

O sono que o corpo humano necessita é visto como um precioso presente de Deus ([Salmos 4.8](#); [127.2](#)). O sono pode ser retido, conforme Deus escolhe e para servir aos seus propósitos ([Ester 6.1](#); [Daniel 6.18](#)). Deus também pode dar às pessoas um sono profundo ([Gênesis 2.21](#); [15.12](#); [1 Samuel 26.12](#)). Quando uma pessoa está dormindo, Deus pode revelar sua vontade em sonhos ou visões (por exemplo, [Gênesis 28.11-16](#); [Jó 4.13-17](#); [Mateus 1.20-24](#)).

O livro de Provérbios adverte contra a falta de disciplina de vida mostrada em muito amor ao

sono. Por exemplo, um provérbio diz: "Não ames o sono, para que não empobreças; abre os olhos e te fartarás de pão" ([Provérbios 20.13](#); veja também [6.9-11](#); [10.5](#); [24.32-34](#)).

O sono como inatividade moral ou espiritual

De forma simbólica, o sono é usado para significar preguiça, descuido ou inatividade. [Isaías 56.10](#) fala daqueles que falharam em sua responsabilidade como líderes do povo de Deus: "São sonhadores deitados, amando dormir". No Novo Testamento, aqueles que são servos do Senhor são chamados a estar alertas, para que, quando seu Mestre vier, não os encontre dormindo ([Marcos 13.35-37](#); veja também [Mateus 25.1-13](#); [26.40-46](#)). O desafio de estar espiritualmente alerta ocorre nas cartas do Novo Testamento:

- "Desperta, ó tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará". ([Efésios 5.14](#));
- "Portanto, não durmamos como os outros, mas permaneçamos acordados e sóbrios". ([1 Tessalonicenses 5.6](#)).

O sono como morte

A Bíblia frequentemente fala da morte como sono. Comumente no Antigo Testamento, quando uma pessoa morre, é dito que ela vai dormir com seus pais (por exemplo, [Deuteronômio 31.16](#); [2 Samuel 7.12](#)).

Jesus falou da morte como sono ([Mateus 9.24](#); [João 11.11](#)). O mesmo fez o apóstolo Paulo ([1 Coríntios 11.30](#); [15.20.51](#); [1 Tessalonicenses 4.13-14](#)). Algumas dessas declarações mostram que há uma natureza temporária na morte. É por isso que é chamada de sono. Até mesmo [Daniel 12.2](#) diz que a morte é um sono, até que os mortos "acordem, alguns para a vida eterna, mas outros para vergonha e desprezo eterno".

Outras passagens no Novo Testamento são mais específicas. O ensino completo da Bíblia sobre o significado da morte deve incluir o contexto [Lucas 23.43](#), [2 Coríntios 5.8](#), e [Filipenses 1.23](#), e [1 Tessalonicenses 5.13-14](#). Na primeira destas, Jesus diz ao ladrão moribundo na cruz: "Hoje você estará comigo no paraíso". No segundo, Paulo fala da morte para ele como indo estar "em casa com o Senhor".

Dositeu

1. Um judeu se apresentou como sacerdote e levita. Ele entregou uma carta de Mordecai sobre a Festa de Purim (possivelmente contendo o livro de Ester) a Ptolomeu e Cleópatra no quarto ano de seu reinado ([Ad Et 11.1](#)).

2. Um dos capitães de Judas Macabeu. Com Sosípatro, ele capturou e destruiu uma fortaleza de 10.000 soldados deixados para trás por Timóteo, um dos governadores de Antíoco IV Epifânio ([2Mc 12.19](#)).

3. Um dos homens de Baquenor. Este Dositeu era um cavaleiro de grande força. Sua tentativa de capturar Górgias (um dos generais de Ptolemeu) foi malsucedida ([2Mc 12.35](#)).

4. Filho de Drimulus e um apóstata. Um general dos Selêucidas, ele impediu o assassinato de Ptolemeu (governante do Império Selêucida) por Teódoto ([3Mc 1.3](#)).

Dotã

Cidade antiga localizada a cerca de 60 milhas (97 quilômetros) ao norte de Jerusalém, 13 milhas (21 quilômetros) ao norte da cidade de Samaria, e cerca de 5 milhas (8 quilômetros) a sudeste de Megido. As duas cidades de En-Ganim (atual Jenin) e Ibleão protegiam uma passagem estreita na estrada que levava a Dotã e seguia para a planície costeira.

O monte de Tell Dotha, local de Dotã, eleva-se 200 pés (61 metros) acima da planície circundante, atingindo uma altura de 1.200 pés (365,6 metros) acima do nível do mar. O topo do monte abrange cerca de 10 acres (4 hectares). De lá, é possível contemplar terras férteis com boas colheitas. Rebanhos pastam aqui como faziam nos tempos bíblicos, atraídos para a área em parte pela água adequada fornecida por suas nascentes.

Dotã foi o lugar onde os irmãos de José o venderam para uma caravana de ismaelitas ([Gn 37](#)). Um milênio depois, a cidade foi cercada por forças sírias em uma tentativa de capturar Eliseu, que morava lá e que se pensava estar traindo os planos sírios para o rei israelita ([2Rs 6.8-14](#)). Dotã também foi mencionada nas listas de lugares conquistados pelo Faraó Tutmés III e, no período intertestamentário, em conexão com as campanhas militares de Holofernes.

Dote

Presente de propriedade ou bens da família da noiva para a noiva ou o noivo antes do casamento.

Veja Casamento, Costumes de casamento.

Doutor da Lei

A tradução na ARC para "mestre da Lei" em [Lucas 5.17](#) e [Atos 5.34](#).

Veja Fariseus; Mestre.

Doutor da Lei

Termo usado principalmente por Lucas em seu Evangelho para se referir àqueles instruídos na lei de Moisés. *Veja* Escriba.

Doze, os

Designação para os 12 apóstolos em [1 Coríntios 15.5](#) e outros versículos. *Veja* Apóstolo, apostolado.

Dracma

Moeda grega feita de prata, aproximadamente equivalente ao denário romano.

Veja Moedas.

Dragão

O termo "dragão" na Bíblia refere-se a muitas criaturas terrestres ou marinhas grandes e assustadoras. No entanto, não se refere aos répteis alados que cospem fogo dos mitos europeus.

Os tradutores da versão ARC escolheram este termo para traduzir duas palavras hebraicas. Essas palavras são frequentemente traduzidas de forma mais precisa em versões modernas. Uma palavra refere-se a animais do deserto. A maioria dos estudiosos concorda que significa "chacais", como na NVI ([Sl 44.19](#); [Is 13.22](#); [Jr 9.11](#); [Mt 1.3](#)).

Veja Chacal.

A outra palavra hebraica traduzida como "dragão" é mais difícil de definir. Era frequentemente usada para se referir a serpentes ([Êx 7.9-12](#); [Dt 32.33](#); [Sl](#)

[91.13](#)). Também é traduzida como "monstro do mar" na NTLH ([Gn 1.21](#); [Jó 7.12](#); [Sl 148.7](#)). Não sabemos o que eram os monstros marinhos.

Algumas passagens na versão ARC são traduzidas como "dragão". Em uma delas ([Is 27.1](#)), o contexto indica um monstro marinho. Em outras três, "dragão" parece referir-se a um crocodilo ([Is 51.9](#); [Ez 29.3](#); [32.2](#)). Esta seria uma referência simbólica ao Faraó egípcio na época do êxodo. Em [Jeremias 51.34](#), "monstro" pode também referir-se a uma criatura devoradora como o crocodilo.

Veja Crocodilo.

Os mitos babilônicos retratavam monstros e dragões batalhando contra o deus Marduque, simbolizando o mal. Da mesma forma, o termo "dragão" nas Escrituras, especialmente nos livros proféticos, carrega esse significado. Em Apocalipse, representa especificamente Satanás, o maior inimigo de Deus ([Ap 12.3-17](#); [13.2,4,11](#); [16.13](#); [20.2](#)).

Dromedário

Camelo árabe de pés rápidos.

Veja Animais (Camelo).

Drusila

Drusila era a terceira e mais jovem filha de Herodes Agripa, rei da Judeia. Ela era judia e nasceu por volta de 38 d.C. Tinha duas irmãs chamadas Berenice e Mariamne. Drusila ficou noiva de Epifânio, príncipe de Comagena, mas cancelou o noivado porque ele se recusou a se converter ao judaísmo.

O irmão de Drusila, Agripa II, arranhou para que ela se casasse com Azizus, o rei de Emesa. Azizus concordou em ser circuncidado (um requisito religioso judaico). Logo após o casamento, Félix, governador da Judeia, se apaixonou por Drusila. Isso aconteceu quando Drusila tinha apenas 16 anos. Félix era gentio (não judeu). Por volta de 54 d.C., Félix convenceu Drusila a quebrar a lei judaica ao deixar seu marido para se casar com ele.

Enquanto Paulo estava sob custódia em Cesareia, Drusila e Félix o ouviram explicar a mensagem do evangelho ([At 24.24](#)). O filho deles, também chamado Agripa, morreu quando o vulcão italiano Vesúvio entrou em erupção em 79 d.C.

Dumá (Lugar)

1. Região das 12 tribos de Ismael ([Gn 25.14](#); [1Cr 1.30](#)) onde havia vários oásis; identificada com el-Jof, a moderna Dumat el-Jendel. Este lugar estava localizado a cerca de três quartos do caminho de Damasco a Medina.
2. Cidade nas terras altas atribuída à tribo de Judá como herança ([Js 15.52](#)). Seu local provavelmente é identificado com ed-Domeh, a 16 quilômetros a sudoeste de Hebrom.
3. Termo hebraico que se refere à terra do silêncio ou da morte; ou seja, o lugar das sepulturas ([Sl 94.17](#); [115.17](#)).
4. Talvez uma designação para Edom ou Idumeia em [Isaías 21.11](#) (ARC).

Dumá (Pessoa)

Filho de Ismael, que fundou uma tribo árabe ([Gn 25.14](#); [1Cr 1.30](#)).

Durá, Planície de

A localização na província de Babilônia onde Nabucodonosor ergueu a grande imagem de ouro, que todos os seus súditos foram ordenados a adorar ([Dn 3.1](#)), é incerta. Pode estar situada a sudeste de Babilônia ou dentro da grande muralha externa da própria cidade. A imagem provavelmente estava em um lugar proeminente e em uma área aberta usada para reuniões públicas. Como *dur* significa "muralha", a frase provavelmente deveria ser traduzida como "a planície da muralha", implicando que estaria perto da muralha da cidade em algum lugar.

Dureza De Coração*

Uma frase que significa obstinação espiritual.

As primeiras referências ao endurecimento do coração exemplificam as características fundamentais desta doutrina nas Escrituras. O número de referências é surpreendente; há pelo menos 20 ao endurecimento do coração do Faraó apenas no AT, bem como a exposição de Paulo de seu significado em [Romanos 9.17-24](#).

A primeira referência é [Êxodo 4.21](#), onde Deus promete a Moisés que ele endurecerá o coração do Faraó para que ele não permita que os israelitas saiam. Esta promessa é repetida (veja [Êx 7.3](#); [14.4.17](#)) e rapidamente vem a se cumprir ([7.13-14](#)), enquanto revelações e milagres seguem uns aos outros diante dos olhos do Faraó, seguidos pela ocorrência real dos eventos sobre os quais Deus advertiu, incluindo todos os julgamentos das 10 pragas.

Nenhuma dúvida é deixada na mente do leitor, seja no relato do Êxodo ou mais tarde, que a obstinação do Faraó era um ato de julgamento divino da parte de Deus para seus próprios fins e propósitos externos ([Êx 9.16](#); [Js 11.20](#); cf. [Rm 9.17-18](#)). No entanto, também é afirmado que o Faraó endureceu seu próprio coração ([Êx 8.15.32](#); [9.34](#); [13.15](#)), mostrando que o processo de endurecimento é um produto deliberado da rebelião pessoal contra a verdade revelada. Este é um aspecto crucial da apresentação das escrituras do assunto; o endurecimento judicial do coração não é apenas um ato de Deus sobre a natureza do pecador, mas também uma oposição intencional à verdade. O pecador é, portanto, responsável perante Deus por sua dureza de coração.

O processo de endurecimento judicial é descrito por Paulo em [Romanos 1.18-32](#). Todos os seres humanos têm uma consciência de Deus inata da qual eles deliberadamente se afastam. Eles transformam a verdade em uma mentira e suprimem a verdade que eles têm. Como resultado, a dureza de coração assume o controle. A expressão de Paulo para isso é que "sua mente vazia estava coberta de escuridão" porque "Deus os entregou" aos resultados de seu próprio pecado. Os resultados são tanto intelectuais ("Deus os entregou a uma mente tola") quanto morais, bem como sociais ou culturais. Paulo usa o termo "dureza de coração" em [Romanos 2.5](#) para descrever o resultado geral. É importante notar que não é contra a ira de Deus ou contra os resultados do pecado que os ímpios estão revoltados, mas contra a "verdade" e contra sua própria consciência ([2.14-16](#)).

Deus muitas vezes adverte seu povo para não endurecer seus corações, pois as Escrituras associam o endurecimento com a incredulidade ([Dt 15.7](#); [Hb 3.8.15](#); [4.7](#)). Jesus ficou entristecido com a insensibilidade dos corações de seus ouvintes ([Mc 3.5](#); [16.14](#)). Ele se referiu às concessões que Deus havia feito aos judeus sobre o divórcio por causa da dureza de seus corações ([Mt 19.8](#)).

Em pelo menos duas ocasiões nos Evangelhos, a cegueira judicial é atribuída diretamente a Deus, e seu propósito declarado ([Mt 13.13-15](#); [Jo 12.39-41](#)). A dureza de coração é, portanto, um aspecto do desenvolvimento do caráter caído, manifestando a raiz da rebelião ([Sl 95.8](#); [Jo 12.40](#); [Hb 3.8,15](#); [4.7](#)). Ao longo das Escrituras, a apostasia judaica é assim descrita ([2Rs 17.14](#); [Ne 9.16-17](#); [Hb 3.8](#)).

Veja também Cegueira; Julgamento; Regeneração.